Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Alexandre Douglas Crispim

Arquitetura eclesiástica:

Perspectivas na diocese de Osasco no desfecho do século XX

Mestrado em Teologia Cristã

São Paulo

2021

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Alexandre Douglas Crispim

Arquitetura eclesiástica:

Perspectivas na diocese de Osasco no desfecho do século XX

Mestrado em Teologia Cristã

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Teologia Cristã, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Ney de Souza.

São Paulo – SP

2021

BANCA EXAMINADORA

_____

_____

_____

Aos três amores brancos: Jesus Eucarístico, Nossa Senhora de Fátima e o Papa, que fazem pulsar o coração da Igreja.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus, pelo dom da vida e pela possibilidade da execução deste trabalho.

Reconhecimento ao Prof. Dr. Pe. Ney de Souza, que além de me acolher na PUC-SP como orientador no programa de Pós-Graduação em Teologia Cristã, esteve presente em todas as etapas da pesquisa. E, ainda, como educador, compartilhou seu profundo conhecimento e experiência acadêmica, estimulando-me sempre de forma positiva a enfrentar as dificuldades que surgiram no decorrer da pesquisa. Agradeço profundamente sua dedicação e seus cuidados, essenciais nesta etapa, e o tenho como inspiração para os próximos passos no mundo acadêmico.

Nos diferentes âmbitos da construção deste estudo, relativos à escrita e às reflexões teóricas e metodológicas, outros professores se aproximaram deste texto, particularmente pela participação na Banca de Qualificação. Dentre eles o Prof. Dr. Pe. Valeriano dos Santos Costa e o Prof. Dr. Pe. José Aguiar Nobre, minha gratidão pela atenção que concederam a este trabalho com tanto entusiasmo e estima.

Aos demais professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia Cristã da PUC-SP que cooperaram com sugestões e críticas positivas nesta pesquisa, no nome do Prof. Pe. Dr. Gilvan Leite de Araujo, coordenador deste programa de estudos, agradeço de coração, pois neste ambiente encontrei acolhimento e compreensão.

Aos colegas com quem convivi no grupo de pesquisa Religião e Política no Brasil contemporâneo, que se tornaram uma rede de apoio que acolhe a todos de forma esplendida. Gratidão a todos os que possibilitam este espaço de convivência, aprendizado e admiração mútua.

Ao meu bispo, Dom João Bosco Barbosa de Sousa, pelo apoio e incentivo como verdadeiro pastor de almas, pelo seu zelo pastoral que traz consigo um verdadeiro renovo e um santo ânimo. Agradeço o seu exemplo de fidelidade e de perseverança.

Aos presbíteros da diocese de Osasco, em especial aos padres que cooperaram com esta pesquisa e que foram extremamente generosos fornecendo as fontes de informação para este trabalho, gratidão pela atenção e afeto de autênticos irmãos.

Agradeço em especial a atenção e o carinho dos fiéis que forneceram seus depoimentos e que cooperaram imensamente com este estudo, sem este testemunho seria muito difícil alcançar os resultados, é uma satisfação em tê-los como amigos.

Agradeço especialmente aos meus familiares mais próximos, na pessoa dos meus irmãos, pela paciência, compreensão e apoio durante toda a minha vida. Vocês fazem parte do meu coração!

Por fim, pela dificuldade em qualificar cada pessoa, agradeço aos demais familiares e amigos pela lealdade e incentivo, gratidão a todos. Vocês são importantes, gratidão por fazer parte da minha vida.

RESUMO

Por meio deste trabalho, busca-se contribuir para os estudos acerca da edificação do espaço sagrado católico, focalizando inicialmente na origem dos primeiros edifícios, seu desenvolvimento e transformações ocorridas até a concepção que se tem de igreja como edifício construído. Um projeto inicial de igreja a partir dos sacramentos e sacramentais é apresentado tendo em mente as exigências que a liturgia faz em relação ao espaço sagrado depois do Concílio Vaticano II, visando a possibilitar um bom desenrolar da celebração litúrgica e uma participação ativa dos fiéis. Com todo esse conteúdo em consideração, faz-se uma análise da conjuntura das construções e reformas feitas nas principais igrejas da atual diocese de Osasco no final do século XX, período em que estava sendo criada. As tensões decorrentes do processo de edificação são comparadas e colocadas em evidência de acordo com a realidade cultural através da análise das principais influências sobre as escolhas das formas de tais edificações e reformas, e especialmente a necessidade de conservar e valorizar o patrimônio cultural e histórico. Este estudo se justifica pelas mudanças que ocorreram nas edificações da Igreja em Osasco em relação à renovação do pensamento artístico junto ao Concílio Vaticano II, incluindo a possibilidade de abrir novos horizontes para uma retomada da relação de amizade que os artistas sempre tiveram com a Igreja, além dos raros estudo sistemáticos sobre o assunto. Inicialmente pode se supor que as principais influências tenham relação com a arquitetura moderna, a formação dos presbíteros, a migração e a crise econômica. Conclui-se então que é possível construir na atualidade um espaço sagrado moderno e com nobre beleza.

Palavras-chave: Vaticano II, arquitetura, igreja, Osasco.

ABSTRACT

Through this work we seek to contribute to the studies on the construction of the Catholic sacred space, focusing initially on the origin of the first buildings, their development and transformations that have occurred until the conception of the church as a built building. An initial project of the church starting from the sacraments and sacramentals is presented bearing in mind the requirements that the liturgy makes in relation to the sacred space after the Second Vatican Council, with the aim of enabling the liturgical celebration to flow smoothly with the active participation of the faithful. Therefore, it is an analysis of the situation of the constructions and refurbishments made in the main churches of the current diocese of Osasco at the end of the 20th century, period in which it was being created. The tensions arising from the building process are compared and highlighted according to the cultural reality through the analysis of the main influences on the choices of the forms of such constructions and renovations, especially the need to preserve and enhance the cultural and historical heritage. This study is justified by the changes that occurred in the buildings of the Church in Osasco in relation to the renewal of artistic thought at the Second Vatican Council, including the possibility of opening new horizons for a resumption of the relationship of friendship that artists have always had with the Church, in addition to the rare systematic study on the subject. Initially, it can be assumed that the main influences are related to modern architecture, the formation of priests, migration and the economic crisis. As a conclusion, it is possible to build today nowadays a modern sacred space with noble beauty.

Keywords: Vatican II, architecture, church, Osasco.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 10

2. CAPÍTULO I – ASPECTOS IMPORTANTES NO PLANEJAMENTO DA CONSTRUÇÃO DE UMA IGREJA 12

2.1. O LUGAR SAGRADO: MEIO PARA O DIÁLOGO COM DEUS 12

2.2. O CORPO MÍSTICO DE CRISTO: A IGREJA E O TEMPLO 13

2.3. REFERÊNCIA ARQUITETÔNICA DO TEMPLO: CONCEPÇÃO DE IGREJA 17

2.4. A CASA DA IGREJA: *DOMUS ECCLESIAE* 18

3. CAPÍTULO II – COMO SE CONSTRÓI UMA IGREJA: UM PROJETO INICIAL 20

3.1. O PROJETO: PENSANDO O ESPAÇO LITÚRGICO 21

3.1.1. O ESPAÇO SAGRADO A PARTIR DA EUCARISTIA: UMA VISÃO PANORÂMICA 22

3.1.2. O ESPAÇO SAGRADO PARA A INICIAÇÃO CRISTÃ: BATISMO E CRISMA 25

3.1.3. O LUGAR DOS SACRAMENTOS DE SERVIÇO: MATRIMÔNIO E ORDEM 26

3.1.4. O LUGAR DOS SACRAMENTOS DE CURA: PENITÊNCIA E UNÇÃO DOS ENFERMOS 27

3.1.5. PROCISSÕES E OUTRAS AÇÕES QUE OCORREM DURANTE O ANO LITÚRGICO 29

3.1.6. EXÉQUIAS, LITURGIA DAS HORAS E BÊNÇÃOS 31

3.1.7. OUTRAS ÁREAS FORA DO ESPAÇO LITÚRGICO 31

3.2. ELEMENTOS TÉCNICOS IMPORTANTES PARA O PROJETO DE UMA IGREJA 33

3.3. ORNAMENTAÇÃO E DECORAÇÃO: ARTE E BELEZA 34

4 CAPÍTULO III – NOVAS IGREJAS E NOVAS CONSTRUÇÕES 36

4.1. UMA NOVA DIOCESE 36

4.1.1. AS IGREJAS DA DIOCESE DE OSASCO 37

4.1.1.1. IGREJA DE SANTO ANTÔNIO – CATEDRAL DE OSASCO 38

4.1.1.2. IGREJAS EM CARAPICUÍBA 44

4.1.1.2.1. IGREJA DE SANTO ANTÔNIO DA VILA CALDAS 46

4.1.1.2.2. IGREJA DE SÃO PAULO APÓSTOLO DA COHAB 49

4.1.1.3. IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA DE BARUERI 52

4.1.1.4. IGREJA DE NOSSA SENHORA DO MONTE SERRATE DE COTIA 56

4.1.1.5. IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE ARAÇARIGUAMA 60

4.1.1.6. IGREJA SÃO FRANCISCO DE PAULA DE ALUMÍNIO 64

4.2. PONTOS COMUNS 68

5. CONCLUSÃO 69

6. REFERÊNCIAS 77

7. ANEXOS 81

7.1. DEPOIMENTOS 82

7.2. FOTOS 139

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende refletir sobre as novas construções e reformas de igrejas na atual diocese de Osasco, feitas nas últimas décadas do século XX, através da avaliação das principais influências sobre os projetos e as construções destes edifícios, levando em consideração a relação que a Igreja tem com a arte e a arquitetura.

A escolha das igrejas para este estudo foi feita pelo seu grau de importância para a população local, levando em conta aquelas que foram construídas ou reformadas na época em que a reforma litúrgica, trazida pelo Vaticano II, estavam sendo colocadas em prática, isto é, a partir da década de 1970. O período em questão corresponde a um momento importante e particularmente tenso da história da Igreja, pois foi marcado pela polarização de visões internas e por um clima social, ao mesmo tempo efervescente e de grande convulsão, de contestação global – que não deixou de reverberar os seus efeitos no âmbito cultural do mundo católico[1].

Inicialmente avaliaremos a influência que o Concílio Vaticano II teve sobre as construções e reformas de igrejas estudadas e outras possíveis inspirações, sem deixar de lado a preocupação da conservação dos bens da Igreja.

O presente trabalho se trata de uma pesquisa mista de caráter teórico bibliográfico e pesquisa-ação de caráter exploratório e descritivo. A obtenção de dados e o desenvolvimento desse trabalho são feitos com consultas bibliográficas de abordagens da arquitetura do espaço sagrado na Igreja Católica, do Ritual da Dedicação de Igreja e do Altar, da Instrução Geral sobre o Missal Romano e consultas a projetos variados de igrejas. Foram realizadas entrevistas com párocos, paroquianos e arquitetos que participaram de alguma forma do processo de construção ou reforma das igrejas no período proposto, procurando levantar os problemas enfrentados, as soluções obtidas e até mesmo as influências externas ao processo de construção ou reforma do edifício.

O projeto pretende compreender as consequências e os efeitos da recepção do Concílio Vaticano II no que diz respeito aos projetos arquitetônicos de construção e reforma das igrejas, analisando o desenvolvimento histórico do pensamento do arquiteto na Igreja a partir do contexto pós-conciliar.

O primeiro capítulo trata das noções essenciais sobre o espaço sagrado, o templo da Igreja, a *domus Ecclesiae* e o corpo místico de Cristo. O segundo capítulo traz um esquema para um projeto inicial de construção de uma igreja católica, como uma visão panorâmica do edifício e sua relação

[1] Cf. THEOBALD, C. *A Recepção do Concílio Vaticano Segundo: Acesso à Fonte.* Volume I. São Leopoldo: Ed. Unisinos. 2015, p. 41.

com a liturgia dos sacramentos e sacramentais, apresentando também outros elementos fundamentais como a arte e a beleza. No terceiro capítulo, temos a apresentação da diocese de Osasco, e, a seguir, um breve histórico de cada uma das cidades da igreja escolhida por este estudo, seguido pela apresentação do contexto histórico da construção ou reforma do prédio com sua respectiva analise crítica baseada nos princípios do segundo capítulo desta obra. São no total sete edifícios que funcionam como igreja matriz de uma paróquia, iniciando pela catedral de Osasco, passando por duas igrejas em Carapicuíba, uma em cada cidade de Barueri, Cotia, Araçariguama e Alumínio. Poderiam ser abordadas outras igrejas importantes nesta pesquisa, mas a história da construção destas igrejas, em sua maioria, está fora do período proposto neste estudo, ou não tem um significado tão marcante quanto as que foram escolhidas. E, finalmente, concluiremos com a análise da concepção destes projetos e a influência que o Concílio Vaticano II teve sobre estas construções nesse período, verificando tendências, continuidades e descontinuidades nos mesmos.

Foram encontradas algumas dificuldades nos estudos desta pesquisa, especialmente pela pandemia da COVID-19, que dificultou muito nosso acesso aos fiéis que podiam dar seu depoimento e o acesso à biblioteca. A falta de arquivos organizados nas respectivas paróquias foi outro problema que encontramos, o que poderia resultar em lacunas que felizmente foram preenchidas pelos depoimentos dos contemporâneos. A ausência do livro tombo é a principal lacuna presente, em conjunto com a falta de registro dos eventos, como projetos e outros desenhos relacionados a construção e reforma das igrejas. Além de tudo isso, há a recusa ou falta de cooperação de alguns padres que se negaram ou não responderam à solicitação para fazer um depoimento.

Queremos ainda demonstrar que é essencial estudar e avaliar a renovação que o pensamento artístico trouxe para a Igreja e suas relações com o Concílio Vaticano II, evidenciando a necessidade do aprofundamento na relação de amizade que a Igreja sempre teve com os artistas[2], com uma maior interação entre estes campos, para abrir novos horizontes com uma perspectiva acadêmica.

[2] Cf. SACROSANCTUM CONCILIUM (SC) nº 122.

2. CAPÍTULO I – ASPECTOS IMPORTANTES NO PLANEJAMENTO DA CONSTRUÇÃO DE UMA IGREJA

Este capítulo oferece importantes noções sobre a arquitetura de uma igreja católica em sua forma funcional e estética. Tendo em conta a estrutura do espaço sagrado em que a Igreja se reúne, sendo ela mesma o templo de Deus. São incluídos os aspectos históricos do surgimento das primeiras estruturas arquitetônicas usadas pela Igreja. Seguidas das noções sobre as construções depois do Édito de Milão, usadas como exemplos para novas igrejas.

O projeto de um templo para o uso da Igreja é elaborado a partir do espaço reservado à celebração dos sacramentos, especialmente a Eucaristia, os sacramentais e a liturgia das horas; ainda explora as necessidades da comunidade cristã nas áreas anexas ao espaço litúrgico. A partir dessa perspectiva pode-se desenvolver um plano arquitetônico para que se faça um edifício que favoreça a participação dos fiéis, um espaço útil, confortável e que os fiéis sintam a acolhida em um ambiente que favorece a elevação de suas orações a Deus, pois o próprio Senhor chama a casa de Deus como casa de oração, no Evangelho de Mateus, capítulo 21, versículo 13.

2.1. O LUGAR SAGRADO: MEIO PARA O DIÁLOGO COM DEUS

Cristo tornou-se o templo da Nova Aliança e reuniu um povo adquirido por sua paixão, morte e ressurreição, um povo que se reúne pela unidade da Santíssima Trindade, a Igreja ou templo de Deus, edificado de pedras vivas, onde o Pai é adorado em espírito e verdade. Por este templo invisível, a igreja construída de pedras aparece como sinal da Igreja peregrina na terra e imagem daquela que habita nos céus[3].

Dispor um lugar específico ao culto da divindade é um modo humano de dialogar com Deus, um lugar delimitado, subtraído do uso comum e dedicado exclusivamente ao culto. A ação ritual sagrada torna sagrado também o edifício de culto em que o rito é realizado, obviamente não do mesmo modo do que no sinal sacramental. A sacralidade do local procede de sua reserva para o culto divino e da sua capacidade comunicativa-simbólica como imagem da Igreja como presença do Senhor na globalidade das celebrações[4].

O lugar escolhido por Deus durante o Antigo Testamento, para manifestar de um modo especial a sua presença no meio do povo, foi o antigo santuário transportado pelos israelitas pelo deserto, que depois foi substituído pelo Templo de Jerusalém. Apesar desta realidade da presença de Deus ser tão importante para o povo, não era ainda a plena presença de Deus entre os homens, mas

[3] Cf. LUMEN GENTIUM (LG), nº 6.
[4] Cf. SILVA, J. A. *Os elementos fundamentais do espaço litúrgico para a celebração da Missa: Sentido teológico – Orientações Pastorais.* São Paulo: Paulus. 2007, p. 5-6.

uma figura do Verbo de Deus que se fará carne se tornando homem. No capítulo 2, versículo 9, da epístola aos Colossenses, temos que Jesus Cristo é o verdadeiro templo da Nova Aliança, em que habita corporalmente toda a plenitude da divindade. De acordo com o Evangelho de João, no capítulo 2, versículo 19, Cristo identifica o Templo com o Seu próprio Corpo, quando fala sobre a destruição deste e que o reergueria em três dias, e referindo-se à sua ressurreição.

O lugar sagrado é onde ocorre o encontro de Deus e o ser humano, através do culto. Lugar que reflete o paraíso reaberto por meio de símbolos usados na construção do templo para refletir o mistério celebrado, lugar da beleza de Deus. As formas do templo são meios de comunicação do mistério da fé; a igreja projetada e construída não é somente um lugar confortável em que se sente bem, mas um lugar que comunica o mistério, que ajuda os fiéis a elevar a sua alma a Deus.

O respeito e zelo pelo templo é algo que se tem em mente desde a antiguidade, confirmamos isso pelo livro do profeta Isaías, capítulo 56, versículo 7c, onde se lê que “a minha casa será chamada casa de oração”. Além de que Jesus sublinha a finalidade do templo, quando expulsa os vendilhões e passa a dar seus ensinamentos todos os dias neste lugar, conforme a Evangelho de Lucas, capítulo 19, nos versículos de 45 a 48.

Uma igreja é um espaço consagrado para a celebração do culto divino, segundo o código de direito canônico. Além disso existe o paradigma espacial de igreja representada no Evangelho de Lucas, capítulo 22, versículo 12, como uma sala grande e provida de móveis, não se pode deixar de lado adequação e decoro do espaço com a liturgia celebrada.

2.2. O CORPO MÍSTICO DE CRISTO: A IGREJA E O TEMPLO

Conforme nos fala o Evangelho de João, no capítulo 2, versículo 21, o corpo de Cristo é o verdadeiro e perfeito templo da Nova Aliança por sua morte e ressurreição, e reuniu o povo adquirido. O templo de Deus é construído de pedras vivas e é o lugar onde o Pai é adorado em espírito e verdade, chamado também de Igreja, como Jesus ao falar com a Samaritana se refere no Evangelho de João, capítulo 4, versículo 23.

Em primeiro lugar, temos que pensar no termo Igreja a partir do âmbito bíblico neotestamentário, onde temos algumas indicações de uma preexistente organização que deve despontar no futuro, no entanto sem tantas distinções de ministérios ou funções.

O edifício onde a comunidade cristã se reúne para celebrar os sacramentos e ouvir a Palavra de Deus recebeu também o nome de igreja desde a antiguidade, como uma espécie de figura e imagem

da Igreja celeste[5]. A igreja, edifício visível, é sinal da Igreja peregrina na terra e imagem da Igreja das realidades celestes.

No livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 2, versículo 46, percebemos que o templo de Jerusalém é um dos centros da vida litúrgica e da oração dos primeiros cristãos. Evidentemente o templo não era o único lugar onde se reuniam para a oração e o culto, celebravam a fração do pão em casas particulares, por não possuírem ainda um edifício reservado especialmente para as suas reuniões. O Cristianismo nascente se reúne para celebrar o culto a Deus, e necessita de um local para a reunião, e inicialmente a residência particular foi o primeiro espaço para as reuniões específicas das comunidades cristãs o que tornou possível a vida comunitária[6]. Era necessária uma sala ampla, com um altar, em que o ritual estava sob a presidência do bispo.

Havia edifícios com nomes especiais, como *domus Ecclesiae* e *domus Dei*. Um dos exemplos mais antigos de que se tem notícia é o que se encontra na cidade de Dura-Europos, às margens do rio Eufrates, atual Síria, local de um dos primeiros edifícios cristãos registrados. Ele foi abandonado durante um cerco da cidade em 256 d.C., entretanto a *domus Ecclesiae* de Dura-Europos permaneceu notavelmente bem preservada até sua descoberta em 1927. Permanecendo como evidência física da atividade ritualística de uma comunidade cristã primitiva. O seu batistério escavado, em particular, fornece uma visão sobre a forma como o batismo foi conduzido neste ponto inicial no desenvolvimento cristão. Dura-Europos pode ser vista como uma matriz para a criação de um tipo particular de identidade cristã. A *domus Ecclesiae* funcionava como um lugar-chave e identificável para os cristãos do lugar; foi mobiliada, através do comportamento ritual, para definir os cristãos como uma comunidade particular associada ao simbolismo cristão. Percebe-se que foi o resultado da adaptação de uma casa particular para as necessidades dos ritos cristãos, sendo a mais antiga casa de oração conhecida cujo local se encontra identificado, e uma das primeiras igrejas cristãs de que há registro[7]. O mesmo tipo de adaptação aconteceu em Roma em uma casa do século II que se encontra no sítio arqueológico da Basílica de São Clemente, e em outras basílicas romanas[8].

---

[5] cf. BUGNINI, A. *A Reforma Litúrgica (1948-1975).* São Paulo: Paulinas: Paulus: Edições Loyola. 2018, p. 649.
[6] cf. ROMAG, D. *História da Igreja: A Antiguidade Cristã.* Sertanópolis: Calvariae Editorial. 2019, p. 60.
[7] cf. CHRISTIAN, R. I. *House, Church, or Neither? The Dura-Europos House church as Christian Place and Christian Initiation Centre.* Calgary: University of Calgary. 2019, p. 3-13.
Disponível em: https://prism.ucalgary.ca/handle/1880/111045
Consultado em 28/11/2020 às 11:40h
[8] cf. PIERINI, F. *A Idade Antiga: Curso de História da Igreja.* São Paulo: Paulus. 2018, p.71.

É significativo que alguns dos "títulos" de igrejas romanas, isto é, das 25 igrejas presbiterais romanas que se referem o *Liber Pontificalis*[9], não levem nomes de mártires, mas de simples fundadores ou proprietários, como Praxedes. Sem dúvida se trata de casas privadas cedidas por seus donos para as necessidades do culto. A partir da paz constantiniana, os edifícios, transformados em basílicas, perderam sua fisionomia original, mas os estudos arqueológicos de algumas delas mostram restos da casa. Antes mesmo da paz, quando o ritual se articulou em funções definitivas, a comunidade cristã construiu edifícios próprios para o culto, que foram os antecedentes das basílicas.

As igrejas cristãs eram feitas para que os fiéis se reunissem, por isso depois do Édito de Milão os edifícios construídos em geral tinham forma basilical, que eram grandes salas, providas muitas vezes de naves laterais, com muitas janelas nas paredes laterais e acima dos arcos interiores, para iluminar bem o seu interior, com uma abside redonda. As basílicas eram grandes salas providas de naves laterais, bem iluminadas, geralmente com uma abside redonda onde se tinha o altar e um átrio na entrada. A partir do século IV as igrejas começaram a ser construídas de forma que o altar principal ficasse voltado a oeste, para o nascer do sol, que é símbolo da parusia de Cristo. Durante a vida de Constantino, as primeiras basílicas construídas em Roma foram a do Latrão e a de São Pedro.

Havia outros sistemas de construção, bastante comum no Oriente, construções de planta concêntrica, octogonal e redonda, às vezes em forma de cruz, com quatro ou mais átrios com uma cúpula. Exemplos deste tipo de construção são o Mausoléu de Santa Constância, em Roma , e a Basílica de São Lourenço, em Milão. Das primeiras igrejas de planta central derivaram os elementos construtivos das igrejas bizantinas, cujo exemplo mais original é o templo de Santa Sofia, na atual Istambul, Turquia.

A partir do início das perseguições e da violência do império contra a fé cristã, os fiéis passam a se reunir nas catacumbas, considerando-as como lugar do culto cristão na época, transformadas em lugares de refúgio, com cortes nas galerias, saídas falsas e passagens clandestinas para os caminhos vizinhos. Estes cemitérios subterrâneos não eram locais habituais do culto cristão, isso só ocorre quando se desencadeiam as perseguições contra eles.

> A instalação em casas particulares, mesmo quando cedidas definitivamente, em breve se tornou insuficiente. Talvez tenha sido a partir dos fins do século I que os cristãos pensaram em edificar a "casa da Igreja", para ali terem salas mais espaçosas, já que a assistência aumentava de ano para ano... Espalhadas por toda a parte, deviam ser

[9] *Liber Pontificalis* é o livro que contém as biografias dos papas dos primeiros séculos. Apud: DAVIS, R. *The Book of Pontiffs.* Liverpool: University of Liverpool Press. 1989, p. 65.

> numerosas, pois em várias ocasiões os imperadores que perseguirem o cristianismo no século III assinarão decretos ordenando a sua destruição[10].

Eusébio de Cesareia, em sua história eclesiástica, narra a reconstrução das "casas de oração" reerguidas das ruínas ainda mais belas que as destruídas anteriormente, uma alegria indizível se espalhava entre os cristãos livres da opressão e da perseguição do império[11].

A Igreja deixa de ser uma religião ilícita pelo Édito de Milão assinado pelo Imperador Constantino, passando a ser legítima e publicamente livre para exercer suas atividades. Depois disso, o Imperador Teodósio declara a Igreja cristã a religião do Estado com o Édito de Tessalônica. A partir disso a Igreja passa a ocupar, na estrutura do Império Romano, o lugar antes ocupado pela religião pública pagã. Essa condição nova vai se refletir na arquitetura dos templos cristãos. Desde o século IV nas cidades maiores, em Roma, sobretudo nas pequenas casas-igrejas, já transformadas em igrejas titulares, sucedem as grandes basílicas, imitando o estilo dos prédios públicos imperiais[12]. Com o consentimento do governo, a população tem o direito de escolher e praticar o culto que preferir, dando à Igreja a possibilidade de ser ajudada e de reconstruir as suas ruínas. O favor da autoridade imperial proporcionou o crescimento da riqueza e expressividade do culto e dos seus edifícios.

Depois do Édito de Milão surgiram em todo o Império edifícios especiais consagrados ao culto cristão, que receberam o nome de basílicas. O termo *ecclesiae* que era usado antes da paz, só é usado novamente em 605 d.C. por Gregório Magno, para se converter em denominação quase que exclusiva de todos os lugares de culto.

Em Roma, conservam-se basílicas em número suficiente para poder comprovar que se submetiam a plano bastante uniforme que contava com um átrio retangular, a céu aberto, rodeado geralmente de um pórtico de colunas, reservado aos catecúmenos; um espaço retangular, aproximadamente duas vezes maior que sua largura, dividido por filas de colunas em três ou cinco naves, sendo a central mais alta que as laterais, convergindo para o altar que é o centro de todo o edifício, de onde o bispo celebrava junto com os presbíteros, e o santuário em uma abside semicircular onde ao fundo se situava a cátedra episcopal[13].

As igrejas construídas em Roma se tornam referência de edifício, pois todos os que vão até lá visitam os lugares onde estão as relíquias dos mártires, é um lugar obrigatório de visita para o romeiro,

---

[10] DANIEL-ROPS. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires.* São Paulo: Quadrante. 2014, p. 213-214.
[11] cf. EUZÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica.* São Paulo: Paulus. 2000, p. 467.
[12] cf. SOUZA, N. de. Da Igreja doméstica à paróquia: Aspectos históricos das origens à atualidade da paróquia. In: *Revista de Cultura Teológica.* nº 83: ano XXII. 2014.
Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/19228
Consultado em 28/11/2020 às 14:00.
[13] cf. PLAZAOLA, J. *El Arte Sacro Atual: Estudio, Panorama, Documentos.* Madrid: BAC. 1965, p. 108-109.

e a cada visita a cidade deixa na memória dos fiéis as formas e os volumes monumentais das basílicas. A referência de igreja para a época são as formas de basílicas, que mudarão de estilo com o desenvolvimento da história. A Igreja nunca teve um estilo único e próprio de arte, como nos indica a Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia[14], mas sempre deu a liberdade aos artistas para se utilizarem dos estilos da época, o que enriqueceu muitíssimo o seu patrimônio artístico.

2.3. REFERÊNCIA ARQUITETÔNICA DO TEMPLO: CONCEPÇÃO DE IGREJA

Estabelecida desde os primeiros tempos da Igreja, Roma é uma autoridade em matéria de doutrina e supervisão em relação à fé, que provêm da tradição apostólica, que liga a fundação da Igreja de Roma ao apostolado de São Pedro, "nos momentos mais importantes da vida da Igreja, já no século II se está habituado a olhar para Roma"[15]. Exemplo disso encontramos no texto *De Fabrica Ecclesiae* de Carlos Borromeu, onde há referências às igrejas de Roma como exemplo para as igrejas da diocese milanesa, quando se trata da arquitetura religiosa[16]. O que um edifício precisa para ser considerado uma igreja é a questão que o arquiteto deve ter em mente e pesquisar a concepção de igreja da própria comunidade local.

O edifício a ser construído para a Igreja deve atender a certas exigências, como ser adequado às celebrações sagradas, belo e nobre sem mera suntuosidade, possibilitando o exercício dos diversos ministérios nas cerimônias e zelo de atender ao que a assembleia necessita quanto à celebração dos sacramentos. Seguir esses conceitos leva a uma ideia de arquitetura religiosa, sem se esquecer de olhar o exemplo da igreja mãe de uma diocese, que é a sua catedral. A catedral em sua diocese é o modelo para as outras igrejas que nela existem[17], tanto no campo litúrgico como arquitetônico. A igreja catedral é aquela em que se encontra a cátedra do bispo, sinal do seu magistério e do seu serviço de pastor da Igreja particular, além de apontar para a unidade dos que creem no Cristo que o mesmo bispo anuncia ao seu rebanho. A igreja catedral é a expressão do templo espiritual, construído no interior das almas, considerada como imagem figurativa da Igreja visível de Cristo e centro da vida litúrgica da diocese.

---

[14] cf. SC, nº 123.
[15] PIERINI, F. *A Idade Antiga: Curso de História da Igreja.* São Paulo: Paulus. 2018, p. 81.
[16] cf. BORROMEO, C. *Instruções sobre a Fábrica e as Alfaias Eclesiásticas.* Apud: FRADE, G. *Entre Renascimento e Barroco: os Fundamentos da Arquitetura Religiosa e a Contrarreforma – o De Fabrica Ecclesiae de Carlos Borromeu.*Tese de Doutorado. 2016, p. 156.
[17] cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Cerimonial dos Bispos.* São Paulo: Paulus. 1988, nº 46.

Toda igreja a ser construída e dedicada deve ter um titular, que pode ser a Santíssima Trindade, ou Jesus Cristo sob a invocação de algum mistério de sua vida ou nome empregado na liturgia, o Espírito Santo, a Virgem Maria, os santos anjos ou ainda um santo inscrito no Martirológio Romano ou no seu apêndice devidamente aprovado. A escolha do titular da Igreja depende da devoção e piedade do povo que frequenta a comunidade, que é especialmente motivada pela pregação e espiritualidade do clero.

O projeto de construção é também influenciado pela comunidade local, o povo de Deus. A Igreja em si leva em conta a estrutura do bairro em que a igreja vai ser construída, se os fiéis se sentirão acolhidos em um lugar com o determinado estilo. Consultar a opinião da comunidade local é de grande valia, pois isso dará um retorno futuro, tanto material quanto espiritual. Formar um conselho de peritos[18] para construção, composta pelo pároco, por técnicos especializados, como arquiteto, engenheiro e tesoureiro, além de membros da comunidade, para que possam criar um projeto de acordo com as prescrições necessárias.

O projeto de construção em uma paróquia é normalmente administrado pelo seu pároco, que, junto a um "conselho de construção", poderá deliberar, escolher e propor um novo projeto, segundo as determinações do ordinário local. É importante que a concepção de arquitetura de um padre seja muito clara e dinâmica, favorecida especialmente graças à formação no seminário, onde o Concílio solicita que os clérigos estudem a história da arte sacra, sua evolução, os princípios que devem ser observados na arte sacra, para que aprendam a dar o verdadeiro valor aos monumentos da Igreja, a conservá-los e se tornarem capazes de orientar os artistas na realização de suas obras, inclusive na área da arquitetura[19].

2.4. A CASA DA IGREJA: *DOMUS ECCLESIAE*

A Igreja como edifício, sempre e em todos os tempos, para os cristãos, é imagem do Corpo de Cristo. Sendo assim nos convém iniciar este estudo a partir do período da Igreja como casa, a *Domus Ecclesiae*, que revela o que é o edifício onde se celebra a liturgia para os cristãos dos primeiros séculos.

A interpretação do Templo de Deus, a partir do espírito divino do seu interior, nos leva a pensar no conjunto dos cristãos como "casa de Deus", o que inclui tanto a dimensão do culto como a dimensão da presença; por meio do Espírito Santo, os cristãos e a Igreja inteira são o local da presença de Cristo, de seu corpo. O conceito de templo se refere ao corpo de Cristo como novo templo que

[18] CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO (CIC), Cân. 1216.
[19] Cf. SC, nº 129.

sugere um significado subjetivo com uma linha dupla de ideias, a do culto de adoração a Deus e a da *inhabitatio* divina[20].

Na teologia cristã o *focus* litúrgico deve ter como ponto de partida o mistério de Cristo, desde a Encarnação até a Paixão, Morte e Ressurreição, pois a religião cristã supõe a espiritualização do culto, como se pode verificar em certas tendências religiosas helenísticas e judaicas do tempo de Jesus, ainda mais além, sendo encarnação, Deus realmente presente entre os homens, e assim se pode falar dos espaços sagrados.

A igreja construída de pedras é sinal visível da Igreja viva de Deus[21], que é edificada sobre o alicerce dos apóstolos e que tem por pedra angular o Cristo. Quando no início da construção é costume celebrar um rito de bênção da área da nova igreja pedindo a Deus os favores para a realização da obra, com o sentido de dedicar ao Senhor as obras que se iniciam.

Depois de apresentar perspectivas sobre o lugar sagrado e a igreja como templo de Deus, seguiremos no próximo capítulo com noções sobre como construir uma igreja, partindo de sua utilização.

[20] RATZINGER, J. *Pueblo y Casa de Dios em la Doctrina de San Agustín sobre la Iglesia.* Madrid: BAC. 1954, p. 416.
[21] Cf. LG, nº 6.

3. CAPÍTULO II – COMO SE CONSTRÓI UMA IGREJA: UM PROJETO INICIAL

Neste capítulo, vamos tratar do desenvolvimento do projeto de uma igreja segundo a reforma litúrgica depois do Vaticano II. Pensado o espaço a partir dos sacramentos e sacramentais ali celebrados, incluindo a utilização de objetos artísticos; como uma casa que deve se adaptar ao povo, que é o templo do Deus vivo e a serviço dos fiéis reunidos.

Qualquer igreja deve ser capaz de assumir alguns princípios básicos na construção do seu espaço sagrado, em primeiro lugar a acolhida dos fiéis que vêm para a oração, em seguida favorecer a proclamação da Palavra de Deus e permitir a celebração da Eucaristia e dos outros sacramentos sobretudo nas igrejas paroquiais. Estes princípios levam a ter em mente o que chamaremos de funcionalismo litúrgico[22]. Aqueles que vão elaborar e construir o espaço sagrado devem ter como inspiração a liturgia, usando a arte para servir a Cristo, pois a construção de igrejas não é simplesmente criar um espaço funcional, mas vai muito além disso, o espaço deve ter um sentido constitutivamente teológico[23].

A arquitetura religiosa não pode ser mera redução funcionalista de um edifício, onde a forma segue meramente a função, mas deve ser essencialmente comunicação das realidades divinas. O uso de adornos, como pinturas e mosaicos, com a mentalidade da arquitetura moderna, parece não ter mais utilidade na funcionalidade da construção, onde se diz que menos é mais e de onde se vem a simples valorização das formas geométricas e essenciais e das cores primárias. No entanto, a arquitetura religiosa não fica restrita a esses pensamentos, pois tem que admitir que uma das funções da igreja é a sua expressividade simbólica, e que ela possui uma atmosfera espiritual, que eleva quem nela aproxima e adentra, além de educar para o sentido do sagrado pela expressão do simbólico.

O espaço litúrgico se define a partir das ações litúrgicas que nele se desenvolverão, tanto do enfoque simbólico, quanto pastoral. A Eucaristia define o lugar, unida aos outros sacramentos e sacramentais. A arquitetura de um templo deve não só favorecer o suporte físico para a celebração, mas também transmitir uma mensagem através das formas e símbolos usados na liturgia.

O lugar em que a comunidade cristã se reúne para ouvir a Palavra e dirigir a Deus suas preces, para celebrar os seus mistérios, é a imagem da singular Igreja, templo de Deus edificado com pedras vivas. Há um triplo fim litúrgico na reunião do povo como assembleia: a escuta da Palavra, a oração e a celebração dos mistérios; a amplitude dos conceitos do fim litúrgico da reunião da Igreja abre a

---

[22] Cf. BUCCIOL, A. *Liturgia, Vida da Igreja*. Brasília: Edições CNBB. 2020, p. 67-76.
[23] TOMMASO, W. S. *A Gênese do Templo Cristão – Museu de Arte Sacra.* 2018.
Disponível em https://www.academia.edu/44061396/A_G%C3%8ANESE_DO_TEMPLO_CRIST%C3%83O
Consultado em 06/02/2021 às 16:43h.

perspectiva da visão do espaço litúrgico para outros aspectos da celebração do mistério cristão. O templo cristão se define como o lugar de ação e de presença, tanto divina como humana; onde se celebra a Eucaristia e os fiéis se reúnem.

Se uma igreja se ajusta bem a seu uso litúrgico, já estará em concordância com o real simbolismo da liturgia católica, ao mesmo tempo intuitiva, profunda e sensível. A igreja não é e não deve ser um espaço vazio, por ser um espaço do espírito, mas lugar fundamentado no sacrifício pascal de Cristo.

O espaço litúrgico deve ser flexível por incluir uma infinidade de ações muito diversas, e por ser resultado dos diversos espaços que acolhe, desde o altar até o batistério, o átrio e outros lugares são também complexos e necessitam de lugares auxiliares como a sacristia e as credências, e outros requisitos técnicos essenciais. O edifício precisa manifestar por sua disposição a imagem do povo de Deus que se reúne, por uma determinada ordem, possibilitando que os diferentes ministérios possam ser praticados com devido decoro. O projeto de uma igreja deve revisar também as obras mais importantes de arquitetura construídas nos últimos anos, recorrendo aos documentos e orientações da circunscrição eclesiástica e da Igreja.

3.1. O PROJETO: PENSANDO O ESPAÇO LITÚRGICO

A ação do culto determina a forma do edifício sem tirar a liberdade de se fazer a bela arte a partir da arquitetura, inclusive, sem necessariamente ser um *design* industrial. As novas técnicas e materiais utilizados na construção de edifício no século XX fazem com que a modernidade arquitetônica tenha interesse especial na renovação litúrgica. O que determina o espaço interno do templo são o altar, a assembleia e a relação dinâmica que se estabelece entre estes. Seria um grave erro deixar de lado as orientações dadas pelo Concílio em que a liturgia exige a participação ativa dos fiéis.

É essencial que para iniciar a confecção de um projeto de igreja se leve em conta em um primeiro plano o seu programa funcional, conhecer o que se celebra dentro do espaço que será usado, os sacramentos, os sacramentais, a liturgia das horas dão uma visão de como deve ser um edifício para o culto. “Toda a celebração litúrgica é a ação sagrada por excelência por ser ação de Cristo Sacerdote e de seu Corpo, que é a Igreja”[24], o que torna o espaço em que se celebra sagrado. As ações litúrgicas necessitam de espaços específicos e concretos que provêm das ações rituais-simbólicas e

[24] SC, nº 7.

de necessidades técnicas. A natureza do templo cristão é definida precisamente pela ação litúrgica ali realizada, que implica a reunião dos fiéis, que são as pedras vivas do templo.[25]

3.1.1. O ESPAÇO SAGRADO A PARTIR DA EUCARISTIA: UMA VISÃO PANORÂMICA

A Eucaristia é o ápice da vida cristã e da ação apostólica, uma vez que esta última pressupõe a participação na comunhão da Igreja. E é, ao mesmo tempo, fonte, porque constitui o alimento da sua vida e missão, que exortava a conhecer, amar e imitar Cristo, em um impulso na vida cristã que passa continuamente pela Eucaristia.[26] Desta forma, o sacramento da Comunhão ocupa um espaço essencial na própria Igreja e é a estrutura de base para conformação do espaço litúrgico. Por isso vamos observar o que traz a Instrução Geral do Missal Romano, que apresenta a tradição ritual relacionada à Eucaristia, incluindo a forma física do lugar de culto, com os aspectos e elementos da liturgia eucarística e sua manifestação simbólica.

A arquitetura cristã tradicional distinguiu nos edifícios da Igreja dois ambientes espaciais principais, o presbitério, que corresponde a quem recebeu o sacramento da Ordem; e a nave, aos fiéis leigos. Os dois ambientes se comunicam e manifestam a natureza orgânica e ministerial da Igreja em uma clara unidade expressa pela diversidade de funções e ações.[27]

Todos os membros da Igreja são chamados a desempenhar seu ministério ou ofício, e ao fazerem aquilo que lhes corresponde fazem com que a natureza da Igreja seja refletida no espaço da igreja. A nave da igreja, o espaço da assembleia, deve favorecer a participação ativa de todos os fiéis na ação litúrgica, pensando inclusive na disposição dos assentos para os fiéis, nos movimentos processionais previstos nos ritos litúrgicos, na difusão sonora da voz e da música, na iluminação conveniente e em tudo que auxilie a fazer do ambiente um espaço acolhedor, nobre e festivo.

Durante a celebração litúrgica, o presbitério tem destaque em relação aos demais espaços, tratando-se especialmente do altar, do ambão e da sede do celebrante, onde se desenvolvem os ritos litúrgicos. É conveniente por isso que este seja distinto da nave por elevação ou por especial estrutura e ornato, sendo ainda bastante amplo para que os ritos sagrados se desenrolem comodamente.[28]

O altar é onde se torna presente o sacrifício da cruz pelos sinais do sacramento da Eucaristia, sendo também a mesa do Senhor onde o povo de Deus tem lugar especial, é o centro da ação de graças realizada através da Eucaristia, sinal da presença de Cristo, a mesa do sacrifício e do banquete pascal

---

[25] cf. BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis.* São Paulo: Paulinas. 2007, nº 41.
[26] cf. JOÃO PAULO II, *Ecclesia de Eucaristia.* São Paulo: Paulus: Edições Loyola. 2003, n. 60.
[27] cf. ABRUZZINI, E. Verbete: Arquitetura. In: *Dicionário de Liturgia.* São Paulo: Paulinas. 1992, p. 86.
[28] cf. JOUNEL, P. Verbete: Lugares da Celebração. In*: Dicionário de Liturgia.* São Paulo: Paulinas. 1992, p. 704-705.

que o Pai prepara para os filhos na casa comum, fonte de caridade e de unidade.[29] O altar pode ser fixo ou móvel, feito de pedra natural ou outro material sólido, recomenda-se que em uma igreja haja um altar fixo e dedicado, afastado da parede e que se possa circundá-lo e celebrar de frente para o povo, esteja num lugar que seja o centro para onde se volta a atenção de toda a assembleia dos fiéis. É em torno do altar que a Igreja se reúne para a celebração da Eucaristia. É importante que o altar seja visível a todos, para que se sintam chamados a participar dele, sendo também único e o centro onde se orienta a comunidade que se reúne, garantindo o pleno sentido da celebração.

Na sede do celebrante, desenvolvem-se importantes ações na liturgia, pode ser necessário ali um suporte para o livro e um meio técnico para amplificar a voz. Com isso a posição mais indicada para a sede é voltada para o povo, no fundo do presbitério, a não ser que fique muito distante ou que o tabernáculo esteja no meio do presbitério, por ser sinal do ofício pastoral do bispo e representar a unidade da diocese em torno de seus ensinamentos e governo.[30]

O ambão é o lugar de onde se anuncia a Palavra de Deus, ele deve ser posicionado de modo que os fiéis possam voltar espontaneamente a sua atenção no momento da liturgia da Palavra. Ele é construído em um local onde se possa ser ouvido e ser visto pelos fiéis, com uma estrutura estável e não uma simples estante móvel, favorecendo o anúncio da Palavra.[31] A sua forma deve estar em correlação com o altar, sendo digno, estável e elevado.

Durante as celebrações litúrgicas, realizam-se diversos movimentos no espaço do presbitério entre o altar, a sede, o ambão, o lugar onde recebem as oferendas dos fiéis e se distribui a Comunhão. Deve-se levar em conta estes traslados e o espaço necessário na produção do projeto da construção da igreja.

A nave da igreja é o espaço em que os fiéis se reúnem, de onde participam de forma ativa das celebrações litúrgicas, e em conjunto com o presbitério oferece uma imagem da assembleia que ali se reúne, tornando visível a unidade da Igreja e de seus diversos ministérios, é onde normalmente ficam os bancos e os corredores.

> Há uma distinção espacial que não deixa os locais da celebração fechados em si mesmos, pois todos os membros da Igreja são o corpo místico de Cristo e é Cristo quem realiza a ação litúrgica.[32]

---

[29] cf. BUGNINI, A. *A Reforma Litúrgica (1948-1975).* São Paulo: Paulus: Paulinas: Edições Loyola. 2018, p. 302.
[30] cf. BUGNINI, A. *A Reforma Litúrgica. (1948-1975).* São Paulo: Paulus: Paulinas: Edições Loyola. 2018, p. 669.
[31] cf. JOUNEL, P. Verbete: Lugares da Celebração. In: *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus: Paulinas: Edições Loyola. 1992, p. 704-705.
[32] cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Introdução Geral sobre o Missal Romano.* São Paulo: Paulus. 1992, nº 294.

Além destas considerações, não podemos deixar de considerar o espaço para a conservação da Santíssima Eucaristia, o local para o sacrário deve ser em lugar de honra na igreja e devidamente decorado e facilmente identificável. O tabernáculo ou sacrário deve estar localizado em um lugar digno, com máximo decoro, com disposição e segurança, inamovível e sólido, que seja único em cada igreja, não transparente e fechado de tal modo que se evite o perigo de profanação favorecendo a adoração do Senhor real e substancialmente presente neste sacramento.[33] O fim primário e primitivo da Reserva eucarística é a administração do Viático e os fins secundários são a distribuição da Comunhão e a adoração de nosso Senhor Jesus Cristo presente no Santíssimo Sacramento. A conservação das sagradas espécies para os enfermos deu origem ao costume de adorar a Eucaristia que se guarda nos nossos templos. E este culto de adoração se fundamenta sobretudo porque a fé na presença real do Senhor leva naturalmente à manifestação externa e pública dessa mesma fé.[34]

Assim, o sacrário deve estar em um lugar apto para a adoração e oração privada, de tal modo que os fiéis possam honrar o Senhor presente no Sacramento. A localização e a relação espacial fazem com que o altar e o tabernáculo se revistam de uma extraordinária importância simbólica, os quais devem ser percebidos como diferentes, mas intimamente relacionados, pois a presença real de Cristo no sacrário pelo sacramento é fruto da celebração eucarística. Nas novas igrejas é ideal dispor a capela do Santíssimo nas proximidades do presbitério e, onde isso não é possível, coloque-se o tabernáculo no presbitério num local alto e bem visível.[35] Recomenda-se que seja incluído no projeto da capela do Santíssimo um altar para facilitar a distribuição da comunhão fora da missa. O tabernáculo tem papel de destaque na arquitetura da igreja, como um foco da ação litúrgica, adiante trataremos do envolvimento do sacrário no rito de outros sacramentos e sacramentais.

O canto e a música na liturgia são levados em conta, pois ocupam espaço importante no rito da missa que prevê suas intervenções em diferentes momentos da ação litúrgica a partir de um grupo de cantores, que tenha fácil acesso à Comunhão, sendo este grupo uma parte do povo que exerce esse ministério particular em prol da comunidade. Os instrumentos musicais devem ajudar tanto os cantores como o povo, e devem estar num lugar onde possam ser comodamente ouvidos, o que sugere que o coral e aqueles que tocam os instrumentos musicais ocupem o mesmo espaço e que estejam na nave, ocupando um espaço particular e ao mesmo tempo parte da assembleia. O lugar da música na igreja deve destacar a sua centralidade na celebração, variando de acordo com a estrutura da

[33] cf. SC nºs 128 e 276.
[34] cf. DILLI, A. A. *Comunhão e Culto da Eucaristia Fora da Missa.* 2019.
Disponível em: https://www.cnbb.org.br/comunhao-e-culto-da-eucaristia-fora-da-missa/
Consultado em 04/03/2021 às 15:30h.
[35] BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas. 2007, n. 69.

edificação. A disposição geral do lugar sagrado deve ter uma nobre simplicidade, assegurando a educação dos fiéis e a dignidade de todo o local, levando em conta também a comodidade do povo.

Todos os sacramentos convergem para a Eucaristia, em virtude da ligação que tem com o Mistério Pascal de Cristo, e é recomendável que sejam administrados dentro da missa. Em todo o caso, os rituais preveem também as diversas maneiras de proceder para a sua celebração fora da missa.

3.1.2. O ESPAÇO SAGRADO PARA A INICIAÇÃO CRISTÃ: BATISMO E CRISMA

O espaço sagrado depende diretamente da celebração da Eucaristia, que, junto ao Batismo e à Confirmação ou Crisma, são os sacramentos de Iniciação Cristã. Por isso, ao projetar uma igreja não podemos nos limitar unicamente à Eucaristia, embora seja a cerimônia que vai ser realizada com mais frequência, temos que contar também com estes outros dois sacramentos que serão abordados adiante.

A liturgia do rito da Iniciação Cristã condiciona o espaço litúrgico, configurado a partir do esforço estabelecido no caminho ritual da iniciação da vida cristã, que contém em seu *ordo* a celebração dos sacramentos do Batismo, Confirmação e Eucaristia, e que podem ser celebrados dentro ou fora da missa, e, com isso tudo que foi citado anteriormente sobre a estrutura da celebração da Eucaristia, é valido também para todos os sacramentos de acordo com suas exigências litúrgicas, embora exista também a possibilidade de celebrar alguns deles fora da missa.

O espaço para a celebração do sacramento do Batismo ou Batistério deve permitir que um grupo de fiéis participe do rito, em um local com as dimensões confortáveis e que abrigue um número razoável de pessoas, dispondo de um lugar adequado para a proclamação da Palavra, um espaço para o coro e a música, com uma fonte de água que permita a administração do Batismo por infusão ou imersão. É o lugar onde se guarda o círio abençoado na Vigília do Sábado Santo, e que é aceso durante o rito batismal.

O Batismo é o sacramento pelo qual o ser humano nasce para a vida espiritual, por meio da ablução da água e a invocação da Trindade Santa, por isso é importante que a acolhida aos neófitos, pais e padrinhos seja feita na entrada da igreja, viabilizando ainda mais os estudos arquitetônicos do átrio e da porta da igreja, que devem ser especialmente acolhedores. Os ritos da iniciação cristã a serem realizados fora do batistério serão desenvolvidos em uma parte adequada da igreja para um número determinado de presentes e para os diversos atos da liturgia batismal.

A fonte batismal seja fixa e elaborada artisticamente com material adequado, de forma que se possa realizar o batismo por imersão e o aquecimento da água sempre que necessário. Por ser um

espaço litúrgico autônomo ou integrado à nave da igreja, deve ser organizado de forma que fique perceptível claramente a ligação do Batismo com a Palavra de Deus e com a Eucaristia.[36]

A confirmação tem vínculo com o mistério de Cristo, por esse motivo é conveniente que seja administrado dentro da missa, e o presbitério é o espaço litúrgico para este sacramento, acrescentando a presença do seu ministro ordinário que é o bispo e o grande número de pessoas que participam da cerimônia em que a crisma é administrada, que normalmente é bastante numeroso. O cerimonial dos bispos fala sobre a possibilidade de se administrar este sacramento fora da missa, citando explicitamente que se deve usar do espaço do presbitério para onde o bispo e os ministros se dirigem[37] para administrá-lo.

3.1.3. O LUGAR DOS SACRAMENTOS DE SERVIÇO: MATRIMÔNIO E ORDEM

O Matrimônio e a Ordem são chamados de sacramentos de serviço, pois são administrados para a salvação de outrem, embora contribuam também para a salvação pessoal através do serviço aos outros, servindo para a edificação do Povo de Deus. Aqueles que recebem o sacramento do Matrimônio são fortalecidos para cumprir com dignidade seus deveres de estado, como consagrados. Por sua vez, os que recebem o sacramento da Ordem são também consagrados em nome de Cristo para serem os pastores da Igreja.

A paróquia de domicílio de um dos noivos é o local para se realizar o sacramento do Matrimônio, em capelas ou igrejas que pertençam à paróquia, ou ainda capelas de hospitais, escolas ou casas religiosas.[38] Em vista do vínculo de todos os sacramentos com o Mistério Pascal de Cristo[39], é aconselhável que o Matrimônio seja administrado dentro da missa, mas não é proibido que seja celebrado fora dela por algum motivo razoável. Com isso o projeto da igreja condicionado pela celebração da missa deve ser pensado inclusive para a realização do Matrimônio, onde se encontram não só com os noivos, mas também as testemunhas e outros convidados. O espaço necessário na nave e no presbitério deve ser avaliado para que os noivos e os fiéis se sintam acolhidos e percebam a participação da Igreja em sua alegria de realizar a aliança conjugal marcada por Cristo com um sinal sagrado.

O rito matrimonial tem sua primeira ação litúrgica na entrada da igreja ou junto ao altar, onde a testemunha qualificada saúda os esposos, o que lembra mais uma vez do valor que se deve dar ao

---

[36] cf. JOUNEL, P. Verbete: Lugares da Celebração. In*: Dicionário de Liturgia.* São Paulo: Paulus: Paulinas: Edições Loyola. 1992, p. 705-706.
[37] CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Cerimonial dos Bispos.* São Paulo: Paulus. 1988, nº 474
[38] DIOCESE DE OSASCO. *Diretório dos Sacramentos*. 2007, p. 131.
[39] Cf. SC, nº 61.

átrio e à entrada no planejamento da construção da igreja. As procissões e os movimentos que acontecem durante a celebração do Matrimônio fazem uso do corredor central da igreja, o corredor deve ter um espaço suficiente para que se possa caminhar por ele confortavelmente e com respeito ao local sagrado. A cerimônia acontece diante da testemunha qualificada. Por ser um ato litúrgico e pelo caráter do consentimento dado pelos nubentes, é importante que a celebração aconteça em um lugar de destaque na igreja, que é o presbitério, e publicamente para proteger o "sim" uma vez dado e ajudar a lhe permanecer fiel. O projeto de construção de uma igreja deve levar em consideração a possibilidade de se celebrar o Matrimônio, possibilitando que o rito litúrgico aconteça sem problemas e torne acessível o espaço sagrado aos nubentes e a todos os que participam da cerimônia.

O sacramento da Ordem deve se realizar com a maior assistência possível de fiéis, celebrada segundo o rito da Missa estacional[40], geralmente na igreja catedral por depender da liturgia episcopal, mas por razões de ordem pastoral é possível se celebrar em outra igreja de maior importância na diocese. A ordenação é feita habitualmente junto da cátedra, ou se necessário em frente ao altar ou ainda em outro lugar mais indicado para facilitar a participação dos fiéis de modo que eles possam ver bem o desenrolar da ação litúrgica. O espaço litúrgico para abrigar esse tipo de cerimônia deve possuir dimensões suficientemente amplas e com grande visibilidade, facilitando que todos consigam observar os gestos utilizados neste sacramento, como a imposição das mãos do bispo e a unção das mãos dos ordenandos. Sendo a igreja catedral o lugar mais indicado para a celebração, não podemos deixar de pensar na ordenação para projetar o espaço sagrado de uma igreja paroquial, especialmente o espaço do presbitério.

Este sacramento é administrado dentro do rito da missa, e o seu ritual não prevê que seja celebrado de outra forma, mas indica que a sua liturgia esteja inserida dentro da missa, por seu caráter ministerial e forte ligação com o serviço ao Mistério Pascal de Cristo, servindo em nome e na pessoa de Cristo junto ao povo de Deus.

3.1.4. O LUGAR DOS SACRAMENTOS DE CURA: PENITÊNCIA E UNÇÃO DOS ENFERMOS

O ser humano recebe a vida nova em Cristo pelos sacramentos da iniciação cristã, vida que pode ser enfraquecida e até perdida pelo pecado, mas Cristo quis que a sua Igreja continuasse sua

[40] A manifestação mais importante da Igreja local se dá se quando o Bispo, na qualidade de sumo sacerdote do seu rebanho, celebra a Eucaristia, mormente na igreja catedral, rodeado do seu presbitério e ministros, com a plena e ativa participação de todo o povo santo de Deus. Esta Missa, chamada «estacional», manifesta, não somente a unidade da Igreja local, mas também a diversidade dos ministérios ao redor do Bispo e da sagrada Eucaristia. Cf. DOTRO, R. P. e HELDER, G. G. Verbete: Missa Estacional. In: *Dicionário de Liturgia.* São Paulo: Paulinas. 2002, p. 108.

obra de cura e salvação inclusive entre seus fiéis, para reparar os estragos produzidos pelo pecado. Por isso a Igreja conta com dois sacramentos de cura, a Confissão ou Penitência e a Unção dos Enfermos, que serão contemplados a seguir.

O lugar próprio para ouvir confissões é a igreja ou oratório[41] pelo caráter sagrado da confissão, que sendo ação da Igreja se aconselha que sua administração seja em um lugar sagrado, o que não proíbe que seja celebrado em outros lugares, quando houver uma causa razoável. Há o costume de utilizar os confessionários tradicionais com grade, fixos ou portáteis que sejam confortáveis, devem estar em local visível e de fácil acesso, que visa a salvaguardar a discrição e garantir o direito dos fiéis de confessar seus pecados sem revelar a sua identidade, uma espécie de prolongamento do sigilo sacramental e que, de certa forma, mantém o seu caráter sobrenatural, em que o penitente se encontra de modo pessoal com Deus misericordioso. Apesar de ser um ambiente de dimensões reduzidas é um autêntico espaço litúrgico,[42] que, em geral, conta com um assento para o ministro e outro para o fiel ou um reclinatório.

O local apropriado para o confessionário deve ser preparado de tal forma que os fiéis percebam e se sintam convidados à prática do sacramento da Reconciliação, em um clima de abertura e diálogo, que pode ser um espaço reservado em uma capela ou em alguma parte da igreja onde se pode conservar o anonimato do penitente, especialmente que não se ouça com facilidade do lado de fora o que se fala no interior do confessionário. O espaço precisa facilitar o contato entre o fiel e o sacerdote, possibilitando que se adote uma postura conveniente para a recepção deste sacramento, onde o penitente deve se sentir disposto a receber em sua vida a misericórdia divina.

Ainda que receber a confissão durante a missa não seja proibido, as normas do ritual da penitência estabelecem que os fiéis sejam incentivados ao hábito de se confessar fora da celebração da missa[43]. O ritual prevê também as celebrações penitenciais, que têm a mesma estrutura das celebrações da Palavra de Deus[44], o que não deve ser confundida com a celebração do sacramento propriamente dito, este tipo de celebração serve para estimular o espírito de penitência na comunidade cristã, ajudar os fiéis a preparar a sua confissão, educar para que se adquira a consciência do pecado na vida humana e libertação do pecado por Cristo e ajudar na conversão dos catecúmenos.

---

[41] CIC, Cân. 964.
[42] cf. ARIAS, F. L. *Projetar o Espaço Sagrado: O que é e como se constrói uma igreja.* Brasília: Edições CNBB. 2019, p. 68.
[43] CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Ritual da Penitência*. São Paulo: Paulus. 2000, nº 13.
[44] Cf. BUGNINI, A. *A Reforma Litúrgica. (1948-1975).* São Paulo: Paulus: Paulinas: Edições Loyola. 2018, p. 561-563.

O sofrimento e a enfermidade estiveram sempre entre os problemas mais difíceis que a humanidade enfrenta, onde o ser humano sente sua impotência e o quanto é limitado. A enfermidade afasta muitas vezes o doente do convívio social e dificulta a participação na vida da comunidade eclesial, por isso a Igreja tira o enfermo deste isolamento indo até ele e levando até ele a ajuda que necessita, da caridade, da oração, da Palavra de Deus e do sacramento.[45] A doença não diminui a dignidade da pessoa humana, pois servir aos doentes é servir o próprio Cristo em seus membros sofredores: "Estive ... doente e me visitaste...", como vemos no Evangelho de Mateus, no capítulo 25, versículo 36.

O sacramento da Unção dos Enfermos tem em seu rito a possibilidade de ser acompanhado da Comunhão em forma de viático, se possível durante a missa. Pensando nisso, é importante projetar o espaço da igreja com acessibilidade, para que se possa chegar ao espaço sagrado com facilidade, onde os doentes são acolhidos e instalados nos respectivos lugares. É possível celebrar este sacramento também fora da missa, que é também previsto, ao se realizar a celebração da Palavra junto ao ritual, que pode ser feito na igreja ou no caso de doentes acamados ou sem possibilidade de se locomoverem, em suas casas, nos hospitais ou em outros lugares em que estejam sendo cuidados.

3.1.5. PROCISSÕES E OUTRAS AÇÕES QUE OCORREM DURANTE O ANO LITÚRGICO

Há várias ações simbólicas processionais realizadas em comum durante os atos litúrgicos. Quando o sacerdote e os ministros se aproximam do altar para o início da missa, antes da proclamação do Evangelho, quando o evangeliário é levado do altar para o ambão, o momento em que os fiéis levam as suas ofertas e quando se aproximam para a Comunhão são movimentos processionais que ocorrem durante a missa, assim todo o espaço da igreja é usado pela ação litúrgica. É essencial que o projeto de construção permita acesso e comunicação fácil entre o espaço do altar e da nave de onde os fiéis participam do ato litúrgico. Facilitando tanto o caminho de uma procissão solene pela nave da igreja como a saída simples de um único sacerdote.

A porta da igreja e o ambiente de entrada no edifício são elementos importantes na arquitetura da igreja.[46] A entrada da igreja é também parte do espaço litúrgico, o ambiente entra em relação simbólica com o altar, tornando-se ponto de partida para o início de um ato processional que faz parte do ritual litúrgico.

---

[45] DIOCESE DE OSASCO. *Diretório dos Sacramentos*. 2007, p. 91.

[46] No rito do Batismo, Matrimônio e Dedicação da igreja, os fiéis são acolhidos na entrada do templo. É também na porta da igreja que se recebe solenemente o bispo durante a visita pastoral. Na sua posse, o novo pároco e o bispo são acompanhados até a porta da igreja em procissão, onde o apresenta e lhe entrega as chaves da igreja.

Em tempos especiais como durante a Quaresma, procissões e celebrações penitenciais acontecem dentro do espaço litúrgico. Com a imposição das cinzas na primeira quarta-feira da Quaresma, são exigidos alguns elementos auxiliares onde seja possível depositar as cinzas a serem distribuídas e onde o sacerdote possa lavar as mãos ao concluir o rito. Em alguns lugares há o costume de se cobrir as cruzes e as imagens num período entre o 5º Domingo até a Vigília Pascal. Deve-se levar em conta esses elementos para o projeto e construção de uma igreja.

No Domingo de Ramos, temos uma particular procissão, quando se faz memória da entrada do Senhor em Jerusalém. A liturgia prevê três formas de realização: a procissão, a entrada solene e a entrada simples; a primeira forma aconselha que a procissão tenha início fora da igreja, em outra igreja menor ou em um lugar apropriado que depois se deve seguir para a igreja onde se realizará a missa; a segunda forma fala sobre a impossibilidade de se realizar a procissão fora da igreja, portanto celebrada dentro dela, à porta ou em um ponto fora do presbitério, de onde a maioria dos fiéis possa ver os gestos usados no ritual, depois seguindo para o presbitério, onde se dará continuidade à cerimônia; e a terceira forma que não conta com a entrada solene.

O Tríduo Pascal consta de elementos que devem ser levados em consideração para a elaboração do espaço celebrativo. Na Quinta-feira Santa, a celebração da ceia do Senhor conta com o lava-pés, que é feito em um lugar conveniente onde as pessoas são dispostas em acentos adequados para que se possa realizar este ato. No final da cerimônia é realizado o translado do Santíssimo Sacramento, previsto no ritual, ele é feito através de uma procissão pela igreja até um espaço adequado ou uma capela que possa ser preparada facilmente para a reserva da Eucaristia para o dia seguinte, onde se possa inclusive fazer alguns momentos de adoração silenciosa. Na Sexta-feira da Paixão, há a “prostração”, que precisa de um local com medidas suficientes que permitam este ato, além de todos os gestos, ações e movimentos durante a cerimônia da veneração da cruz. Finalmente na Vigília Pascal, constam a bênção do fogo novo e a preparação do novo círio, que deve ocorrer fora da igreja, onde o povo possa se reunir e de onde parte a procissão com o círio e os fiéis com as velas acesas, o átrio ou um lugar externo que deve ser preparado para este fim.

No dia de *Corpus Christi*, costuma-se fazer exposição, traslados e bênção com o Santíssimo Sacramento. Neste dia, o povo cristão acompanha a Eucaristia pelas ruas em rito solene, com cantos e orações, dando testemunho público da fé e piedade para com este sacramento. A procissão deve se dar de forma digna e sem detrimento do respeito devido ao Santíssimo Sacramento. Aconselha-se que a procissão seja feita logo após a missa em que é consagrada a hóstia que será exposta.

3.1.6. EXÉQUIAS, LITURGIA DAS HORAS E BÊNÇÃOS

O rito das exéquias inclui três esquemas de celebração, levando em conta as circunstâncias onde se desenvolve o rito. Trataremos do ritual celebrado na igreja, pois as exéquias ultrapassam os limites do espaço litúrgico da igreja, partindo da casa do falecido e culminando no cemitério. Na igreja o corpo do falecido situa-se na nave, de acordo com o costume, e pode-se incluir a celebração da Eucaristia seguida pela última encomendação e despedida. Convém que o projeto da igreja seja pensando também com a possibilidade de se realizar a celebração exequial sempre que for preciso.

A celebração da Liturgia das Horas é expressão do ministério de contínuo louvor da Igreja dirigida a Deus, é a oração pública da Igreja que deve ser rezada em comum com a participação dos fiéis, sempre que possível. Por não ser uma ação particular e pertencer a todo o corpo da Igreja, a celebração comunitária manifesta ainda mais claramente a natureza eclesial da Liturgia das Horas. A forma da oração em coro não se refere ao local da celebração, embora seja possível unir as horas do ofício com o rito da missa. Mas, para o projeto de um templo, é necessário levar em consideração os espaços para as tais orações.

As orientações do ritual de bênçãos têm duas características que se destacam, a centralidade da Palavra de Deus e a dimensão comunitária. Pode-se abençoar diversos objetos ou pessoas, os objetos a serem abençoados devem estar em um lugar adequado e visível durante a celebração, como no espaço diante do presbitério ou outro local mais conveniente. É ideal que outros sacramentais celebrados dentro da missa, como a bênção de abade ou abadessa, a consagração das virgens, as profissões perpétuas de religiosos se deem na igreja do mosteiro ou do convento da família religiosa, o que não proíbe que se realize na igreja catedral ou paroquial ou noutra igreja mais indicada[47], por motivos de ordem pastoral.

3.1.7. OUTRAS ÁREAS FORA DO ESPAÇO LITÚRGICO

Um dos lugares importantes anexos de uma igreja é a sacristia, que não é simplesmente uma espécie de depósito onde se guardam as alfaias e os objetos litúrgicos usados nas celebrações, é na verdade um lugar onde os clérigos se preparam para realizar o ato litúrgico. É preciso que seja um lugar propício ao recolhimento, agradável, limpo e silencioso, grande o suficiente para acolher um número razoável de pessoas, variando de acordo com as dimensões da igreja. É interessante que se tenha ali um pequeno lavabo, para a limpeza dos objetos e eventual uso dos sacerdotes. A sacristia

[47] cf. BUGNINI, A. *A Reforma Litúrgica. (1948-1975).* São Paulo: Paulus: Paulinas: Edições Loyola. 2018, p. 640-645

pode ficar próxima do presbitério ou próxima à entrada da igreja, o que pode eventualmente facilitar a entrada solene nas celebrações.[48]

A torre para uma igreja depende das tradições locais e dos recursos para a construção, por sua função não ser essencial para o culto. No entanto, a torre tem sido uma referência para marcar o centro da cidade, do tempo com o seu grande relógio e os sinos que chamam para as celebrações. Nas grandes cidades, a torre das igrejas parece ter perdido sua força simbólica, por ficar em meio a tantos arranha-céus e torres de TV. Mas ainda devemos usar a criatividade no projeto fazendo uso da tradição e dos símbolos, como um campanário com uma cruz, que são características fortes de uma igreja e é sempre reconhecida por todos.

Os diversos ritos litúrgicos que acontecem durante o ano começam fora do edifício da igreja em cuja direção se encaminha, por isso o aspecto externo da igreja está de certa forma inserido na ação litúrgica. Pensar no projeto de construção de uma igreja é lembrar que ela estará inserida em uma realidade de um determinado local e em meio a uma certa população, e que mesmo pobre deve ser digna e bela. A presença do templo cristão no contexto urbano é uma constante da cultura religiosa, por não ser uma construção como as demais. Pelo grau de liberdade que a Igreja goza na construção dos seus edifícios, as capacidades e meios artísticos locais, pode-se perceber uma proposta indiferenciada para imagem do templo da arquitetura atual.[49] A igreja dentro do tecido urbano é uma presença evangelizadora da Igreja no mundo, através da transmissão da alegria do Evangelho e a acolhida fraterna. Manifestada não somente pela iconografia que se observa nela, mas nos diz que o espaço que ela protege é um lugar da manifestação do mistério divino. A torre, os sinos e as imagens da parte externa do edifício da igreja são símbolos usados com a finalidade de se identificar facilmente a presença da Igreja na cidade e na vida cotidiana, servindo como identificação do lugar de culto, especialmente quando feitos com simplicidade e beleza artística. O uso dos símbolos externos em uma igreja dá a saber onde se pode encontrá-la atualmente em meio a tantos edifícios.

O volume exterior do edifício e a fachada da igreja, o átrio e a porta são elementos arquitetônicos de valor simbólico. Eles transmitem uma mensagem de salvação a quem se aproxima de suas mediações, por isso devem conter representações de arte elaboradas a partir do mistério cristão, são uma espécie de acolhida dos fiéis que adentram ao templo. Os acessos devem também ser práticos e permitir a entrada e a saída de forma cômoda a todos. Esse ambiente simbólico de acesso, também como espaço litúrgico tem grande valor em diversas celebrações durante o ano.

---

[48] cf. MACHADO, R.C.A. *O Local da Celebração: Arquitetura e Liturgia.* São Paulo: Paulinas. 2007, p. 37-38.
[49] cf. ARIAS, F. L. *Projetar o Espaço Sagrado: o que é e como se constrói uma igreja.* Brasília: Edições CNBB. 2019, p. 113.

A comunidade necessita ainda de outras áreas que não fazem parte do espaço litúrgico, como a secretaria, salas de catequese e de reunião, salão de eventos, sanitários etc. Todos estes espaços podem e devem ser também contemplados no projeto de construção, a partir da necessidade do local, levando em conta a segurança, a limpeza destes locais e a facilidade de acesso para todos.

3.2. ELEMENTOS TÉCNICOS IMPORTANTES PARA O PROJETO DE UMA IGREJA

O projeto de uma igreja deve levar em consideração a sua iluminação interna, sem excluir a luz natural, pensando especialmente na economia de energia. E também deve levar em conta a colocação de vitrais, janelas e aberturas para a entrada da luz externa, que faz com que a igreja seja bem iluminada sem a necessidade de luz artificial durante o dia. A técnica de iluminação usada com sabedoria favorece muito a participação dos fiéis nas celebrações litúrgicas, além de embelezar muito o espaço litúrgico. O uso de iluminação artificial nas celebrações litúrgicas precisa ter uma certa naturalidade e não dar ares de um espetáculo ou de um *show*. Muitos podem pensar que um holofote ou canhão de luz direcionado para determinado lugar do espaço litúrgico leve a favorecer a piedade do povo de Deus, embora possa também atrapalhar, pois esse tipo de iluminação pode dar a entender que não há a nobre simplicidade, que a liturgia pós-conciliar aconselha, mas deve se dar aos fiéis a sobriedade nobre da liturgia, a qual favorece de modo especial a eles participar de modo ativo, consciente e pleno das celebrações litúrgicas.[50]

Além de pensar na iluminação para a construção de uma igreja é importante levar também em consideração o estudo técnico da acústica, pois a liturgia conta com a música como uma parte importante. A Constituição sobre a Sagrada Liturgia pede que se favoreça e promova o ensino da música tanto nos seminários quanto em casas religiosas, e que as catedrais possam ter as *schola cantorum*, a fundação de institutos de música sacra, e não excluindo nenhum gênero de música e promover o canto popular religioso[51]. Além da música, é essencial para a participação dos fiéis nas celebrações que se possa ouvir de forma clara o que é dito enquanto se realiza a cerimônia litúrgica. O projeto de uma igreja deve considerar a propagação do som no interior do espaço sagrado que será construído. Em geral, os espaços litúrgicos têm extensões consideráveis, o que pode favorecer a reverberação, que é conhecida como a persistência de um som depois que a sua emissão termina e que é refletido nas paredes e no teto de recintos total ou parcialmente fechados, dificultando se ouvir com nitidez o que se diz. Desenvolver o projeto levando em consideração que os fiéis que participam

[50] Cf. SC, nº 34.
[51] Cf. SC, nº 114-118.

da liturgia precisam necessariamente ouvir de modo claro o som durante as celebrações. Mas não se pode deixar de pensar nos ruídos externos que tendem a atrapalhar as cerimônias, um isolamento acústico pode ser uma boa opção. Com o uso dos materiais adequados e eficientes para o revestimento das paredes e do forro da igreja, o que depende necessariamente do tamanho do espaço. Quando o espaço é muito grande e há dificuldade em ouvir, deve-se pensar também em um sistema de amplificação do som. O sistema de amplificação terá um resultado muito favorável e será muito mais inteligível para o ouvinte, se estiver bem adaptado ao projeto de construção.

Há ainda que pensar no conforto térmico de uma igreja, que é essencial para que se participe de forma frutuosa e ativa da liturgia em geral. Há muitas igrejas construídas que não foram projetadas para o clima tropical de determinada região do Brasil, com seus interiores abafados, sem circulação de ar, cobertas por telhados que transmitem muito o calor, com o pé-direito baixo e com poucas janelas que poderiam ser abertas. A solução imediata é a instalação de ventiladores ou climatizadores, o que além de consumir energia elétrica, com o tempo precisam de manutenção constante e se tornam fontes de ruído que pode atrapalhar a acústica do espaço litúrgico, ou ainda a instalação de ar-condicionado, que se torna um problema pelo alto consumo de energia, além de ser desagradável para pessoas com problemas respiratórios ou com uma idade mais avançada, o que não precisa ser necessariamente a solução para o problema. O ideal é pensar no conforto térmico quando se faz o projeto de construção de uma igreja, e já prever os possíveis incômodos. Pelas diversas variáveis, deve-se ter em conta um número razoável de fatores, como a direção do sol, a ventilação natural, os materiais e as técnicas da construção das paredes e do telhado e até mesmo a vegetação no entorno do local onde a igreja será construída.

3.3. ORNAMENTAÇÃO E DECORAÇÃO: ARTE E BELEZA

A decoração e o embelezamento das igrejas estão presentes em toda a história da Igreja. Adereços e outros elementos artísticos são colocados para embelezar e comunicar algo, através do uso dos símbolos. Os símbolos usados na arte comunicam o mistério e são os meios de evangelização inclusive dos menos instruídos[52], tornando-se o catecismo dos iletrados que comunica o pensamento cristão. A arte traduz a mensagem divina na linguagem das formas e o que torna sensível o mundo invisível[53], convertida em uma espécie de apelo ao mistério divino e sendo ao mesmo tempo ponte que leva à experiência religiosa.

---

[52] Cf. TOMMASSO, W. S. *O Concílio Vaticano e as Artes.*
Disponível em: *https://www.academia.edu/8995473/O_CONCILIO_VATICANO_II_E_AS_ARTES*
consultado em 20/02/2021 às 15:35h.
[53] Cf. PAULO VI. *Mensagem na Conclusão do Concílio Vaticano II aos Artistas.* 1965.

A Igreja necessita da arte para que o Evangelho chegue da forma mais eficaz possível a toda a humanidade. O Missal Romano indica, por exemplo, o uso da cruz que deve ser visível ao povo e estar sobre ou próxima ao altar. Ela deve ser feita de forma bela e artística, aliada a uma nobre simplicidade[54], faz referência também aos vasos sagrados que devem ser feitos de material nobre e confeccionados com a arte que é costume de cada região, além das imagens do Senhor, de Maria e dos Santos apresentadas para veneração dos fiéis que sejam dispostas a favorecer a piedade de todo o povo.[55]

A arte na Igreja deve ir além da beleza simplesmente, por ser instrumento de evangelização que conduz ao Deus da beleza e que atrai e une a humanidade, uma via de encontro com o Senhor e que deve estar disponível a todos, apresentando a beleza do Reino e colocando em evidência a beleza do interior humano.[56]

> O desafio hoje de compor uma arte sacra atual é ser original, enriquecer o patrimônio cultural da Igreja e dialogar de forma expressiva e convincente com nossa geração. Além de romper com o individualismo na busca do comum, para que as composições sagradas encontrem referências e tenham possibilidade de definir os estilos que vão marcar época.[57]

Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-artisti.html
Consultado em 20/02/2021 às 15:42h.

[54] Cf. SC, nº 34.

[55] cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Introdução Geral sobre o Missal Romano.* São Paulo: Paulus. 1992, nºs 270, 280 e 295.

[56] Cf. LUPI, T. *Papa Francesco – La mia Idea di Arte.* Milão: Mondadori. 2015, p. 10-15.

[57] CRISPIM, A. D. *A Arte e o Concílio Vaticano II: Uma Visão Panorâmica. In:* DI FIORE, A. G. & FERREIRA, R. (Orgs.) *Vaticano II: olhares e perspectivas.* São Paulo: Recriar. 2020, p. 130.

4 CAPÍTULO III – NOVAS IGREJAS E NOVAS CONSTRUÇÕES

Neste capítulo, apresentaremos as construções e as reformas de igrejas importantes na diocese de Osasco feitas no fim do século XX, e com isso analisar as influências mais significativas sobres estas obras a partir dos dados coletados e baseadas nas referências do nosso capítulo anterior. Estas construções são importantes pois são utilizadas como igrejas matriz de suas respectivas paróquias, e contam com uma história significava para a Igreja local. Queremos apresentar aqui a história dos edifícios de cada uma destas igrejas e suas adaptações criativas para a proposta de renovação litúrgica trazida pelo Concílio.

4.1. UMA NOVA DIOCESE

A diocese de Osasco apresenta características comuns em uma grande parte de seus municípios que surgiram como "cidades-dormitórios" para uma enorme massa anônima de migrantes, na sua maioria, que serve a capital paulista, sendo marcada também por uma grande variedade cultural, racial e social. Ela apresenta tanto uma realidade urbana quanto rural, com alguns municípios do interior do estado de São Paulo.

Em novembro de 1970, toma posse da arquidiocese de São Paulo dom Paulo Evaristo Arns, que imediatamente percebe que com o crescente número de habitantes locais a Igreja da arquidiocese de São Paulo não podia continuar como uma única diocese, por isso são colocados à frente de cada região pastoral vigários episcopais para que possam atender melhor às necessidades do povo.[58] Em 1975, Dom Francisco Manuel Vieira é ordenado bispo e nomeado para a região episcopal de Osasco, e logo que assume a sua função subdivide a região de Osasco em setores para ajudar na organização da pastoral, sendo eles: Santo Antônio, que abrange a região sul da cidade de Osasco; Carapicuíba, que abrange a cidade de Carapicuíba; Bonfim, que conta com a região norte da cidade de Osasco; Barueri, que abrange a cidade de Barueri, Jandira e Itapevi; e São Roque, que conta com Cotia, Vargem Grande Paulista, Ibiúna, São Roque e Mairinque. No futuro irão surgir novas cidades e novas regiões em meio ao território de Osasco.

Em 1989, acontece a criação de quatro novas dioceses provenientes da arquidiocese de São Paulo, e a região episcopal Osasco se torna diocese, que conta com um território de mais de 2 mil quilômetros quadrados de área e uma população de pouco mais de 1 milhão e meio de habitantes. E então dom Francisco Manuel Vieira é nomeado primeiro bispo da recém-criada diocese e escolhe como seu lema "na força de Deus". A nova diocese contará com 86 padres, destes 47 do clero secular

[58] Cf. SOUZA, N. de. *Catolicismo em São Paulo: 500 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo.* São Paulo: Paulus. 2004, p. 520 e 525.

e 46 religiosos, com 43 paróquias e mais de 200 centros comunitários, estes números constam do Boletim Informativo da Diocese de Osasco, do mês de maio de 1989[59]. Atualmente a diocese conta com mais regiões pastorais além das supra citadas, a região de Ibiúna, que conta com a cidade de Ibiúna e região de Cotia, que conta com as cidades de Cotia e Vargem Grande Paulista, ambas desmembradas de São Roque; a região Itapevi, que foi desmembrada da região Barueri, e que conta com as cidades de Jandira e Itapevi; e a região São José Operário, proveniente da região Santo Antônio. A diocese cresceu e possui hoje um total de oitenta e sete paróquias e com quase cem padres do clero secular, além dos 45 religiosos.

Esta pesquisa abrange duas décadas, a primeira em que a região de Osasco era parte da arquidiocese de São Paulo, conhecida como região Oeste 2, e outra em que se torna uma aiocese autônoma, contando com o mesmo bispo responsável pela região nos dois períodos que são estudados.

Quanto à formação do clero, Osasco foi a única região que possuiu um seminário próprio, chamado na época de Casa de Formação São José, inaugurado em 1980 pelo próprio bispo responsável pela região Oeste 2. Daí a poucos anos acontecem as primeiras ordenações sacerdotais dos seminaristas da Casa de Formação São José. Dom Francisco apresentava um especial interesse sobre a formação do clero. Por isso, aqueles que foram formados na época têm uma mentalidade social bem ampla e acessível, com uma espiritualidade própria voltada especialmente à teologia da libertação, pois, diante da situação de extrema pobreza que a população da região sofreu neste período a primeira reação que é sempre a compaixão que inspira a se fazer algo novo e alternativo contra a miséria humana, o que afetou inclusive os elementos relacionados aos lugares de culto.

A diocese de Osasco apresenta um território rural e urbano. A região mais urbanizada é especificamente a periferia de São Paulo, são as cidades conhecidas como cidades-dormitórios, onde a população trabalha em São Paulo, e vem para casa somente para dormir. A população da periferia é composta em grande parte de migrantes de várias regiões do País, em sua grande maioria da região Nordeste.

4.1.1. AS IGREJAS DA DIOCESE DE OSASCO

Foram escolhidas algumas igrejas que sofreram alteração ou que foram construídas nas últimas décadas do século XX, por sua importância e referência em suas respectivas cidades, além disso pelo significado que a obra produziu em meio aos fiéis das respectivas paróquias. Todas as igrejas escolhidas são sedes paroquiais. Embora possam existir outras igrejas construídas ou

[59] Cf. DIOCESE DE OSASCO. *Boletim Informativo de Osasco.* 1989. p. 4-5.
Disponível em: https://issuu.com/biodiocese/docs/1._bio_junho_-julho_1989
Consultado em 08/03/2021 às 16:30h.

reformadas no local e período estudado, nos limitamos a estas também pelo grande número de fiéis que as visita regularmente.

Faremos um histórico de cada cidade em que a igreja se encontra e o desenvolvimento da igreja até a sua construção. A igreja catedral da diocese será a primeira a ser tratada dada a sua importância de sede episcopal, em seguida trataremos das igrejas em Carapicuíba, Barueri, Cotia, Alumínio e Araçariguama, nesta ordem.

4.1.1.1. IGREJA DE SANTO ANTÔNIO – CATEDRAL DE OSASCO

A sede da diocese de Osasco fica na cidade com o mesmo nome, que é localizada na região Oeste da cidade de São Paulo, uma cidade que surgiu inicialmente como um bairro da capital paulista no século XIX e que só será emancipada em 1962. A cidade de Osasco apresenta grande desenvolvimento industrial, comercial e de serviços e, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2018, conta com o 8º maior Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil[60]. A população estimada da cidade chega a quase 700 mil habitantes, e, segundo o censo de 2010, indica que pouco mais de 55% da população é católica. O lema da cidade é "Cidade-trabalho" e o seu padroeiro é Santo Antônio de Pádua.

Osasco tem seu início com o sr. Antonio Agú, funcionário da Estrada de Ferro Sorocabana, quando compra uma gleba de terra entre os córregos Bussocaba e Aguadinha, de onde forneceria areia, telhas e tijolos para a construção da ferrovia através de sua olaria. A estação da Estrada de Ferro é o ponto de partida para a formação da pequena vila, que foi construída e doada também por Antonio Agú.[61] A estação terá o nome da cidade natal do seu benfeitor, cidade italiana que fica na região do Piemonte, norte do país. O bairro torna-se uma mistura de meio rural e núcleo industrial, por estar isolado do centro da cidade de São Paulo. O fundador dá início então a uma série de empreendimentos, ampliando a olaria, abrindo a Companhia Cerâmica Industrial de Osasco, depois uma fábrica de papelão, esse empreendedorismo dá espaço a um processo de ocupação e urbanização local. Em 1909, morre o fundador de Osasco, o qual havia deixado em testamento o desejo de doar terras para a construção de uma igreja em Osasco. O terreno foi doado formalmente depois da visita de sua neta D. Giusephina Vianco Enrico a Osasco em 1919, e, só depois disso, que se fez a cerimônia do lançamento da pedra fundamental da nova igreja. [62]

---

[60] Cf. IBGE. *Produto Interno Bruto dos Municípios.*
Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/osasco/pesquisa/38/47001?tipo=ranking
Consultado em 16/03/2021, às 15h

[61] Cf. COELHO, M. I. Z. et al. *Osasco: História e Identidade.* Osasco: FITO. p. 37, 57-58.

[62] Cf. COELHO, M. I. Z. et al. *Osasco: História e Identidade.* Osasco: FITO. p. 46.

O primeiro voo da América do Sul ocorre em Osasco em 1910, a aeronave sobrevoou a atual avenida dos Autonomistas, um aeroplano chamado "São Paulo", pertencente ao Sr. De Lavaud, assim Osasco se torna parte de um contexto ainda mais amplo na história, que antes ladeava a estrada de ferro, mas agora, com os olhos voltados para o futuro, o século XX trouxe muitas mudanças para todos.

Nas primeiras décadas do século XX, a expansão industrial e a instalação do 4º Regimento de Infantaria em Osasco dinamizaram a economia local com o comércio, atraindo um maior número de pessoas. E, em 1918, a pequena vila se torna distrito do município de São Paulo.[63]

O início das obras da primeira igreja construída e dedicada a Santo Antônio se deu em 1919, mas só será inaugurada em 1931, um ano depois da sua ereção como paróquia.[64] A inauguração da igreja de Santo Antônio é um evento marcante para a população da vila, que contava com 12 mil habitantes.

A implantação das indústrias e do Banco Bradesco em Osasco provoca o primeiro aumento populacional mais significativo na década de 1960, aumentando muito nos anos seguintes. Residências operárias surgem no entorno das fábricas, permitindo economia no transporte dos funcionários e a possibilidade de fazer as refeições em suas próprias residências. A demanda de mão de obra na atividade industrial cresce junto à migração, especialmente de pessoas vindas da região Nordeste do País, de Minas Geras e do interior do estado de São Paulo. A maciça migração acentua a ocupação desordenada da cidade de São Paulo e das suas periferias, incluindo várias cidades incluídas nesta pesquisa. O deslocamento das indústrias para áreas com menor custo de manutenção se torna um fenômeno próprio das décadas de 1960 e 1970, para locais de fácil acesso ao mercado consumidor. Osasco se torna um polo de atração para trabalhadores que buscam novas perspectivas, em 1939 a entrada de migrantes chega a 100 mil por ano em São Paulo.[65]

A Paróquia de Santo Antônio em Osasco foi criada por Dom Duarte Leopoldo e Silva e colocada aos cuidados dos padres passionistas, em 11 de agosto de 1930.[66]

A primeira reunião da assembleia organizada pró-autonomia de Osasco aconteceu no salão paroquial da igreja de Santo Antônio, a paróquia se tornou uma espécie de quartel-general dos chamados autonomistas. O município será instalado em 1962, depois de enfrentar várias situações de recusa e em meio a diversos problemas sociais e econômicos.

---

[63] Cf. COELHO, M. I. Z. et al. *Osasco: História e Identidade.* Osasco: FITO. p. 56.
[64] Cf. LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO. Osasco. Livro I, p. 3–4.
[65] Cf. COELHO, M. I. Z. et al. *Osasco: História e Identidade.* Osasco: FITO. p. 88, 105.
[66] Cf. LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO. Osasco. Livro I, p. 1-3.

A igreja matriz de Santo Antônio, em Osasco, se tornou pequena diante do grande número de fiéis que frequentava as cerimônias. Com isso, os padres pensaram em realizar um processo para tornar esta igreja um santuário, isso faz crescer ainda mais a necessidade de ampliação. Em 1968, ela se torna sede de uma nova região episcopal Oeste 2, que abrangia as paróquias de Osasco, Carapicuíba, Barueri e Itapevi.[67]

A construção de uma igreja provisória só aparece nas anotações do livro tombo em um resumo histórico em que fala desde a criação da paróquia em 1930, a construção da primeira igreja, a inauguração do prédio no ano seguinte, detalhando a instalação de luz elétrica em 1933, o feitio do revestimento do interior da igreja, o novo sino recebido como doação, a colocação do piso e a construção de duas capelas internas em 1935, a balaustrada de mármore em 1936 e, finalmente, a inauguração do altar-mor de mármore em 1938 e, em 1956, a bênção do novo órgão da matriz. Em 1961, é citada uma campanha para a construção de uma nova matriz e o lançamento da pedra fundamental, e conta sobre uma matriz provisória e que o início das obras da atual igreja se dá em 1967, provavelmente com a demolição da pequena igreja.[68] O depoimento dos fiéis consta que a antiga igreja (foto) já havia sido demolida e que, em 1970, já se celebrava a missa na igreja provisória.[69] A igreja antiga poderia e devia ter sido preservada, pois o terreno era muito amplo e caberia tranquilamente uma grande igreja que no futuro poderia se tornar um santuário ou uma igreja catedral.

No livro tombo, consta uma ata histórica da comissão pró-construção já em 1961 em que foi lançada a pedra fundamental da nova igreja, o projeto é do engenheiro Joaquim Guedes, que depois será substituído pelo de Júlio Del Fabbro, e as obras serão iniciadas somente em 1967.[70] A construção da nova matriz recebeu um grande impulso em 1973, em que foram feitos a fachada principal e o piso na sua parte mais rústica.[71] Em 1975, foi formada uma nova equipe chamada pró-término das obras, parece que com a mudança do pároco da época o desejo de terminar a obra se tornou mais intenso e tem início uma campanha para a confecção dos vitrais da nova igreja.[72] Em 1976, acontece a mudança para o novo prédio, que já estava pronto, onde se instalou a aparelhagem de som.[73] A última missa celebrada na matriz provisória aconteceu em 11 de junho de 1976, em que se diz da emoção dos fiéis

[67] Cf. LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO. Osasco. Livro I, p. 155v e 156.
[68] Cf. LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO. Osasco. Livro II, p. 50-51.
[69] Cf. Depoimento do Revmo. Sr. Pe. Norberto Donizetti Brocardo
[70] Cf. LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO. Osasco. Livro I, p. 173.
[71] Cf. LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO. Osasco. Livro I, p. 178v-179.
[72] Cf. LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO. Osasco. Livro II, p. 20-21.
[73] Cf. LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO. Osasco. Livro II, p. 27.

que se despediam da igreja provisória, que será demolida e dará lugar ao prédio da atual Cúria Diocesana de Osasco.

Na festa de Santo Antônio de 1976, com a bênção na missa das 9:30h nas dependências da nova igreja matriz, celebrada por Dom Francisco Manoel Vieira, bispo auxiliar de São Paulo e responsável por esta região episcopal, acontece a mudança definitiva para a nova igreja. O novo edifício é muito diferente da antiga construção, muito espaçoso e vistoso, e que tinha sido resultado de muitos anos de esforço embora faltava muito para acabar totalmente.[74]

Os primeiros projetos da nova igreja foram motivados com a intenção de fazer ali um santuário dedicado ao santo padroeiro, por isso devia ser algo grande e com volume considerável. No entanto, esta pretensão não teve êxito, e a igreja acabou se tornando uma catedral.

Com a criação da diocese de Osasco, a igreja de Santo Antônio passa a ser a "igreja mãe" do novo bispado. A paróquia Santo Antônio de Osasco, foi regida pelos padres passionistas desde sua instalação até a elevação como igreja catedral em 1989. Em decorrência do crescimento da cidade, a igreja construída não comportava mais o número de fiéis e, em 1962, foi construída uma nova sede provisória para que fossem possíveis a demolição da igreja antiga e o erguimento de um novo templo. E este será inaugurado em 13 de junho de 1976.

A dedicação do altar só acontecerá em 13 de junho de 2000, ano jubilar da redenção, em uma cerimônia pública presidida por Dom Francisco Manoel Vieira. O que não encerra o processo de construção da igreja, que, embora acabada ainda exija muitos reparos. Hoje em dia a igreja catedral está em reforma, com um projeto arrojado que amplia ainda mais o espaço para os fiéis com a criação de grandes mezaninos nas laterais da nave. O atual projeto em andamento mostra uma igreja muito ampla e com bastante aproveitamento da iluminação natural.

Reformas e reparos acontecem durante todos os períodos subsequentes, hoje em dia o prédio está sendo refeito quase que completamente, o projeto de reforma, que está em andamento pretende ampliar o espaço para os fiéis, incluindo novos ambientes que favorecerão a oração individual. A fachada da frente do prédio será muito limpa e terá somente uma grande rosácea e uma ampla porta de entrada, na lateral esquerda da fachada contará com um anexo para o batistério. O interior sofrerá várias modificações, inclusive no presbitério, que deve ficar menor, e a construção do mezanino nas laterais da nave.

Os depoimentos recolhidos dizem que a primeira igreja construída era muito bela e contava com uma arquitetura exemplar, e a sua demolição foi motivo de muitas queixas entre os fiéis na

[74] Cf. LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO. Osasco. Livro II, p. 29.

época.[75] A nova igreja poderia ter mantido o estilo da antiga, entretanto o projeto para a nova igreja foi feito em uma perspectiva mais moderna, sendo este o terceiro edifício a ser construído para comportar a comunidade paroquial. Com o desenvolvimento e aumento significativo da população da cidade de Osasco, era realmente essencial ampliar o espaço para os fiéis na igreja. Isso favoreceu inclusive para que o espaço sagrado pudesse ser adaptado para a nova liturgia. No entanto, o anseio pelas novidades que o Concílio Vaticano II junto ao que havia de mais moderno na área de arquitetura parece não ter favorecido da forma que se esperava para a participação ativa e frutuosa dos fiéis nas celebrações litúrgicas. O desejo pelo moderno e uma certa preocupação com os custos da obra levou a uma nova arquitetura com certa dificuldade de criar um ambiente oracional que o edifício antigo contava.

Foram construídos desde a ereção da paróquia três prédios, que não devem ter tido um custo pouco considerável, e que apresentaram problemas estruturais como qualquer outro tem com o passar dos anos. Aquele patrimônio construído no início do século XX devia ter sido preservado, pois era aconchegante e belo.[76]

Na conclusão da obra, os fiéis em geral parecem ter ficado satisfeitos pelo grande espaço e prestígio que a paróquia passou a contar, mas muito lamentavam dizendo que se perdeu o ambiente de oração no templo.

Hoje a igreja de Santo Antônio está passando por uma grande reforma com a ampliação da nave e a construção de novos mezaninos nas laterais da nave. O desafio hoje é transformar o espaço da igreja em um lugar que favoreça a participação dos fiéis, um lugar de oração. O espaço reservado para o presbitério é muito amplo e favorece as grandes concelebrações que ocorrem durante o ano, enriquecê-lo com obras de arte certamente podem ajudar a criar um ambiente que eleve o coração dos fiéis, mas com o cuidado de não exagerar nos adornos, para que a atenção que deve estar no centro, no altar, que é Cristo, não se desvie.

Na conclusão da obra, a igreja ficou com sua porta principal voltada para onde a rua Santo Antônio se encontra com a rua Antônio Agú e contou com espaço para mais de 2.500 pessoas sentadas, com o novo projeto poderão ser acolhidas 5 mil pessoas na igreja. As entradas laterais ficaram acessíveis para pessoas portadoras de alguma deficiência física e contam com um amplo estacionamento para automóveis. O espaço do presbitério é muito amplo e elevado em relação à nave. A nave conta com um desnível de inclinação do piso desde a porta principal em direção ao presbitério.

[75] Cf. Depoimento do Sr. Clementino Silva.
[76] Cf. Depoimento do Sr. Clementino Silva.

Há ainda uma capela lateral onde se mantém um sacrário, à direita desta capela uma sacristia e à esquerda um velário, no lado oposto se mantém o lugar para o coro ou equipes de liturgia.

A primeira igreja construída e dedicada a Santo Antônio em Osasco, foi demolida para dar lugar a um prédio mais moderno, que não substituiu a memória afetiva dos fiéis. Nos depoimentos colhidos, vemos como os fiéis lamentam a demolição da primeira igreja, e depois a segunda igreja chamada provisória que deu lugar à construção do prédio da Cúria Diocesana de Osasco. Tais construções, em um tão breve período, foram um desgaste financeiro e emocional desnecessários para a paróquia.

O projeto da atual igreja fez uma boa adaptação ao que orienta a Igreja, embora tenha deixado ausente o uso de símbolos e outras decorações para embelezar as formas, além disso não preservou a memória das antigas construções. O altar é um exemplo de adaptação moderna feito em pedra, bem centralizado no presbitério, podendo ser avistado de qualquer lugar da nave da igreja. Suas formas assimétricas o tornam um tanto desarmônico e desproporcional, e a ausência de detalhes decorativos o deixam ainda menos destacado em meio à amplitude do prédio. O ambão e a pia batismal fazem um conjunto harmonioso com o altar, feitos com as mesmas cores e materiais. O ambão adquire realce durante as cerimônias, e a pia batismal tem pouca notoriedade e é usada muitas vezes como suporte de papéis.

A capela do Santíssimo à esquerda do presbitério tem um ambiente acolhedor e intimista que favorece a oração pessoal e possibilita as celebrações com pequenos grupos de fiéis. A arte usada no retábulo do sacrário é simples e sem muitos objetos de adorno que poderiam valorizar um pouco mais este espaço.

A nave da igreja é ampla e, com a forma moderna de anfiteatro, o espaço favorece as celebrações com grande número de pessoas. As laterais da nave ficam num nível superior ao do pavimento do centro da nave, o que dificulta o acesso e o torna pouco atraente.

O espaço do mezanino proporciona um espaço interessante aos fiéis. Embora o espaço não seja muito grande, é possível participar bem das cerimônias dali, somente o acesso é feito por escadas, o que dificulta o trânsito até ele. Os outros ambientes da igreja são adaptados ao uso cotidiano, inclusive à secretaria de atendimento ao público.

A construção conta com um espaço externo bastante considerável usado como local de estacionamento de veículos de fácil acesso ao espaço sagrado. Ao lado da igreja catedral foi construído um edifício moderno, ocupado hoje pela cúria diocesana de Osasco, e uma alta torre usada como cripta no primeiro piso, e como espaços para escritório nos outros andares.

Ao confrontar as imagens da primeira igreja construída e a nova igreja não é possível ver nada em comum, a memória arquitetônica não foi preservada. Com a demolição da primeira igreja, a memória afetiva dos fiéis ficou desconsiderada. Mesmo com a necessidade do espaço para a construção do novo prédio, é preciso conservar a memória dos fiéis, os quais cooperaram de diversas formas na construção do antigo espaço sagrado. Demolir esta igreja foi uma violência contra a história do povo que recebeu os sacramentos e partilharam suas vidas naquele local. A igreja nova tem muitos pontos positivos, mas nenhum deles justifica a destruição do patrimônio que havia, além disso havia muito espaço para uma nova igreja.

Os principais responsáveis pela construção da nova igreja de Santo Antônio foram os religiosos da Congregação da Paixão de Jesus Cristo, os padres chamados passionistas. A influência que tiveram sobre essa construção foi importante e, de acordo com os depoimentos colhidos neste trabalho, percebemos um grande entusiasmo por parte dos padres em relação às novidades que a reforma litúrgica trouxe. O desejo por renovação era efervescente sendo um dos motivos para a escolha de um projeto moderno e arrojado como o que temos hoje. Embora a pressa possa ser inimiga da perfeição, pois ainda hoje a igreja catedral está recebendo uma reforma estrutural, o que poderia ser evitada se o projeto pudesse alcançar todas as necessidades e orientações da Igreja.

4.1.1.2. IGREJAS EM CARAPICUÍBA

Os primeiros relatos históricos da cidade de Carapicuíba vêm da antiga aldeia de índios fundada pelo Pe. José de Anchieta em outubro de 1580, que foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1940.[77] Há no centro da praça da aldeia uma pequena igreja que foi construída em 1736, tendo inicialmente São João Batista como padroeiro e posteriormente, mudado para Santa Catarina de Alexandria. Ao lado da igreja está a Casa da Cultura do município, que conta com acervos de imagens e objetos indígenas. Existe um documento importante relativo ao surgimento da aldeia de Carapicuíba: a sesmaria de 12 de outubro de 1580, em que o donatário Jerônimo Leitão fala da necessidade de mais terras para trabalho dos índios dos padres, e sendo atendido é criado o povoado em uma área conhecida como Carapicuíba. A sesmaria de 1580 mostra que a aldeia de Pinheiros era distinta da aldeia de Carapicuíba, sendo uma espécie de certidão de nascimento de Carapicuíba. A doação das terras aos jesuítas é do século seguinte, embora a aldeia já estivesse ali antes.

---

[77] Cf. IPHAN. *Aldeia de Carapicuiba – Carapicuiba (SP).*
Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/385
Consultado em 24/07/2021 às 16h.

A vida na aldeia apresentou períodos mais e menos favoráveis, em 1698 chega a ser transferida para Itapecerica da Serra, chegando ao extremo de derrubar as casas para que os índios não voltassem ao local, causando a destruição de toda a aldeia. Graças à forte resistência à ideia de mudança, a aldeia volta a ser refeita. A tentativa de mudança serviu para fortalecer a aldeia, fazendo com que seja reconstruída. A construção da igreja que se conserva hoje na aldeia é de 1736, período em que deve ter ocorrido o retorno à Carapicuíba. A igreja é uma edificação em taipa e não dispõe de torre, a última restauração mais significativa foi feita em 1950.[78]

Depois que os jesuítas são expulsos do Brasil, em 1760 a propriedade passa aos cuidados da família Camargo, uma das mais antigas famílias paulistas. Com isso, a aldeia passa a ser ligada à paróquia Nossa Senhora do Monte Serrate de Cotia. Isolada geograficamente e com tantas mudanças, a aldeia começa a decair.

O crescimento urbano rápido e desordenado no entorno da aldeia faz com que sofra as consequências da vida moderna, inclusive a degradação das edificações. Mas, em 1940, a aldeia recebeu o tombamento pelo IPHAN, hoje as antigas casas são utilizadas por comércio, outras estão desabitadas ou usadas pela atividade turística e administrativa do governo municipal.

A população da cidade Carapicuíba apresenta alto índice de imigrantes nordestinos, mineiros e seus descendentes que vêm em busca de trabalho no comércio e na indústria local e de municípios vizinhos ou próximos, inclusive a capital paulista, por isso é considerada uma das "cidades-dormitórios" da Grande São Paulo.

O maior desenvolvimento da cidade de Carapicuíba só se deu graças à chegada da estrada de ferro Sorocabana, e se tornará município somente em 1965, quando deixa de ser parte de cidade de Barueri.[79] A população estimada de Carapicuíba em 2020 é de mais de 400 mil habitantes,[80] sendo uma das cidades mais populosas da sua região. Aproximadamente 53% da população da cidade se declara católica.

> Ao contrário das cidades de Osasco e de Barueri, que tiveram desenvolvimento na produção industrial, ou Cotia, com a produção hortifrutigranjeira, Carapicuíba tornou-

[78] Cf. PELLEGRINI FILHO, A. *Carapicuíba: Uma Aldeia Mameluca*. São José dos Campos: Prefeitura de São José dos Campos. 2016, p. 19-61.
Disponível em: https://pt.calameo.com/read/001012672119a957fee38
Consultado em 24/07/2021 às 15h.
[79] Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE CARAPICUÍBA. *Histórico.*
Disponível em: http://www.carapicuiba.sp.gov.br/index.php/coordenadoria-municipal-de-def-civil/historico
Consultado em 23/03/2021 às 16h.
[80] Cf. IBGE. *Panorama da População de Carapicuiba.*
Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/carapicuiba/panorama
Consultado em 23/03/2021 às 16h.

> se um grande mercado de terras à oeste da capital, cuja renda diferencial, devido à ilegalidade dos empreendimentos, a ausência de infraestrutura e a distância das atividades industriais e comerciais, a transformou num reduto imobiliário para as classes trabalhadoras. Somam-se, pois, a autoconstrução, feita com precariedade aos fins de semana, ou os horários de pequena folga do trabalho, para selar o perfil periférico funcional de Carapicuíba, ocupando praticamente a totalidade do território e a transformando numa típica cidade-dormitório e mais dependente ao longo dos anos do centro metropolitano.[81]

A construção da estação de trem pode ser considerada a base do reinício de Carapicuíba, que vai se tornar um grande núcleo habitacional, localizado a mais ou menos 8 quilômetros de distância da aldeia dos índios. Muitos ferroviários fixaram residência em Carapicuíba e colaboraram para o progresso da cidade.[82]

As igrejas que trataremos a seguir estão em locais de grande afluxo de fiéis e em regiões bastante centralizadas na cidade de Carapicuíba, além disso foram construídas no período a que este trabalho se propõe. São igrejas matriz de suas respectivas paróquias.

4.1.1.2.1. IGREJA DE SANTO ANTÔNIO DA VILA CALDAS

A primeira capela dedicada a Santo Antônio, no bairro da Vila Caldas, em Carapicuíba, tem o início da sua construção na década de 1940. Consta no livro tombo da paróquia que um terreno foi doado onde os fiéis se reuniam para oração.[83] A capela de Santo Antônio era ligada à paróquia de Nossa Senhora Aparecida, em Carapicuíba, e recebia alguns benefícios pastorais das irmãs do educandário de Santa Teresinha, da Congregação Filhas de Nossa Senhora *Stella Maris*, sabe-se que as missas eram celebradas por padres convidados de outras províncias,[84] na época nesta igreja. A seguir a comunidade adquiriu um terreno ao lado da pequena capela já existente, para a construção de uma futura casa paroquial. Com o sonho de se tornar uma nova paróquia, cresce ainda mais o movimento de fiéis a capela de Santo Antônio. Segundo depoimentos de fiéis, a igreja construída na

---

[81] OLIVEIRA, R. F. *De Aldeamento Jesuítico à Periferia Metropolitana: Carapicuíba/SP como Rugosidade Patrimonial.*Tese de doutorado. 2016, p. 174-175
Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/22768
Consultado em 23/03/2021 às 16h.

[82] Cf. OLIVEIRA, R. F. *De Aldeamento Jesuítico à Periferia Metropolitana: Carapicuiba/SP como Rugosidade Patrimonial*. Brasília: Tese de Doutorado. 2016, p. 86-90.
Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/22768
Consultado em 07/11/2021 às 15h.

[83] Cf. LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO. Carapicuiba. Livro I, p. 1.

[84] Cf. LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO. Carapicuiba. Livro I, p. 2v.

década de 1940 foi feita de modo bastante precário, e, com o tempo, apresentou rachaduras em sua estrutura e o perigo de desmoronamento.[85] Com isso, o pároco na época decidiu construir num novo prédio para a comunidade local e demolir a antiga construção, embora não conste que algum profissional da área de construção civil tenha sido consultado sobre a condenação do edifício, que parece ter sido decidido com o parecer do padre e de um pedreiro.[86]

O novo prédio construído, hoje utilizado como salão paroquial, se tornou por vários anos o espaço onde aconteciam as celebrações litúrgicas. Embora tivesse um espaço bastante amplo, o acesso se tornou difícil por estar em meio a muitas escadas, as pessoas idosas ou portadores de deficiência iam à igreja com muita dificuldade.

O crescimento populacional fez com que a Vila Caldas crescesse muito por sua proximidade com a região da estação da ferrovia e o centro da cidade, além de ser de fácil acesso ao município vizinho de Osasco.

Em 17 de agosto de 1966, a capela se torna paróquia e se encontra em pleno desenvolvimento. O seu primeiro pároco foi o Pe. Pedro Gaparin. Com o passar dos anos, vê-se a necessidade de ampliação ou reforma da capela. Assim, na década de 1980, se decide demolir a capela para a construção de um espaço mais amplo e adaptado à liturgia, principalmente pelo problema estrutural que a edificação apresentou neste período, em que grandes rachaduras comprometiam toda a estrutura e colocava em perigo os fiéis que ali se reuniam.[87]

Um novo edifício foi construído para o uso da comunidade, com o aumento na frequência dos fiéis às celebrações; e a urgência de ampliar e adaptar o espaço litúrgico resultou na demolição da antiga igreja e na construção de um espaço que não era muito favorável à participação dos fiéis e que por ser um edifício moderno era chamado de igreja de vidro, de um modo um tanto pejorativo.[88] O novo edifício, além de ter um acesso difícil, não favorecia as celebrações litúrgicas, não contou com o consentimento do bispo diocesano, além de não ter o interesse da comunidade paroquial, e acabou se tornando o salão paroquial hoje em dia.[89]

Todos os problemas enfrentados pela comunidade paroquial levaram a necessidade de construir um novo prédio que seguisse as exigências da liturgia e que fosse de acesso mais adequado

[85] Cf. Depoimento da Sra. Maria Sophia de Oliveira.
[86] Cf. Depoimento do Sr. Vicente Carlos Izidorio.
[87] Cf. LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO. Carapicuiba. Livro I, p. 4.
[88] Cf. Depoimento da Sra. Maria Sophia de Oliveira.
[89] Cf. Depoimento do Revmo. Sr. Pe. Claudio Gabriel dos Santos.

aos fiéis, com isso foi analisada a possibilidade da construção de frente para a praça na rua Venceslau Brás, que foi finalmente conseguida quando uma nova gestão assumiu o governo municipal.[90]

A intensão quando foi confeccionado o projeto era de se construir uma igreja moderna que favorecesse a espiritualidade e onde se pudesse criar um ambiente de oração, com uma arquitetura favorável à liturgia, através de uma espécie de harmonia entre o moderno e o tradicional.[91]

O edifício da igreja que hoje encontramos como a matriz desta paróquia foi inaugurado em 13 de junho de 1990. A igreja atual é ampla e aconchegante, mas tem alguns problemas quanto à circulação de ar, pois só tem uma porta de saída, a cúpula no meio da nave da igreja ajuda um pouco, mas, quando se tem muitas pessoas na igreja, o ambiente fica muito quente, além de não ter sido possível criar janelas nas laterais da nave. Na parte inferior do terreno, foram construídas várias salas para reuniões, que funcionaram por algum tempo como uma creche mantida pelo município.

A igreja de Santo Antônio da Vila Caldas, em Carapicuíba, fica em frente a uma praça. Ela tem em sua fachada externa um arco pleno que a embeleza com um pequeno campanário e a pintura da imagem do santo padroeiro. Somente a fachada frontal pode ser vista do lado de fora, pois sai estrutura foi construída nos limites de outras construções ao redor.

O presbitério está centralizado no corpo principal da nave, onde encontramos num piso pouco mais elevado o altar com uma discreta decoração. O que chama a atenção no espaço do presbitério são os vitrais colocados nas laterais como importantes entradas de luz natural. Além da sua beleza tornam-se um convite para a contemplação, mas tiram um pouco a atenção durante as celebrações litúrgicas, que devem se voltar para o altar.

A nave da igreja tem uma forma não muito prática, uma letra L ao contrário; o corredor central é bem longo, o que deixa o altar distante de quem entra na igreja, e pode dar a impressão de pouca importância, usar objetos artísticos no altar e nos outros móveis atrairia a atenção e ajudaria a colocá-lo em maior destaque. O espaço lateral era anteriormente usado como capela provisória e, depois, permaneceu como parte da nave, hoje usada como um batistério. O corpo da nave é bem amplo e espaçoso. Mas por ter sido construído nos limites de construções vizinhas não pode ter janelas, o que causa transtorno com a circulação de ar e pouca entrada de luz natural. Pensando nestas dificuldades, foi criada uma pequena cúpula feita em acrílico que solucionou o problema da iluminação, mas não da circulação de ar. Os fiéis ainda sofrem com as altas temperaturas no interior da igreja, nas cerimônias com grande número de pessoas, a solução imediata é a instalação de ventiladores ou outros

[90] Cf. Depoimento do Sr. Vicente Carlos Izidorio.
[91] Cf. Depoimento do Revmo. Sr. Pe. Claudio Gabriel dos Santos.

meios de circulação de ar ou ar-condicionado. O mezanino amplia um pouco o espaço para uso dos fiéis com acesso limitado por escadas estreitas.

A capela do santíssimo ficava na base do L, o que causava alguns transtornos nas celebrações, pois é necessário cruzar a nave inteira da igreja para ir até o sacrário e voltar ao presbitério para distribuir a comunhão. Hoje o sacrário fica no próprio presbitério, possibilitando mais comodidade ao celebrante para distribuir a comunhão. Mas o problema do espaço da capela permanece, pois não é possível ver o altar a partir dali, esperamos que novas ideias no futuro possam solucionar o problema e fazer uma adaptação do local, esperamos que não seja necessário a sua demolição.

Os responsáveis pela construção desta igreja foram dois párocos, inicialmente um religioso da Sociedade de São Patrício, que demoliu a primeira igreja com a alegação de que o edifício estava em estado precário e que poderia cair a qualquer momento, não encontramos nenhum documento ou parecer condenando a construção. Sabemos que a antiga igreja precisava passar por uma reforma, pois estava com rachaduras em sua estrutura[92]. A igreja foi condenada à demolição por decisão deste pároco, pela simples razão de que ela estaria caindo. Foi construída então uma estrutura metálica no meio do terreno, e que hoje é utilizada como salão de eventos. Depois de algum tempo o próprio bispo diocesano percebeu que aquele espaço não servia bem para fins litúrgicos devido a uma série de problemas estruturais[93]. Assim foi necessário fazer uma nova igreja que fosse confortável, bela e adaptada às orientações que a liturgia da Igreja pede, feita por um novo pároco, agora não mais religioso, mas um padre secular que fez parte das primeiras turmas da casa de Formação São José, hoje nosso seminário diocesano. A influência na escolha desta nova igreja foi feita pelo novo pároco, que apresentou ter uma preocupação especial com a liturgia e que devia fazer uma "igreja templo", um projeto que ao colocado em prática se tornou uma igreja moderna e sem exageros, transmitindo de forma eficaz espiritualidade cristã e clima oracional.

4.1.1.2.2. IGREJA DE SÃO PAULO APÓSTOLO DA COHAB

Na década de 1970, a região metropolitana da cidade de São Paulo sofria de um grande déficit habitacional, o que levou à fundação da Companhia Metropolitana de Habitação (COHAB), cujo objetivo foi facilitar o acesso da população de menor renda à moradia, através da construção de novas casas populares. A implantação de apartamentos e casas em Carapicuíba teve início em 1972, e só foi concluída em 1986, e recebeu o nome de conjunto habitacional Castelo Branco, ocupando uma área

[92] Depoimentos do Sr. Vicente Carlos Izidorio.
[93] Depoimento do Revmo. Sr. Pe. Claudio Gabriel dos Santos.

de 2.500 km^2, com cerca de 357 edifícios, 13.366 apartamentos e 864 casas térreas ou sobrados.[94] A ocupação das moradias e o aumento contínuo da população resultaram em novas necessidades para o bairro. Por ser uma região unicamente residencial, não foi projetada com áreas comerciais, sociais e religiosas, e os novos residentes sentem a falta de tais locais, que só serão pensados mais tarde.[95]

Muitos dos novos moradores da Cohab de Carapicuíba são católicos e desejavam ter um local para suas celebrações religiosas, que se deram inicialmente em um centro social onde se reuniam diferentes religiões. O espaço do centro social ficou pequeno diante do número de fiéis católicos que frequentava as cerimônias, com isso aumentou ainda mais o desejo de um espaço para a Igreja no bairro.

Pela iniciativa da obra Kolping do Brasil, uma associação sem fins lucrativos que atua pela superação da pobreza através da formação e trabalho, representada pelo Pe. Paulo Link[96] na época padre da região de Carapicuíba, houve um acordo com a Companhia Metropolitana de Habitação, quando se firmou um contrato para a construção de uma obra social no local desde que anexa a uma igreja católica.

O edifício da igreja foi construído em conjunto à obra social, na rua Rio Branco, era um ponto bem alto do bairro. Embora o terreno fosse bastante acidentado e irregular, foi aceito o desafio de construir nesse local. O financiamento do empreendimento foi de mais de 50% provido por projetos enviados da Alemanha, e o restante da obra foi suprido pela comunidade local com festas e eventos, com fim de angariar fundos para a construção, os fiéis se dedicaram muito para suprir as necessidades da construção.[97]

O projeto da igreja teve influência direta do Pe. Paulo Link. Embora a igreja não conte com nenhuma torre, as formas do edifício seguem o estilo de outras igrejas que ele construiu em

---

[94] Cf. ALMEIDA, L. A. *A Cohab de Carapicuíba, sua implantação e mudanças: notas para uma pesquisa histórica.* In: Revista ASBRAP. nº 14, p. 85.
Disponível em: http://www.asbrap.org.br/documentos/revistas/rev14_art7.pdf
Consultado em 01/09/2021, às 17h.

[95] Cf. ALMEIDA, L. A. *A Cohab de Carapicuíba, sua implantação e mudanças: notas para uma pesquisa histórica.* In: Revista ASBRAP. nº 14, p. 95-97.
Disponível em: http://www.asbrap.org.br/documentos/revistas/rev14_art7.pdf
Consultado em 01/09/2021 às 17h.

[96] Mons. Wilhem Paulo Link nasceu em Fulda, na Alemanha em 28 de abril de 1939, estudou e foi ordenado sacerdote em Roma na Itália, no dia 10 de outubro de 1965, doutor em Eclesiologia, chegou ao Brasil em 24 de fevereiro de 1971 onde ainda reside. Veio ao nosso País como *Fidei Donum.* Com uma profunda dinâmica missionária, construiu diversas igrejas e obras sociais em toda a cidade de Carapicuíba, onde promoveu não somente o lado social e religioso, mas a pessoa integralmente. Em Carapicuíba foi assessorado pelas irmãs do Instituto Coração de Jesus - *Serviam.* Hoje se encontra com sérios problemas de saúde que limitam a sua ação pastoral. Cf. Depoimento da Ir. Maria Aparecida Borges.

[97] Cf. Depoimento do Revmo. Sr. Pe. José Maria Falco.

Carapicuíba. A prioridade na confecção do projeto foi reservar um espaço para a igreja e para as salas de reuniões, pensando especialmente na catequese de crianças e adultos e nos custos da obra.[98]

Em 1985, houve uma mudança, quando assume como pároco o Pe. José Maria Falco, que acompanha a construção até a sua conclusão, "era um projeto adequado e feito de acordo com a cultura do povo local".[99] O novo pároco não tinha envolvimento direto com a obra Kolping, que mantinha uma linha diferenciada de trabalho, para evitar conflitos. A obra ficou pronta entre os anos de 1987 e 1988 e os fiéis se sentiram muito satisfeitos, a comunidade ficou ainda melhor e fervorosa. A escolha do padroeiro, que se tornou São Paulo Apóstolo, foi feita em homenagem ao Santo Apóstolo e ao Pe. Paulo, que é considerado um grande evangelizador da cidade de Carapicuíba.

Segundo relato dos membros da comunidade local, o edifício foi construído com a assistência de profissionais habilitados, mesmo assim foram encontrados alguns problemas depois da conclusão da obra, como a estrutura do telhado que cedeu e o piso que se deslocou por uns 8cms[100], mas que foram remediados imediatamente.

A igreja foi construída em um ponto alto da região, possibilitando uma boa iluminação natural durante o dia e uma excelente circulação de ar em seu interior. Hoje a igreja se tornou um espaço pequeno para o número de fiéis que frequentam as celebrações, pois a sua estrutura foi pensada para ser uma capela e não uma igreja matriz como ela se tornou no dia 27 de outubro de 2000. Os desafios para uma igreja como a São Paulo Apóstolo são muitos, o pároco atual tem a intensão de ampliar o prédio da igreja e revitalizar suas dependências.

Na entrada da igreja, depara-se com uma rampa meio curvada como uma adaptação ao terreno em declive, que facilita o acesso de todos à igreja. A sua fachada é simples, com beiral reto para proteger portas e janelas, há diversas janelas também nas paredes laterais que possibilitam uma excelente circulação de ar e a entrada de luz natural, que favorecem muito o conforto dos fiéis.

O presbitério tem um bom destaque nesta igreja, sendo muito espaçoso e confortável para o desenrolar das celebrações. É possível vê-lo de qualquer lugar da igreja. As paredes do presbitério são revestidas em pedra rústica que remetem à ideia de uma gruta, o que não é muito interessante para uma igreja construída num lugar tão alto e num pavimento superior ao térreo. Além disso as paredes contam com três arcos distribuídos de forma simétrica, o arco do lado direito se abre até mais ou menos 2 metros e meio de altura, para dar espaço a uma capela do Santíssimo que favorece a

[98] Cf. Depoimentos do Sr. Silvio da Silva e do Pe. Ricardo Rodrigues dos Santos.
[99] Cf. Depoimento do Revmo. Sr. Pe. José Maria Falco.
[100] Cf. Depoimentos do Revmo. Sr. Pe. José Maria Falco, da Sra. Estelita de Farias Oliveira e do Sr. Silvio da Silva.

oração e o recolhimento, embora o pé direito possa causar em algumas pessoas uma sensação de claustrofobia.

A igreja de São Paulo Apostolo da Cohab, em Carapicuíba é simples e com pouca implicância artística, mas é uma das igrejas que se adaptou com talento segundo as orientações do Concílio, embora possa ainda ser enriquecida com objetos, adereços e trabalhos artísticos mais significativos.

O responsável inicialmente pela obra desta igreja foi um padre secular alemão. A escolha da forma como a igreja foi projetada torna possível que o seu volume externo seja facilmente identificado como um espaço sagrado, mesmo com a ausência de uma torre utilizada por muitos estilos de arquitetura de igreja mais antigos. Depois de algum tempo, um novo pároco assume a direção da construção em andamento e faz com que a igreja fique no estado em que está atualmente, o novo pároco teve sua formação na casa de formação São José, em Osasco.

4.1.1.3. IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA DE BARUERI

A cidade de Barueri tem o início de sua história muito semelhante a Carapicuíba, que remonta da fundação das aldeias jesuíticas do século XVI em São Paulo. A aldeia de Barueri foi fundada pelo Pe. José de Anchieta, em 1560, à margem direita do rio Tietê, e tem como padroeira Nossa Senhora da Escada. A aldeia cresceu e se tornou um importante aldeamento. A capela da aldeia foi construída em taipa e depois reconstruída, e atualmente é tombada pelo patrimônio histórico municipal por sua importância cultural.[101]

A aldeia enfraquece quando os padres jesuítas são expulsos da colônia, ficando abandonada e destruída. Só em 1880 são encontrados os escombros da antiga igreja e se decide reconstruir a pequena capela para abrigar a imagem de Nossa Senhora da Escada também descoberta da época da fundação. A imagem de Nossa Senhora da Escada é do século XVI, em terracota, prata e cerâmica policromada, de autoria desconhecida e remanescente da segunda aldeia, mede 63 cm de altura e é tombada pelo IPHAN.[102]

A abertura de três vias de comunicação da cidade de São Paulo com o interior paulista no século XIX permite o surgimento de um novo núcleo de habitantes, onde nasce um novo distrito no território de Barueri, que cresceu para atender os condutores de tropas que passavam pelo local. Com a construção das ferrovias e as atividades comerciais locais, Barueri passa a ser um local de grande importância econômica. A cidade ocupou uma posição estratégica em relação às vizinhanças, devido

---

[101] Cf. SILVA, E. *Barueri: História Revista e Documentada.* São Paulo: ABC. 1995, p.16.
[102] Cf. ARQUIVO NORONHA SANTOS. *Livro do Tombo.*
Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/ans/
Consultado em 15/09/2021, às 10h.

à facilidade de acesso a São Paulo e ao comércio em ascensão, o que fez com que o novo povoado recebesse cada vez mais moradores.

Barueri continua a crescer, e em meados do século XIX é construída uma igreja no seu centro do povoado em louvor a São João Batista. A localização da nova igreja fica em meio aos acessos dos serviços de transporte, assimilando a demanda de moradores locais e aqueles que passavam pelas proximidades.[103] Quando Barueri é emancipada, os primeiros governantes do município oficializarão São João Batista como padroeiro do distrito. Em respeito à primeira capela, Nossa Senhora da Escada continua como padroeira de toda a cidade. "Barueri, em suas principais fases de desenvolvimento histórico, teve como marca histórica o papel da Igreja Católica, que nos entornos de suas edificações aglutinavam a população..."[104]

A cidade demonstra certa preocupação com o seu patrimônio histórico, embora isso não pareça ter acontecido em relação à igreja de São João Batista, que sofreu construções e demolições em um período breve de tempo. A segunda igreja foi construída e concluída em 1960; e a terceira em 1997. Em menos de 50 anos tivemos a demolição e construção de duas igrejas, o que parece um exagero e, sem dúvida, os gastos não devem ter sido poucos. Observando a última igreja, percebemos sua grandiosidade, é um monumento marcante no centro da cidade, o que não justifica necessariamente tais ações de tantas demolições e construções.

A igreja do povoado vem a se tornar paróquia em 1953, com a posse de seu novo vigário Pe. Lazzaro Equini. A nova paróquia conta com um edifício pequeno e o crescimento acelerado do número de fiéis nas cerimônias,[105] por isso se presume a necessidade de ampliação do espaço celebrativo. Assim, encontramos nos arquivos da referida paróquia atas de reuniões de uma comissão pró-construção com data de 16 de maio de 1958. Tais atas tratam da sugestão de um projeto dado por Dom Paulo Rolim Loureiro, bispo auxiliar da arquidiocese de São Paulo neste período, para a construção de uma nova igreja, em que fica definido que seriam feitas as bases definitivas para a nova igreja e em uma parte desta base seria feito um salão provisório para servir de local de culto enquanto a igreja definitiva estiver sendo construída. Tal construção levou menos de dois anos para ser concluída. Segundo uma placa exposta na igreja hoje, conta-se que a data de conclusão foi em 26/06/1960, com a "sagração" do novo prédio, como é dito no folheto do convite para as festividades.

A construção da Estrada de Ferro Sorocabana passa por Barueri, o que faz com que a freguesia cresça ainda mais, superando a vila Parnaíba, da qual dependia antes da sua emancipação. Em 24 de

[103] Cf. SILVA, E. *História de Barueri: Capítulo de História Municipal.* Osasco: Gráfica e Editora Peres.1998, p. 56.
[104] Cf. SILVA, E. *Barueri: História Revista e Documentada.* 1995, p.154.
[105] Cf. LIVRO TOMBO PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA. Barueri. Livro I, p. 4.

dezembro de 1948, é criado o município de Barueri, e seu desenvolvimento econômico ganha maior força em 1973, quando surgem os polos empresariais de Alphaville, Tamboré e Jardim Califórnia.

Hoje a cidade de Barueri se desenvolveu muito, e sua população estimada é de mais de 270 mil habitantes, no ano de 2010 pouco mais de 50% da população se declarou católica.[106]

Nos anos de 1990, a igreja construída em 1960 começou a apresentar graves rachaduras em sua estrutura, o pároco então convoca pessoas da paróquia para formar uma nova comissão para se discutir sobre como solucionar o problema estrutural da antiga igreja. A nova comissão acredita que a reforma não é conveniente, pois, além dos problemas estruturais, também estava pequena para acolher as pessoas que frequentavam as celebrações. Fica resolvido que deviam construir uma nova edificação ao lado da antiga. Logo em dezembro de 1994 é feita a cerimônia de lançamento da pedra fundamental. A principal motivação desta nova construção foi a ampliação e a modernização do espaço celebrativo.[107]

Os gastos com o novo projeto não devem ser pequenos, pois a comissão pró-construção se reúne quase que semanalmente para planejar os meios de angariar fundos. Além disso, se veem no livro tombo diversas afirmações sobre o apoio da prefeitura da cidade e que a construção segue em ritmo acelerado.[108]

No dia 28 de setembro de 1995, a nova igreja foi inaugurada com a bênção dada por Dom Francisco Manuel Vieira, bispo diocesano de Osasco. Após algumas semanas, a antiga igreja foi demolida, mas se manteve o espaço da sacristia e da secretaria.

Encontramos aqui um fenômeno semelhante que ocorreu com outras igrejas abordadas neste trabalho, em Barueri inicialmente havia uma pequena igreja construída no século XIX que foi demolida, logo foi construído um novo prédio e mais amplo com a fachada revestida em pedra. Depois ocorre uma outra demolição e uma nova igreja ainda maior é feita de estrutura metálica e vidros. Temos então a construção de três edifícios diferentes, e a demolição dos dois últimos.

A estrutura externa da igreja tem a forma triangular, com o pé direito bastante alto, que pode trazer a lembrança da igreja catedral de Londrina. Os grandes espaços envidraçados na fachada e na região do presbitério favorecem a iluminação, entretanto o excesso de luz ofusca a visão dos fiéis,

---

[106] Cf. IBGE. *Panorama da População de Barueri.*
Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/barueri/pesquisa/23/22107
Consultado em 23/03/2021 às 16h.
[107] Cf. Depoimento do Sr. Geraldo Humberto Cardana.
[108] Cf. LIVRO TOMBO PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA. Barueri. Livro I, p. 65v-68.

tirando toda a atenção que devia ser voltada ao altar. Recentemente, foram colocados vitrais coloridos, mas não resolveu o problema com a iluminação.

A fachada é imponente e conta com um grande trabalho artístico em vitral sobre a vida do santo padroeiro, mas que não é possível ver toda a sua beleza pelo lado de fora do prédio, pois há um campanário com sete sinos que encobrem parte de sua extensão. O campanário poderia ter sido feito em outro espaço, pois o terreno da construção é amplo e seria possível criar um belo campanário em outra parte.

A nave da igreja é ampla e espaçosa, sem colunas e com o pé-direito alto, mantendo uma temperatura agradável no seu interior, mesmo nos dias mais quentes. O trabalho com a acústica fica um pouco difícil devido ao pé-direito tão alto e a imensa extensão da nave, assim são necessários equipamentos mais modernos para que se possa ouvir o que se diz nas celebrações litúrgicas. Nas laterais da nave, há grandes janelas que servem como entrada de ar. É uma igreja confortável para os fiéis que querem participar das cerimônias que ali acontecem.

O presbitério é espaçoso para as grandes cerimônias com grande número de concelebrantes. Há ali dois altares de pedra branca bem adornados com símbolos feitos artisticamente e de nobre beleza, embora pareçam não se encaixar bem na estrutura moderna do prédio. Um dos altares funciona como um retábulo para manter o sacrário que fica no centro do presbitério, mas o altar utilizado fica destacado da parede para que o sacerdote possa celebrar de frente para os fiéis. Os dois altares são equilibrados e belos, mas poderiam contar com alguns elementos modernos que lhe concedesse harmonia com o restante da construção, como os arcos das janelas.

A sacristia fica nos fundos da igreja e tem uma porta que dá acesso à nave da igreja do lado esquerdo do presbitério, conta com um bom espaço e conserva alguns móveis das antigas sacristias, o que faz com que este espaço relembre as antigas igrejas, uma espécie de memória afetiva, o que é muito positivo. A conservação dos móveis antigos é uma raridade entre as igrejas aqui estudadas, o que acrescenta mais um aspecto positivo nesta comunidade. Entretanto, há móveis que poderiam ser retirados como alguns estofados, para que o lugar se torne mais funcional e menos estreitado.

A secretaria e outras dependências são bem distribuídas e ocupam um espaço considerável, o que torna mais fácil organizar os outros recintos. Há um amplo estacionamento onde ficava a última igreja infelizmente demolida.

O responsável pela construção é um padre mais maduro, nascido em 1921 e ordenado em 1952, na arquidiocese de São Paulo, com uma formação anterior ao Concílio. Podemos ver que sua

influência sobre a escolha do estilo da construção é moderna, mas com um requinte de nobreza com a forma triangular.

4.1.1.4. IGREJA DE NOSSA SENHORA DO MONTE SERRATE DE COTIA

A origem da cidade de Cotia se confunde com a história da igreja de Nossa Senhora do Monte Serrate, por ser uma das mais antigas localidades ocupadas no Planalto Paulista. A fundação da pequena capela dedicada a Nossa Senhora remete aos tempos dos bandeirantes, que utilizavam a localidade como um ponto de passagem, especialmente para as viagens entre a vila São Paulo e o oeste do estado. Um fato curioso é a visita que Dom Pedro II, imperador do Brasil, fez com sua comitiva a Cotia, em 1846, quando visitava as províncias do Sul.[109]

O documento mais antigo sobre a igreja matriz de Cotia foi encontrado em meio a um dos livros de tombo da paróquia, é uma folha avulsa datada de 1684. Onde se pode ler que no dia 26 de janeiro de 1684, o livro foi visto em visita pelo Revmo. Bispo Dom José de Barros Alarcão, bispo da diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Nos arquivos da paróquia, encontra-se uma pesquisa histórica feita pelo padre Daniel Balsan, antigo pároco, consultando os livros tombo da paróquia e outras fontes históricas. Este resumo foi publicado em parte pelo jornal local no período em que ele foi pároco de Cotia. As referências mais antigas da matriz de Cotia feitas aqui são deste resumo histórico.[110] A população estimada em 2020 da cidade de Cotia é de mais de 250 mil habitantes, sendo de maioria católica.

Cotia desenvolveu-se ao redor da igreja, com isso ela se encontra no centro da cidade, e é a segunda paróquia mais antiga da diocese de Osasco. A estrutura inicial da igreja foi feita em taipa de pilão, uma técnica de construção bastante utilizada na época, no estilo barroco simples, e hoje ainda mantém grande parte de sua estrutura original, embora tenha passado por reformas em algumas partes do prédio. A atual igreja foi inaugurada com a entronização da imagem da padroeira no altar-mor e a posse de capelão do padre Mateus Laya Leão, que consta no mais antigo livro tombo da paróquia, por uma corrosão no livro a data não aparece legível e deixa duas datas possíveis 1703 ou 1713.[111]

---

[109] Cf. SODRÉ, A. DE A. Primeira Visita de Pedro II a São Paulo. *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.* Vol. XLV. 1950, p. 129-143
Disponível em:
https://www.google.com.br/books/edition/Revista_do_Instituto_Histórico_e_Geogr/R6doAAAAMAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=dom+Pedro+ii+visita+são+paulo&pg=PA129&printsec=frontcover
Consultado em 17/03/2021 às 16h.

[110] Cf. PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO MONTE SERRATE. *Jubileu de 300 anos.* 2013, p. 20.

[111] Cf. PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO MONTE SERRATE. *Jubileu de 300 anos.* 2013, p. 16.

Ao longo do tempo foram necessárias várias intervenções de reforma na estrutura da igreja, mas, em 1998, a igreja matriz de Cotia sofreu uma reforma em seu interior que afetou de forma bastante significativa seu estilo e levou a uma descaracterização em parte do seu espaço sagrado, antes com estilo barroco muito característico. A reforma afetou o espaço interno da igreja, onde as paredes laterais do presbitério e seu piso foram demolidos, além de parte do altar-mor onde se encontrava a imagem da padroeira.

As paredes laterais ao presbitério dividiam dois espaços distintos, à esquerda de quem está de frente para o altar-mor, uma capela do Santíssimo; e à direita uma sacristia, onde havia inclusive um afresco na parede (foto do afresco). As paredes que foram derrubadas eram feitas de taipa, da época da primeira construção no século XVIII. O piso do presbitério foi destruído para dar lugar a um piso de granito, mais moderno.

Segundo o livro tombo da época, o objetivo principal da reforma era o ganho de espaço na nave da igreja, que já não comportava o grande número de fiéis presentes nas celebrações. O pároco descreve o espaço da igreja como muito limitado e que, com a reforma, conseguiria espaço para comportar mais 80 pessoas sentadas. Ele demonstra estar animado com o empreendimento. Entretanto, alguns paroquianos dizem que esse ganho de espaço não foi tão significativo e sim somente uma deformação do estilo da igreja.[112]

Uma igreja com 300 anos deve necessariamente ter uma equipe de técnicos habilitados para orientar os trabalhos de reforma e restauro, especialmente para que se conserve os seus bens culturais, tão importantes do ponto de vista artístico, econômico, histórico e cultural. Infelizmente, isso não parece ter acontecido em Cotia neste período, o pároco consultou apenas um arquiteto por medida de segurança, por causa da estrutura física da igreja, é o que foi constatado na entrevista feita com o Sr. Antonio Tadeu Martins Pedroso.

No momento da retirada das paredes e do piso do presbitério, foram encontrados restos mortais de pessoas enterradas nestes locais, o que ocorria com regularidade na época em que a igreja foi construída e se pôde constatar através da pesquisa do Pe. Daniel Balsan, publicada nos jornais da cidade. Os depoimentos da pesquisa desta igreja também descrevem que foi encontrada dentro das paredes demolidas uma espécie de folhas de bananeiras que eram usadas para proteger o barro da nova parede de chuva.[113]

---

[112] Cf. Depoimento da Sra. Lúcia Gomes Torresoni.
[113] Cf. Depoimento do Sr. Dirceu Benedito Alves.

No dia 08 de setembro de 2001, a reforma foi concluída e um novo altar foi dedicado pelo bispo diocesano Dom Francisco Manuel Vieira, em uma celebração eucarística da festa da padroeira que contou com a presença de vários sacerdotes. Sob o novo altar foram depositadas relíquias de alguns santos, como é orientado no ritual de dedicação de altar.[114]

Em agosto de 1998, consta no livro tombo a primeira referência à reforma que iria acontecer, o antigo pároco usa o termo "decidimos realizar a reforma e a ampliação da matriz", o que leva a crer que levou o assunto da reforma a mais alguém além dele, embora não faça referência a nenhum conselho ou grupo de peritos. Além disso, ele descreve a obra como desafiadora por ser uma construção do século XVIII, isso demonstra que ele tinha ciência de que não era uma construção qualquer.

O antigo pároco diz ainda contar com o apoio da comunidade. Embora algumas pessoas não concordem com a reforma, os entrevistados dizem que não foram consultados e que muitas pessoas da comunidade ficaram insatisfeitas, e famílias importantes e tradicionais da cidade deixaram de participar das celebrações da paróquia nesta época.

Em agosto de 2000, encontra-se outra citação sobre a reforma no livro tombo, onde se diz que o que fosse arrecadado na festa da padroeira seria utilizado na conclusão da reforma que tinha se iniciado a alguns meses antes, descreve ainda o novo altar que terá acabamento em granito. É interessante observar o espaço de tempo em que se escreve no livro tombo. Referindo-se à obra que está em andamento, nada é dito no livro sobre o que foi encontrado no piso e nas paredes de taipas que foram demolidas, somente o que será novidade e de acordo com as noções litúrgicas do antigo pároco. Um altar de pedra devia ser um grande trabalho a ser feito, afinal era uma igreja barroca com bonitos detalhes em madeira, que não contava com pedras em seus revestimentos, embora pareça inovador, soou muito mal e hoje este altar em pedra não combina com o mobiliário e o revestimento da igreja.

Em junho de 2001, conta-se que o presbitério da igreja está pronto e que o bispo viria consagrar o altar de granito. A pedra de granito parece ser bem importante para o pároco, deve ter um grande valor tanto cultural como econômico.

Em maio de 2002 é dito que a reforma do interior está concluída, e que logo mais iniciará a reforma da parte externa, que, ao contrário do interior, procurou manter as características e estilo da igreja. O pároco faz referência ao nome dos pedreiros e do artista e de sua equipe no livro tombo.

---

[114] CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Cerimonial dos Bispos.* São Paulo: Paulus. 1988, nº 931.

O pároco realizou a reforma sem fazer consultas, nem mesmo ao bispo diocesano, pode-se duvidar que o real motivo da reforma fosse realmente o ganho de espaço, ou algum outro motivo, talvez de modernizar o espaço sagrado nos moldes das novidades do Concílio Vaticano II, que na verdade incentiva a conservação dos bens culturais.

A igreja de Cotia sofreu uma inadequada modificação em suas características internas. As paredes laterais do presbitério eram feitas de taipa de pilão e contavam com mais de trezentos anos, além do piso do presbitério, elas também foram destruídas, isso não deveria acontecer com um edifício histórico e de uma riqueza de detalhes e conservação dos bens. Aos novos espaços criados nas laterais, acrescentou-se por volta de 80 lugares para os fiéis, o que no total da nave não representa muita coisa, a nave tem um espaço para mais ou menos 350 pessoas, incluindo o espaço do mezanino. A destruição do espaço da capela do Santíssimo privou os fiéis da possibilidade de um recolhimento em sua oração privada diante do sacrário, como era de costume dos fiéis.

O altar-mor feito de madeira estava todo corroído por cupins, se conseguiu conservar somente o sacrário e os retábulos, pois o nicho onde fica a imagem da padroeira foi refeito em alvenaria para substituir a estrutura de madeira que estava cedendo e prestes a cair. A conservação dos retábulos valoriza este espaço, por seu estilo e memória afetiva dos fiéis locais.

A colocação do novo altar, ambão e suporte do círio pascal feitos em pedra são uma tentativa exagerada de adaptação à renovação litúrgica. O erro aqui foi em ignorar o estilo da construção e adicionar peças modernas, que têm em si sua beleza, mas que estão alheios ao local como se não pertencessem ao espaço sagrado.

Ao destruir estas partes da igreja, destruiu-se a história não somente concreta, mas também afetiva dos fiéis que de tantas formas cooperaram com este belíssimo edifício até os dias hoje. Realizar uma reforma como esta sem a orientação de um profissional habilitado na área da arte sacra e da arquitetura eclesiástica deve ser considerado uma depredação da história e do bem patrimonial da própria Igreja. Esperamos que este trabalho possa colaborar no futuro com a conscientização dos responsáveis das nossas igrejas.

A nave da igreja felizmente ficou conservada, inclusive com os seus altares laterais e o forro de madeira. Entretanto, o batistério original foi mudado em outra reforma mais antiga, hoje a pia fica na área do presbitério, em uma área um pouco discreta.

A iluminação da igreja é feita com lâmpadas elétricas, pela falta de janelas, mas o conforto térmico é muito bem tolerado, pois as paredes de taipa são bem largas e conservam a temperatura interna da igreja e o seu pé-direito é alto, o que a torna bem confortável.

A fachada da igreja conserva seu estilo colonial, com uma torre com relógio e um campanário. O volume exterior da construção possibilita de forma simples identificá-la como uma igreja.

O responsável pela reforma foi um padre diocesano, com formação religiosa no Pontifíco Instituto das Missões Exteriores (PIME), nascido em Cotia, mas que ingressou no seminário religioso e, quando estava prestes a ser ordenado, pediu e Dom Francisco o acolheu por ser nato da diocese, e se tornando pároco da sua cidade natal. A necessidade de ampliar e reformar parece não permitir ao padre ver a possibilidade da restauração, e a desculpa são os altos preços do trabalho de restauração. Conservar e restaurar é uma urgência em todas as áreas, inclusive na Igreja.

4.1.1.5. IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE ARAÇARIGUAMA

Entre os anos de 1590 e 1640, existem documentos sobre a atividade de mineração do ouro na serra de Ibituruna, uma das poucas referências que compõem a história do início de Araçariguama. Em conjunto a esses documentos há um registro de doação de carta de sesmaria em favor de Gonçalo Chassim, que forma uma fazenda no local de onde nascerá um novo povoado. As terras localizavam-se na região de Parnaíba.[115]

No local da fazenda da família Chassim, é edificada uma capela de Nossa Senhora da Penha, que deu início ao vilarejo. O edifício da igreja foi feito em taipa de pilão. Hoje o prédio se localiza na parte central da cidade e próximo ao morro do Voturuna.

A área destinada ao garimpo de ouro começa a ser povoada com a vinda de novos moradores, dentre eles Guilherme de Pompeu de Almeida, amigos, parentes e escravos formando uma nova fazenda onde foram edificadas várias construções.

A existência oficial do povoado de Araçariguama se dá com a criação da paróquia desmembrada de Santana de Parnaíba, em 8 de dezembro de 1653.[116] Embora o reconhecimento oficial do povoado seja nessa data, a formação das fazendas e edificação das capelas na área devem ser anteriores à data oficial.

Araçariguama é desanexada de Parnaíba em 1844 e incorporada à vila de São Roque, quando se torna freguesia até 1874, tendo então título de vila quando ganha sua emancipação política-administrativa. Em pleno crescimento desde o século XIX, vai entrar numa fase de decadência na década de 1920, quando suas minas eram consideradas o maior veio aurífero do estado de São Paulo. Entretanto, a administração do município não exigiu os devidos tributos sobre o ouro retirado dali e

[115] Cf. PIERSON, D. *Cruz das Almas.* São Paulo: Editora da USP. 1996, p. 13-14.
[116] Cf. BEZERRA, M. D. (org) *Araçariguama: Cidade Portal do Interior.* São Paulo: Sowilo. 2017, p. 28.

não levou em conta a monopolização da produção da economia da cidade pela empresa mineradora Saint George, que dificultou a sua expansão econômica, resultando no êxodo dos seus habitantes e ,em 1934, o município é extinto e anexado novamente a São Roque como distrito de paz, pela dificuldade de manutenção da estrutura municipal.

O distrito de Araçariguama em decadência se encontrava em isolamento, enquanto as estradas de ferro levavam grande desenvolvimento às cidades, às suas margens, o distrito fica à margem deste progresso. O progresso só chega com as indústrias instaladas no seu território na década de 1960 e quando é construída a Rodovia Castelo Branco, tornando-a um elo com os grandes centros comerciais mais desenvolvidos.

Araçariguama entra no mapa rodoviário do estado de São Paulo ampliando e diversificando suas atividades econômicas, passando a ter uma posição estratégica pela sua comunicação com a capital. Seu desenvolvimento vai culminar em 1991, quando se torna novamente município, independente de São Roque.

A antiga capela de Nossa Senhora da Penha de Araçariguama, edificada em 1648, sofreu várias reformas em sua estrutura, com registro em 1772 e 1833 e a última entre 1997 e 1998 em que teve uma descaracterização de sua estrutura arquitetônica[117], felizmente ficou resguardada suas características básicas do período de sua construção. Segundo depoimentos a principal motivação para a última reforma foi a segurança daqueles que vinham à igreja, que tinha toda a estrutura do forro e telhado tomado por cupins. Havia muitos vazamentos no telhado que afetaram o reboco das paredes internas onde havia algumas pinturas e obras de arte que se perderam.

O arquiteto deu as orientações iniciais em relação à segurança, mas a reforma foi toda orientada pelo padre que tinha a princípio maior preocupação com a segurança e o custo da obra.[118] Nos depoimentos dados pelos membros desta paróquia, fala-se sempre que uma restauração seria inviável devido ao altíssimo custo dos trabalhos que seriam necessários, descartando totalmente a preservação dos bens históricos. A mudança da estética da igreja pode ter ficado menos custosa, mas muitos paroquianos lamentam a mudança da igreja, uma desvalorização de uma história tão importante para a Igreja e para a população local.

O jornal local[119] veiculou por algumas vezes notícias sobre a reforma, mostrando a importância do edifício da igreja construído com belos acervos do século XVII e que apresenta a identidade do município e até do estado de São Paulo, e que havia muito tempo não recebia reparos

[117] Cf. BEZERRA, M. D. (org.) *Araçariguama: Cidade Portal do Interior.* 2017, p. 28.
[118] Depoimento do Arquiteto Sr. João Carlos de Castro.
[119] O jornal local de Araçariguama é a Gazeta de Araçariguama, que tem início em 1992.

em sua estrutura. A reforma teria início em fevereiro de 1995 e sua conclusão estava prevista para o mês de abril.[120]

A reforma não foi concluída como prevista, devido ao estado de estrutura da igreja que comprometia a segurança de todos os que ali transitavam. Em abril de 1995, a previsão para conclusão da obra se tornou indeterminada, devido ao montante de serviço que a reforma exigia. Somente em 1997 encontramos uma publicação relacionada à reforma, de agradecimento pelas doações de uma campanha pelas janelas da igreja, as doações vinham das indústrias e comércios locais, além de famílias da comunidade.[121]

Em um suplemento comemorativo o jornal local fala da data gravada na fachada da igreja que hoje ainda se pode ver, MDCCCLXXXI (1881) período em que passou por uma grande reforma e tomou características mais modernas e ecléticas, e suas paredes foram revestidas de tijolões portugueses, traz a descrição do altar-mor como talhado à mão em madeira de lei e ornado com ouro que infelizmente foi roubado.[122]

O presbitério recebe nove quadros para decoração de suas paredes em 2002, pintados pela artista Patrícia Magano[123], assim a obra de reforma se encerra, depois de sete anos de trabalho.

Em 1996, a igreja matriz de Nossa Senhora da Penha de Araçariguama sofreu uma grande reforma que mudou suas características internas, quando todas as partes feitas de madeira, incluindo a estrutura do telhado, forro, portas, janelas e altar, foram retiradas. Conservam-se somente a estrutura das paredes da igreja, a porta da entrada principal e um tabernáculo em madeira. A principal motivação para a reforma foi que a sua estrutura estava ruindo e que seria necessário trocar todo o telhado, embora não tenha sido encontrado nenhum laudo técnico para dar respaldo a essa iniciativa. O arquiteto que assistiu os trabalhos não fez projeto algum, somente orientou quanto aos perigos de desabamento estrutural.

Uma significativa modificação em uma igreja tão antiga não poderia ser feita sem um suporte técnico de profissionais habilitados. Quando se pergunta sobre a possibilidade de restauração dos bens da antiga igreja, percebemos que a restauração estava fora de cogitação devido aos altos custos. O livro tombo da paróquia não foi encontrado para consulta sobre a obra de reforma estudada nesta pesquisa, e nenhum documento sobre a reforma se encontra no arquivo da paróquia.

---

[120] Gazeta de Araçariguama. nº 118, ano III, p. 3, de 29 de janeiro de 1995.
[121] Gazeta de Araçariguama. nº 121, ano III, p. 3, de 15 de abril de 1995.
[122] Gazeta de Araçariguama. Suplemento Comemorativo. p. 3, de 13 de setembro de 1997.
[123] Gazeta de Araçariguama. nº 485, ano X, p. 1, de 11 de maio de 2002.

Naturalmente esta igreja já deve ter passado por outras reformas, mas nada tão chocante como a que observamos, nas imagens mais antigas pode se ver o nicho com a imagem da padroeira com um arco e colunas com detalhes dourados, e as paredes do presbitério eram decoradas com pinturas que parecem papel de parede, que compunham um belo conjunto no espaço sagrado.

A substituição do forro de madeira por um forro metálico com linhas retas não favoreceu as formas dos arcos plenos presentes nos diversos elementos da construção e não produziu uma boa harmonia entre o antigo e o moderno.

O presbitério conta com um altar simples, de madeira escura envernizada com duas bases em linha reta, sem adereços ou elementos decorativos. O ambão é feito de madeira clara e esculpida com detalhes, é a única peça móvel que se destaca e parece que não pertence ao local. Embora seja uma bela peça, deixa a impressão de que seu uso é provisório, o que não é necessariamente a verdade.

O sacrário fica atrás do altar, centralizado no presbitério, é a única peça conservada da antiga igreja, não se tem notícias da sua data de fabricação. É uma peça interessante e bela, com grande significado histórico. Foi pintada na mesma cor do altar, um verniz escurecido, que harmonizou com os outros móveis.

O nicho da imagem da padroeira foi totalmente modificado, revestido por placas brancas de pedra, deixando de lado os detalhes dourados que antes haviam enriquecido a estética deste espaço.

As paredes do presbitério foram revestidas por algumas telas pintadas por uma artista plástica contratada pelo responsável da obra, onde ele mesmo pediu que se fizessem telas inspiradas em certas passagens dos evangelhos, onde é possível identificar cada passagem. Mas elas não parecem ter uma conexão entre si, tem-se a impressão de que foram escolhidas ao acaso para ficarem parecidas com o presbitério da igreja matriz de São Roque, que conta com pinturas de temática bíblica no seu presbitério.

A nave da igreja tem um pé-direito razoavelmente alto, mas com espaço estreito. Com as paredes feitas de taipa de pilão e revestidas de tijolos, resultam em um conforto térmico muito razoável em conjunto às janelas e portas que possibilitam uma excelente circulação de ar além da entrada de iluminação natural. A tentativa de ampliação com a retirada dos altares laterais não melhorou em nada a experiência dos fiéis, pois há uma parede e varias colunas que separam da nave principal, atrapalhando a visão do altar. As paredes da nave foram decoradas com uma técnica chamada marmorização e *stencil*, que traz à memória as antigas pinturas antes da reforma, embora com menos detalhes.

O mezanino é espaçoso, amplo e arejado, entretanto com acesso limitado por escadas. Na maior parte dali, é possível ter uma participação favorável das celebrações.

O confessionário fica na lateral esquerda nos fundos da nave, é todo feito de madeira, confortável para os seus usuários, embora fique um pouco próximo dos bancos de onde fica possível ouvir o que se diz ali. É conveniente mudá-lo para um local em que se possa preservar mais o penitente.

A pia batismal original não foi encontrada, utiliza-se uma pia improvisada feita de madeira, colocada próxima do presbitério. A igreja anteriormente contava com um batistério logo na entrada da nave, onde hoje fica a secretaria paroquial, mas foi modificado e adaptado para este fim.

A fachada conta com uma torre com relógio e seu volume exterior é facilmente identificável como uma igreja católica.

O responsável pela reforma desta igreja foi o mesmo que demoliu a igreja de Santo Antônio da Vila Caldas, um religioso da Sociedade de São Patrício. Vemos algumas coisas em comum, quanto à motivação para tais obras, a alegação de que o edifício estava em estado precário e que poderia cair a qualquer momento é a mesma que em Carapicuíba, quando destruiu a igreja antiga, e da mesma forma não encontramos nenhum documento ou parecer condenando o prédio da igreja. A igreja de Araçariguama precisava passar por uma reforma, pois as suas estruturas de madeira estavam podres e corroídas por cupins. A possibilidade de restauração foi totalmente excluída com a alegação de que o custo seria alto demais e que a paróquia não poderia arcar com isso, mas tinha urgência nos reparos. O pároco decide então fazer o que lhe parece melhor, sem levar em consideração que estamos tratando de um bem patrimonial histórico de valor inestimável e que não pode ser tratado como um bem pessoal.

4.1.1.6. IGREJA SÃO FRANCISCO DE PAULA DE ALUMÍNIO

Assim como várias cidades da diocese de Osasco, a história de Alumínio não é diferente e tem seu ponto inicial com a construção da Estrada de Ferro Sorocabana. Havia então na região reservas de calcário, o que motivou a instalação de uma fábrica de cimento que foi chamada de “Rodovalho”, sobrenome do seu proprietário. Para o escoamento da produção desta fábrica, foi montada uma estação ferroviária na já existente estrada de ferro, no final do século XIX. A fábrica de cimento foi depois transferida para a cidade de Votorantim e em seu lugar foi feita uma outra para exploração do minério de bauxita, visando à produção de alumínio, empresa que recebeu o nome de Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), que só foi inaugurada no dia 4 de junho de 1955 e pertencente ao grupo Votorantim, e que existe até os dias atuais. O bairro Rodovalho muda de nome

com a instalação desta fábrica, passa então a se chamar Alumínio. A história da cidade está ligada com a CBA, que crescem juntas desde a fundação. A cidade de Alumínio foi emancipada somente em 30 de dezembro de 1991 e seu lema é "Trabalho e Sabedoria".[124] A concentração da população de Alumínio é atribuída à instalação da indústria, onde a maioria das pessoas presta serviços e que conta com um número de mais de 18 mil habitantes.[125]

A primeira igreja de São Francisco de Paula em Alumínio foi construída na década de 1940 com recursos da fábrica de cimento local. Os dados sobre a construção desta época são escassos, mas o que sabemos é que é uma igreja com estilo eclético.

No dia 3 de junho de 1979, a Comunidade São Francisco de Paula de Alumínio foi constituída e erigida como paróquia e instituído como vigário ecônomo o Pe. Flávio Fernandes. A antiga igreja de São Francisco de Paulo era localizada muito próxima da portaria da CBA. Com a expansão da fábrica de alumínio, houve a necessidade de estender a fábrica mais adiante, o que incluía o território da igreja e a região em torno, daí não seria possível acessar a igreja sem entrar nas dependências da fábrica. A empresa fez a proposta de mudança à comunidade local, doando um terreno planificado e estacado, além de 70% das despesas da construção da nova matriz. Tal proposta foi aceita com alegria, pois o Pe. Flávio está muito entusiasmado quando se refere a construção no livro tombo da paróquia.[126]

Um projeto arrojado, ousado e moderno foi feito através da cúria da arquidiocese de São Paulo, que acabou se tornando muito funcional. Segundo os entrevistados, a igreja, que comporta 700 pessoas sentadas, foi inspirada na mitra do papa João Paulo II, que em 1980 visitou o Brasil. O projeto apresenta traços que lembram as obras do arquiteto Oscar Niemeyer, pois a ele é atribuída a introdução da curva à arquitetura moderna universal. Niemeyer é uma referência da arquitetura moderna brasileira e é considerado o profissional que plasticamente mais influenciou os arquitetos brasileiros.[127] Os desenhos do projeto inicial não foram encontrados, não consta nada nem nos arquivos da paróquia nem no Arquivo Metropolitano de São Paulo, não havia o costume de guardar documentos no período estudado. O que deduzimos é que o provável autor do projeto seja o arquiteto

---

[124] Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE ALUMÍNIO. *A História do Município de Alumínio.*
Disponível em: https://aluminio.sp.gov.br/a-cidade/historia/
Consultado em 23/04/2021 às 11h.
[125] Cf. IBGE. *Panorama da População de Alumínio.*
Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/aluminio/panorama
Consultado em 28/05/2021 às 15h.
[126] Cf. LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE PAULA. Alumínio. Livro I. p. 2-11.
[127] Cf. MELO, A. A. A. *Oscar Niemeyer: Paradigma da Arquitetura Brasileira.* 2012.
Disponível em: https://ufpi.br/ultimas-noticias-ufpi/1994-oscar-niemeyer--paradigma-da-arquitetura-brasileira
Consultado em 23/04/2021 às 11h.

Sr. Sergio Vaz de Almeida Cristóvão, que tinha feito trabalhos para a arquidiocese de São Paulo na época e que tem em suas obras uma linguagem arquitetônica bem semelhante à atual igreja de Alumínio.

A prioridade da comunidade matriz era desocupar a igreja antiga e construir a nova, a fábrica de alumínio muito colaborou para que isso acontecesse. As formas do projeto da nova igreja foram definidas pelo arquiteto nomeado pela Mitra Arquidiocesana de São Paulo. Não houve uma preocupação com detalhes por parte da comunidade, pois receberiam praticamente toda construção e terreno como doação. O que não é muito comum se construir uma igreja destas proporções em um distrito de uma cidade do interior, com uma população de menos de 14 mil habitantes[128], talvez o autor do projeto quisesse criar um monumento que as futuras gerações possam desfrutar, mesmo sendo um projeto arrojado, moderno e, por vezes, pouco funcional.

A construção se deu rapidamente e, em julho de 1981, é marcada a data de 9 de agosto às 18h da mudança para a nova igreja, com uma procissão solene com andores das imagens dos santos, seguida pela missa na nova igreja celebrada por Dom Francisco Manuel Vieira, bispo auxiliar de São Paulo na época.

No livro tombo, encontramos referências a dificuldades sobre a estrutura, inicialmente para acessar a igreja quando se chove muito.[129] O terreno embora muito amplo, era alagadiço e pantanoso, talvez seja essa a dificuldade a que se refere. Além de outros elementos que traziam problemas aos fiéis durante as celebrações da liturgia, um deles é a falta de circulação e renovação do ar no interior da construção. Com poucas portas e janelas, a igreja se tornou um lugar abafado, e isso piorava quando havia grandes concentrações nas missas festivas. Alguns fiéis chegavam a passar mal e até a desmaiar por causa do calor. Este problema foi amenizado somente depois de mais de 40 anos, quando o pároco resolveu abrir cinco novas portas e construir uma torre, orientado e instruído por um profissional habilitado da área de arquitetura, com uma boa experiência em arquitetura sacra, o Sr. Cicero Camargo.

Quanto à modernidade das formas da nova igreja, as pessoas parecem indiferentes, por terem deixado uma igreja construída na década de 1930, com formas bem tradicionais de uma igreja, para uma construção moderna e adaptada para a sua participação ativa nas celebrações. Aparentemente a população ficou contente com a doação que a CBA fez para a comunidade católica da cidade, pois o

---

[128] Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE ALUMÍNIO. *A História do Município de Alumínio.*
Disponível em: https://aluminio.sp.gov.br/a-cidade/historia/
Consultado em 28/05/2021 às 14h.
[129] Cf. LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE PAULA. Alumínio. Livro I. p.11

terreno da nova igreja é bem amplo, e conta com muito espaço para estacionamento. Inclusive em 1993 foi construído um espaçoso salão paroquial dedicado para eventos dentro desse terreno, que é usado atualmente pela comunidade nas festividades e eventos.

Depois de mais de 40 anos desde o início da construção desta igreja, houve dificuldade para entrevistar as poucas pessoas envolvidas, que já contam com uma certa idade ou já faleceram. Todos os entrevistados apresentaram ter a mente muito lúcida, com memória extraordinária para os fatos, somente trocando algumas datas que conferimos nos documentos e no livro tombo.

A igreja de Alumínio é um exemplo prático de projeto arquitetônico com traços modernos. Suas formas são impressionantes e arrojadas, que lembram os projetos de Oscar Niemeyer. A escolha do projeto não foi escolha do pároco nem da equipe de construção, mas, segundo os depoimentos, os arquitetos da cúria metropolitana de São Paulo sugeriram tais formas, aprovadas por todos, embora o pároco se encontrava doente na época, havia sofrido uma cirurgia no coração. O projeto foi rapidamente aprovado já que a empresa doadora tinha urgência na desocupação da antiga igreja, pois ampliar suas dependências era essencial, e diante da doação generosa do terreno e da construção acelerou tal aprovação.

A confecção do projeto devia ter levado em conta as formas da antiga igreja, mas infelizmente deixou de lado a memória afetiva dos fiéis, utilizando belas e modernas formas, mas sem nenhuma ligação com os fiéis do local. O volume do exterior do prédio é diverso e sua identificação como igreja é feita graças a uma estrutura à parte do prédio com uma cruz no alto. Adereços na fachada são ausentes, o que mais chama a atenção são as formas semicirculares que enriquecem a sua estrutura.

No interior da igreja o presbitério fica bem centralizado, e é possível enxergá-lo de qualquer lugar da nave. O altar é feito de pedra branca sem adornos artísticos, exceto por um pequeno símbolo eucarístico feito de metal, forma um conjunto com uma pequena pia batismal e um ambão feitos todos do mesmo material e cor, muito simples e com contornos que seguem as linhas da construção, alguns adereços tornariam o espaço mais agradável, como um conjunto de peças em metal com símbolos cristãos para adornar a pia batismal e o ambão. Atrás do altar no centro do presbitério, há uma coluna de pedra com um sacrário centralizado. Em uma tentativa de colocar o altar em maior evidencia, foi criado um degrau também fora dos padrões onde o sacerdote deve subir para poder celebrar, mas tal coisa torna difícil o acesso aos mais idosos ou com limitações, este degrau é um problema que pode ser resolvido com sua retirada.

A nave é extremamente ampla, mas com algumas janelas pequenas e duas portas muito baixas, tornando o ambiente seriamente desconfortável em relação à temperatura durante as celebrações,

especialmente quando há muitas pessoas. Tal problema poderia ser evitado no projeto inicial com a abertura de outras portas e janelas e o aumento do pé-direito. A entrada de luz natural se limita a essas poucas aberturas, que levam a necessidade de luzes elétricas ligadas mesmo durante um dia ensolarado.

As outras áreas, como torre e campanário, estão ausentes, há o local reservado para secretaria, sala de reunião, salão de eventos e sanitários fora das dependências da igreja, em outras estruturas construídas, pois o terreno da igreja é muito extenso.

O responsável por essa construção foi o primeiro pároco, que se encontrava doente do coração na época, e que teve pouca influência na escolha do projeto. Ele era um padre secular da arquidiocese de São Paulo. A doação de um patrimônio tão consistente deixa todos muito animados e sem a possibilidade de recolher elementos da antiga igreja. O que restou da antiga igreja e foi trazido até a nova foi a imagem do santo padroeiro e de Nossa Senhora de Fátima, que ficam até hoje na nova igreja. A antiga igreja tem sua estrutura conservada pela CBA e hoje é utilizada como auditório.

4.2. PONTOS COMUNS

As obras estudas têm diversas características em comum, ditadas pelo período e pela questão cultural. Um exemplo são os traços modernos dos projetos de um modo mais ou menos intenso, em sua maioria com problemas estruturais relacionados ao desconforto térmico, além da ausência do uso da arte decorativa.

A baixa estima pelo patrimônio histórico é outro ponto comum. As igrejas sofreram em sua maioria demolição ou mudanças em suas características, sem levar em conta a memória afetiva dos fiéis do local. A possibilidade de manter ao menos as formas ou alterá-las com prudência foi ignorada, permitindo que novos materiais e técnicas sejam usadas sem direção e destruído o patrimônio histórico de um povo.

Todas as igrejas tiveram uma adaptação razoável às normas litúrgicas, de modo geral são bem acessíveis a todos, por isso tem condições razoáveis de se manter como espaço sagrado e utilizado para as celebrações litúrgicas.

5. CONCLUSÃO

Diante do contexto pós conciliar, é possível realizar um projeto arquitetônico que seja moderno, belo e de baixo custo, sem fazer uso da "arquitetura do espetáculo" que se caracteriza pela complicação formal, excesso de elementos, gratuidade, uso de referências não arquitetônicas e geometrias obscuras, resultando em objetos que têm pouca semelhança com templos e pouca relação com as atividades neles realizadas. E isso faz com que a arquitetura tenha passado a se preocupar mais em causar impacto visual do que em realmente servir à sociedade.

O Concílio Vaticano II traz para a Igreja e para o mundo uma renovação profunda e uma aproximação de todos os cristãos, uma renovação construtiva que valoriza e enriquece os seus bens culturais e históricos, imagem de uma Igreja sempre viva e jovem, que capta o ritmo do tempo e irradia novas luzes com novas conquistas, mantendo-se sempre fiel à imagem de Cristo.

A Igreja conta com um imenso patrimônio artístico-cultural ligado à história do Brasil, e com o acordo feito em 2008 entre o Brasil e a Santa Sé, reconhece os valores e o significado desses bens. Além disso, nosso País se compromete a cooperar na salvaguarda destes preciosos bens, enquanto a Igreja concorda em facilitar o acesso para os que quiserem conhecer, estudar ou apreciar este patrimônio. O Brasil reconhece inclusive que deve proteger os lugares de culto da Igreja, dos seus símbolos e objetos, contra toda a violação, desrespeito e uso ilegítimo, embora muitas vezes esse acordo é ignorado, como vimos em diversas igrejas históricas que foram modificadas violentamente e sem nenhuma assistência ou preocupação do Estado.

A grande importância das igrejas que foram abordadas nesta pesquisa deixa claro que são exemplares da memória da Igreja local, onde se observam não somente os aspectos religiosos, mas os econômicos, os sociais e os culturais. O valor destes edifícios é evidente, mesmo com as mudanças que sofreram e a forma como foram construídos.

As novas igrejas abordadas aqui foram construídas no período da explosão demográfica que aconteceu no Brasil na segunda metade do século XX, acompanhada das migrações internas do País, que fizeram com que a proporção da população urbana superasse de forma acelerada a rural em número de pessoas. As cidades cresceram de forma desordenada e sem infraestrutura, o que gera a necessidade urgente da construção de novas igrejas e ampliação e reforma das edificações já existentes. Essas construções foram feitas muitas vezes sem profissionais habilitados e com pouca consideração pelas normas, pela qualidade da técnica dos materiais e com quase nenhum planejamento.

A forma mais viável para a construção de igrejas na época abordada nesta pesquisa é a de galpão, pelo custo e benefício que fornece. São prédios que em geral têm somente o básico para a celebração, contando com um amplo espaço vazio com alguns poucos móveis que são colocados de forma provisória, que, com o tempo, se tornam definitivos pela falta de recursos da comunidade e pela comodidade que fornecem, em uma busca pela adaptação da igreja às necessidades dos fiéis. Entretanto os espaços adaptados nem sempre cooperam com o rito, com a participação do povo nas cerimônias litúrgicas nem mesmo com a oração pessoal, por apresentar diversos problemas técnicos para o uso cotidiano. A principal preocupação deve ser adequar o edifício para que todos possam participar ativa e frutuosamente da liturgia, possibilitando aos fiéis um ambiente apropriado e convidativo para a oração.

A igreja em forma de galpão normalmente possui uma planta retangular disposta como uma sala com uma espécie de palco com um altar no seu centro, uma arquitetura composta por um único volume, com abertura em contato direto com o exterior. Nas igrejas modernas, percebe-se que a relação entre a arquitetura do edifício e a complexidade litúrgica do rito executado de maneira limpa e fluida não são levadas em consideração. A ausência de elementos básicos da história da construção de igrejas cria templos que não cooperam com a participação ativa dos fiéis nem com o clero. Uma arquitetura sagrada contemporânea precisa respeitar a união dos métodos de construção de baixo custo, mantendo a beleza e a universalidade dos símbolos e da liturgia.

Há uma certa diversificação dos edifícios no período estudado, algumas igrejas são mais simples e outras mais modernas. Entre as mais modernas estão a catedral de Santo Antônio, que é muito ampla e monumental e, segundo o livro tombo da paróquia, antes de se tornar igreja catedral havia a intenção de torna-la um santuário, daí sua grandiosidade, o projeto monumental é bastante interessante, embora apresente problemas estruturais comuns a todas as construções do período estudado, como a má circulação do ar e dificuldades na propagação do som. Nos últimos anos se pensou em ampliar a nave da igreja para maior conforto dos fiéis, foram então projetados dois novos mezaninos nas laterais da nave principal. Ao contrário do que se pretendia ao ampliar a nave da igreja, os novos espaços não favoreceram a visão do presbitério ou do altar, além de criar uma necessidade de adaptação com a colocação de um telão para transmitir as imagens das celebrações.

A reorganização do espaço sagrado nas igrejas da atual diocese de Osasco tem alguns pontos comuns, especialmente se tem em mente a exclusão dos excessos, retirando aquilo que desvia a atenção do centro, que é Cristo. Essa concepção acabou deixando de lado o valor cultural e histórico do edifício, o que resultou na descaracterização de duas igrejas históricas, a igreja Nossa Senhora de

Monte Serrate, em Cotia, e a igreja de Nossa Senhora da Penha, em Araçariguama. Inclusive esses eventos ocorreram sem a orientação de um profissional habilitado e especializado em arte sacra, levando em consideração somente a segurança e a ampliação do espaço. Em ambos os casos de reformas, foram consultados um arquiteto sobre a segurança da estrutura, mas não foi cogitada a viabilidade da restauração dos edifícios, que contam mais de 300 anos e dos móveis e objetos litúrgicos. Não foi feito nem mesmo um projeto para essas ocorrências.

A questão financeira é a grande vilã da história, a descaracterização das igrejas ocorreu por ordem e iniciativa do responsável na época, mostrando não a total falta de recursos, mas a sua imperícia no que se refere à arquitetura sacra e aos valores dos bens culturais da Igreja.

Um defeito técnico comum encontrado nos edifícios estudados é a falta de circulação de ar no interior da construção, o que resulta em aumento de temperatura, principalmente em eventos com grande número de pessoas. Embora existam várias portas e janelas, elas muitas vezes não são eficientes, pelo tamanho do edifício e pelo pé-direito em geral baixo. Atualmente a igreja de Alumínio encontrou uma solução ao problema com a abertura de cinco novas grandes portas, sem precisar recorrer à instalação de sistemas de ar-condicionado ou circuladores de ar, com isso o espaço sagrado ficou muito mais confortável e convidativo a momentos de espiritualidade. No entanto, o problema poderia ser evitado se fosse abordado no projeto da obra, exatamente por isso os responsáveis devem recorrer a uma equipe especializada e capacitada para apresentar soluções e evitar problemas futuros.

Um outro ponto comum entre os espaços estudados é a baixa qualidade na produção dos objetos artísticos usados nas celebrações litúrgicas, bens que foram colocados no ambiente sacro de forma provisória e que se tornam definitivos, especialmente móveis de baixa qualidade e destituídos da “nobre beleza”, como uma espécie de arte oferecida ao consumo em grande escala, o que salienta a falta de beleza e criatividade nestes bens.

Uma igreja poderia ter uma aparência totalmente despojada, sem deixar de contar com a nobre beleza, sem suntuosidade ou luxo, como orienta a *Sacrosanctum Concilium*. Além disso, a falta de cuidado no projeto e na obra de um edifício demonstra um certo desinteresse por aqueles que vêm ao local e pela criação de Deus.

As construções e reformas abordadas neste trabalho apresentam também uma espécie de descontinuidade com as igrejas construídas anteriormente. A ruptura que se pode observar na arquitetura no período pesquisado tem seu início muito antes, podemos citar como exemplo inicial a

capela de *Notre Dame du Haut* em *Ronchamp*, na França, de Le Corbusier[130] onde podemos ver uma igreja de estrutura simples e austera, livre de ornamentações artificiais.[131] Tal concepção de igreja influenciou a arquitetura moderna, inclusive as igrejas abordadas neste estudo, tomamos como exemplo a igreja de São Francisco de Paula, em Alumínio, em que observamos estruturas curvas simples e com a ausência de ornamentações, inspiradas nos traços do famoso arquiteto modernista Niemeyer.

Obviamente as novas construções e os edifícios reformados têm pontos fortes e muito positivos, que adaptaram de forma muito favorável a renovação da liturgia tão desejada pelo Vaticano II. Por exemplo, a aproximação pensada do espaço da nave central das igrejas ao presbitério que o torna acessível, para que se possa ver e ouvir de forma mais clara as celebrações que lá acontecem. Muitas destas obras foram feitas com simplicidade e com poucos objetos artísticos, e mesmo assim favoreceram a participação dos fiéis na liturgia da Igreja.

Os pontos positivos dessas construções são importantes para se levar em conta para as próximas que devem ser feitas no futuro, mas sem excluir os pontos negativos, como as altas temperaturas no interior dos prédios, além da má qualidade dos materiais de revestimento ou acabamento interno do prédio, os quais causam muitas vezes o fenômeno da reverberação ou dificultando de outras formas a propagação do som.

O uso excessivo de símbolos como decoração nos projetos que estudamos foram evitados com empenho, em uma tentativa de restaurar a centralidade do sacrifício de Cristo no altar da cruz e retirar as possíveis distrações, o que esvaziou o espaço sagrado dos símbolos cristãos. Hoje há uma tentativa de retorno do uso destes símbolos, como na igreja de São Joao Batista, em Barueri, em que adaptou seu presbitério com um altar de pedra *versus Deum*, que inicialmente não fazia parte do projeto, além da instalação de diversos vitrais. A maioria dos projetos construídos apresenta uma estrutura livre de símbolos, mas com uso de formas mais modernas.

A ausência de símbolos cristãos nessas obras deixou um vazio que não pôde ser preenchido, as novas igrejas de Osasco tentam hoje preencher esse espaço com estátuas dos santos e poucas obras de arte. A principal desculpa para não usar símbolos e obras de arte foi que a Igreja é pobre, mas o que não se levou em conta é que pobreza não é sinônimo de vazio ou de falta de beleza, a beleza não está unicamente na riqueza ou na pobreza, mas no bem que a beleza proporciona ao que a observa.

---

[130] Le Corbusier é o pseudônimo do famoso arquiteto modernista Charles-Edouard Jeanneret-Gris, que lançou as bases do movimento modernista na arquitetura.
[131] Cf. ARGAN, G. C. *Arte Moderna.* São Paulo: Cia. das Letras. 1992, p. 388, 392.

A influência dos presbíteros sobre a construção dos edifícios religiosos fica evidente ao observamos nos depoimentos desta pesquisa, quando dizem que o pároco escolhia objetivamente as formas das igrejas. A construção de uma igreja, por ser de responsabilidade do pároco, se tornou uma escolha de gosto pessoal ou simples preocupação com despesas financeiras, excluindo os valores culturais e religiosos. Portanto, a formação pessoal do presbítero foi a principal influência sobre as escolhas nos projetos e nas construções das igrejas, e percebemos algumas áreas específicas que levaram a estas escolhas.

As principais áreas que influenciaram a formação dos presbíteros na escolha das construções e reformas estudadas são de cunho cultural e teológico. Cultural, quando se depara com uma espécie de funcionalismo ao desvalorizar o que é antigo, como se fosse algo que não servisse mais e que o novo e funcional deve substituir, e o antigo precisa ser então descartado ou destruído; além disso a novidade do uso de novos materiais e novas técnicas de construção trazidos com a industrialização na arte e arquitetura modernas. Incluímos como influência também a formação teológica dos presbíteros, a qual tem uma essencial preocupação com a justiça social, especialmente aos mais desfavorecidos, o que torna o trabalho social parte integral da vida dos presbíteros que acabam deixando em segundo plano a preocupação com a arquitetura ou a decoração das igrejas, resultando em uma espécie de esvaziamento dos elementos religiosos e que, nas poucas vezes em que são utilizados, terão formas muito simples. Além de tudo isso, vemos como grande influência a recepção do Concílio Vaticano II com a renovação litúrgica, que abriu à arquitetura novas possibilidades e com as novas construções adaptadas ao espaço litúrgico.

A opção preferencial pelos pobres é uma inovação para a Igreja Latino-Americana, que sofre terrivelmente com opressões e degradação da vida dos desfavorecidos. A teologia da América Latina se baseia na compaixão pelos que sofrem, o que é um verdadeiro encontro espiritual com o Cristo crucificado e que leva à procura de mediações concretas à libertação do pobre, isto é a prática da justiça. Estas práticas contribuíram para a teologia em geral, o que possibilitou a reaproximação da Palavra de Deus pelos pobres, revelando Jesus como libertador. Tais práticas e gestos influenciaram diretamente na formação dos presbíteros da diocese de Osasco, que, para uma luta pelos pobres e sofredores, não deixaram de construir novas igrejas para estes mesmos pobres, mas nos casos estudados não houve grandes preocupações com as formas e com os símbolos usados na construção de igrejas, o que constatamos é que há um certo esvaziamento dos adereços e das formas.

Os párocos das igrejas estudadas têm em mente, de forma muito clara, as orientações do Concílio em relação à liturgia e a participação dos fiéis nas celebrações. No entanto, a influência cultural parece ter interferido nas tomadas de decisões, o que resultou em edifícios um tanto incomuns, que não deixam de atender ao propósito da liturgia, mas defeitos técnicos, desconforto interno e raros adornos artísticos tanto internos quanto externos.

O funcionalismo na arquitetura é uma supervalorização do novo e funcional, onde a forma segue a função, com o princípio de que edifício deve ser projetado com base unicamente no seu propósito e função.[132] Esse tipo de concepção abandona os adereços e ornamentos, pois estes não têm função alguma. No entanto, não se leva em conta que a beleza e os detalhes enriquecem esteticamente os edifícios, e os ornamentos podem ser usados para expressar uma simbologia, o que a Igreja fez uso continuamente, com o uso da arte em esculturas, pinturas e vitrais. O funcionalismo influenciou o projeto e a construção das igrejas através da escolha dos presbíteros.

O uso de novos materiais e novas técnicas na arquitetura leva à possibilidade de criar formas diversas das que se têm costume, como com o concreto armado, com as estruturas metálicas e com os vidros coloridos, que podem deixar a obra ainda mais funcional, leve, simples e iluminada. É impressionante ver, por exemplo a catedral metropolitana de Brasília projetada por Niemeyer, onde os vidros e as colunas são um espetáculo visual, com uma estrutura diversa de outras igrejas conhecidas. Podemos citar também a igreja de São João Batista de Barueri, feita com estruturas metálicas e com o pé-direito bastante alto, que é um prédio imponente.

A constituição *Sacrosanctum Concilium,* do Concílio Vaticano II, traz a possibilidade da renovação dos ritos, com o objetivo da volta às fontes cristãs, para que os fiéis possam participar ativamente das celebrações litúrgicas, a simplificação dos rituais, tornando-as mais compreensíveis a comunidade sobre o mistério pascal de Cristo, com práticas litúrgicas mais evangelizadoras e menos devocionais. Encontramos neste documento apreciações sobre a arquitetura das igrejas em relação ao uso de ornamentos que devem visar à nobre beleza e não ao luxo, além de estruturas funcionais para o desenvolvimento dos ritos. Com isso, percebemos que aquele que constrói uma igreja precisa de colaboradores com formação em arte sacra, liturgia, paisagismo, engenharia civil etc.

A reforma das igrejas antigas é um desafio bastante difícil diante da adaptação que a reforma litúrgica propõe. Cada caso necessita de uma equipe de profissionais especializados com formação na área de conservação do patrimônio artístico e cultural, para que não se cometam crimes contra a arte e o patrimônio histórico.

---

[132] CF. ARGAN, G. C. *Arte Moderna.* São Paulo: Cia. das Letras. 1992, p. 197.

A recepção do Concílio no Brasil acontece com grande entusiasmo, juntamente com as influências culturais e teológicas, o que gera uma grande disposição para a renovação dos espaços sagrados, tanto novos como antigos.

As novas igrejas são construídas de forma bastante interessante, sem a presumida preocupação de se parecer externamente com uma igreja. Os interiores dos edifícios estudados neste trabalho têm como centro um altar simples, com algumas modestas cadeiras e um ambão, normalmente uma imagem do santo padroeiro e alguns poucos objetos de ornamentação.

As antigas igrejas estudadas nesta pesquisa sofreram uma mudança muito significativa. Embora já tivessem sido reformadas anteriormente, como a colocação de um novo altar e um piso de pedra no presbitério, na igreja de Cotia, por exemplo, foram mudados de forma significativa a estrutura e o estilo. Em Araçariguama, vemos mudanças ainda mais significativas quando se coloca um forro metálico na nave da igreja para substituir o antigo forro de madeira degradado pelo tempo, o qual poderia ter sido conservado e restaurado.

Queremos concluir com isso que, diante de tais questões, há a necessidade de acrescentar de forma bastante urgente à formação dos presbíteros os objetos tratados neste trabalho, especialmente quanto à questão arquitetônica, artística, litúrgica e, especialmente, em relação ao valor do patrimônio cultural, histórico e religioso da Igreja. O futuro dos bens patrimoniais deve ser preservado e assegurado, não somente pelo valor histórico ou cultural, mas inclusive pelo valor religioso. Muitas vezes o próprio povo lamenta a destruição dos edifícios que eles cooperaram com a construção. É triste ver a degradação de bens tão importantes, e consideramos que a conscientização sobre os valores aqui abordados auxiliará na conservação e na construção das igrejas no futuro.

A eficácia da ação de conservação dos bens culturais da Igreja somente será possível com a sensibilização do clero, visto ser este o protagonista que conserva e dá ao bem cultural uma função útil à comunidade. Na formação dos presbíteros, seria importante incluir conhecimentos que abordassem arte sacra, na área da arquitetura, pintura, da escultura, do mosaico e da música. Não bastam cursos e especializações se o clero não estiver sensibilizado pelo assunto, através de promoção de iniciativas próprias em suas comunidades. O papel que os presbíteros exercem em relação aos bens culturais da Igreja deve ser entendido como de guardião, e não como de proprietário, pois o patrimônio é destinado para a comunidade dos fiéis e deve ser preservado tanto no seu valor cultural, como histórico e até mesmo catequético. A preservação destes bens deve promover e defender sua função e uso religioso, junto com seus aspectos históricos, artísticos e de produção.

A falta de recursos financeiros é a resposta comumente usada como desculpa para a não conservação de um bem histórico de valor significativos, como as igrejas em Cotia e Araçariguama. Os responsáveis pelas construções e reformas dizem que a restauração destes espaços sagrados seria extremamente custosa, e que a tornava inviável, mas não pensam duas vezes em demolir ou descaracterizar tal ambiente sacro, afinal fica muito mais acessível fazer de forma mais simples sem a assistência profissional especializada e com despesas muito menores. Essa é uma desculpa medíocre que não pode ser aceita pela Igreja em nenhuma hipótese.

A falta de estima pela arte e do valor de nossas igrejas históricas é um fenômeno bem comum, isso parece acontecer devido à ignorância daquele que zela por esse bem. No entanto, a formação do clero é uma das principais preocupações da Igreja, o que talvez esteja em falta é uma formação voltada para as artes que é incentivada pela *Sacrosanctum Concilium*. Seria incoerente colocar todo o descrédito destes atos nas contas da formação do clero, embora possa ter uma boa parcela de culpa.

A formação do clero precisa ter uma especial preocupação com a conservação dos bens culturais da Igreja. Os casos de descaracterização do espaço sagrado apontam para uma certa ignorância ou malícia por parte do responsável, pois igrejas tão antigas quanto as que estudamos poderiam ser tombadas no futuro, o que tornaria um transtorno para futuras mudanças na estrutura.

Os edifícios das igrejas da diocese de Osasco são lugares propícios para o encontro com Deus, são presença da Igreja e de Cristo no meio do caos da cidade. Assim, lançamos um olhar de esperança no futuro de belas igrejas, em busca da redenção com a nobre beleza. A beleza, que é chave do mistério e apelo ao transcendente, e que será transmitida às gerações futuras.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. A. *A Cohab de Carapicuíba, sua implantação e mudanças: notas para uma pesquisa histórica.* In: Revista ASBRAP. nº 14, p. 85.

Disponível em : http://www.asbrap.org.br/documentos/revistas/rev14_art7.pdf

Consultado em 01/09/2021, às 17h.

ARGAN, G. C. *Arte Moderna.* São Paulo: Cia. Das Letras. 1992.

ARIAS, F. L. *Projetar o Espaço Sagrado: o que é e como se constrói uma igreja.* Brasília: Edições CNBB. 2019.

ARQUIVO NORONHA SANTOS. *Livro do Tombo.*

Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/ans/

Consultado em 15/09/2021, às 10h.

BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis.* São Paulo: Paulinas. 2007.

BEZERRA, M. D. (org.) *Araçariguama: Cidade Portal do Interior.* São Paulo: Sowilo, 2017.

BECKHÄUSER, A. *Sacrosanctum Concilium: Texto e comentário.* São Paulo: Paulinas. 2012.

BORROMEO, C. *Instruções sobre a Fábrica e as Alfaias Eclesiásticas.* Apud: FRADE, G. *Entre Renascimento e Barroco: Os Fundamentos da Arquitetura Religiosa e a Contrarreforma – o De Fabrica Ecclesiae de Carlos Borromeu.* Tese de Doutorado. 2016.

BUCCIOL, A. *Liturgia, Vida da Igreja.* Brasília: Edições CNBB. 2020.

BUGNINI, A. *A Reforma Litúrgica (1948-1975).* São Paulo: Paulinas: Paulus: Edições Loyola. 2018.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Edições Loyola. 2002.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: CONSTITUIÇÕES, DECRETOS E DECLARAÇÕES. Rio de Janeiro: Vozes. 1962.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Cerimonial dos Bispos.* São Paulo: Paulus. 1988.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Introdução Geral sobre o Missal Romano.* São Paulo: Paulus. 1992.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Ritual da Penitência.* São Paulo: Paulus. 2000, nº 13.

CHRISTIAN, R. I. *House, Church, or Neither? The Dura-Europos House Church as Christian Place and Christian Initiation Centre.* Calgary: University of Calgary. 2019, p. 3-13.

Disponível em: https://prism.ucalgary.ca/handle/1880/111045

Consultado em 28/11/2020 às 11h

COELHO, M. I. Z. et al. *Osasco: História e Identidade.* Osasco: FITO.

CRISPIM, A. D. *A Arte e o Concílio Vaticano II: Uma Visão Panorâmica. In:* DI FIORE, A. G. & FERREIRA, R. (Orgs.) *Vaticano II: olhares e perspectivas.* São Paulo: Recriar. 2020.

DAVIS, R. *The Book of Pontiffs.* Liverpool: University of Liverpool Press. 1989.

DANIEL-ROPS. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires.* São Paulo: Quadrante. 2014.

DILLI, A. A. *Comunhão e Culto da Eucaristia Fora da Missa.* 2019.

Disponível em: https://www.cnbb.org.br/comunhao-e-culto-da-eucaristia-fora-da-missa/

Consultado em 04/03/2021, às 15h.

DIOCESE DE OSASCO. *Boletim Informativo de Osasco.* 1989.

Disponível em: https://issuu.com/biodiocese/docs/1._bio_junho_-julho_1989

Consultado em 08/03/2021, às 16h.

DIOCESE DE OSASCO. *Diretório dos Sacramentos*. 2007.

EUZÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica.* São Paulo: Paulus. 2000.

GOMBRICH, E. H. *A História da Arte.* Rio de Janeiro: LTC. 2012.

IBGE. *Produto Interno Bruto dos Municípios.*

Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/osasco/pesquisa/38/47001?tipo=ranking

Consultado em 16/03/2021, às 15h.

IBGE. *Panorama da População de Carapicuíba.*

Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/carapicuiba/panorama

Consultado em 23/03/2021, às 16h.

IBGE. *Panorama da População de Alumínio.*

Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/aluminio/panorama

Consultado em 28/05/2021, às 15h.

IBGE. *Panorama da População de Barueri.*

Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/barueri/pesquisa/23/22107

Consultado em 23/03/2021, às 16h.

IPHAN. *Aldeia de Carapicuíba – Carapicuíba (SP).*

Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/385

Consultado em 24/07/2021, às 16h.

JOÃO PAULO II, *Ecclesia de Eucaristia.* São Paulo: Paulus: Edições Loyola. 2003.

LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO. Osasco. Livro I e II.

LIVRO TOMBO PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO. Carapicuíba. Livro I.

LIVRO TOMBO PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA. Barueri. Livro I.

LIVRO TOMBO PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE PAULA. Alumínio. Livro I.

LOPES, G. *Lumen Gentium: Texto e Comentário.* São Paulo: Paulinas. 2011.

LUPI, T. *Papa Francesco – La mia Idea di Arte.* Milão: Mondadori. 2015.

MACHADO, R. C. A. *O Local da Celebração: Arquitetura e Liturgia.* São Paulo: Paulinas. 2007.

MELO, A. A. A. *Oscar Niemeyer: Paradigma da Arquitetura Brasileira.* 2012.

Disponível em: https://ufpi.br/ultimas-noticias-ufpi/1994-oscar-niemeyer--paradigma-da-arquitetura-brasileira

Consultado em 23/04/2021, às 11h.

OLIVEIRA, R. F. *De Aldeamento Jesuítico a Periferia Metropolitana: Carapicuíba/SP como Rugosidade Patrimonial.* Tese de doutorado. 2016, p. 174-175.

Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/22768

Consultado em 23/03/2021, às 16h.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO MONTE SERRATE. *Jubileu de 300 anos.* 2013.

PAULO VI. *Mensagem na Conclusão do Concílio Vaticano II aos Artistas.* 1965.

Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-artisti.html

Consultado em 20/02/2021, às 15h.

PASSOS, J. D. & SANCHEZ W. L. (Orgs.) *Dicionário do Concílio Vaticano II.* São Paulo: Paulus. 2015.

PELLEGRINI FILHO, A. *Carapicuíba: Uma Aldeia Mameluca.* São José dos Campos: Prefeitura de São José dos Campos. 2016.

PIERINI, F. *A Idade Antiga: Curso de História da Igreja.* São Paulo: Paulus. 2018, p.71.

PIERSON, D. *Cruz das Almas.* São Paulo: Editora da USP. 1996.

PLAZAOLA, J. *El Arte Sacro Atual: Estudio, Panorama, Documentos.* Madrid: BAC. 1965.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALUMÍNIO. *A História do Município de Alumínio.*

Disponível em: https://aluminio.sp.gov.br/a-cidade/historia/

Consultado em 23/04/2021, às 11h.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CARAPICUÍBA. *Histórico.*

Disponível em: http://www.carapicuiba.sp.gov.br/index.php/coordenadoria-municipal-de-def-civil/historico

Consultado em 23/03/2021, às 16h.

RATZINGER, J. *Pueblo y Casa de Dios em la Doctrina de San Agustín sobre la Iglesia.* Madrid: BAC. 1954.

ROMAG, D. *História da Igreja: A Antiguidade Cristã.* Sertanópolis: Calvariae Editorial. 2019.

SARTORE, D. & TRIACCA, A. M. (Orgs.) *Dicionário de Liturgia.* São Paulo: Paulinas. 1992.

SILVA, E. *Barueri: História Revista e Documentada.* São Paulo: ABC. 1995.

SILVA, E. *História de Barueri: Capítulo de História Municipal.* Osasco: Gráfica e Editora Peres.1998.

SILVA, J. A. *Os Elementos Fundamentais do Espaço Litúrgico para a Celebração da Missa: Sentido Teológico – Orientações Pastorais.* São Paulo: Paulus. 2007.

SILVA J. A. & SIVINSKI, M. (Orgs.) *Liturgia: Um Direito do Povo.* Petrópolis: Vozes. 2001.

SODRÉ, A. DE A. Primeira Visita de Pedro II a São Paulo. *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.* Vol. XLV. 1950, p. 129-143.

Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Revista_do_Instituto_Histórico_e_Geogr/R6doAAAAMAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=dom+Pedro+ii+visita+são+paulo&pg=PA129&printsec=frontcover

Consultado em 17/03/2021, às 16h.

SOUZA, N. de. *Catolicismo em São Paulo: 500 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo.* São Paulo: Paulus. 2004.

SOUZA, N. de. Da Igreja Doméstica à Paróquia: Aspectos históricos das origens à atualidade da paróquia. In: *Revista de Cultura Teológica.* nº 83: ano XXII. 2014.

Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/19228

Consultado em 28/11/2020, às 14h.

TOMMASO, W. S. *A Gênese do Templo Cristão – Museu de Arte Sacra.* 2018.

Disponível em https://www.academia.edu/44061396/A_G%C3%8ANESE_DO_TEMPLO_CRIST%C3%83O

Consultado em 06/02/2021, às 16h.

TOMMASSO, W. S. DE. *O Concílio Vaticano e as Artes.*

Disponível em: *https://www.academia.edu/8995473/O_CONCILIO_VATICANO_II_E_AS_ARTES*

consultado em 20/02/2021, às 15h.

7. ANEXOS

Advertência:

Apresentamos a seguir, em forma de anexos:

a) Os depoimentos de testemunhas que participaram de alguma forma das construções ou reformas estudadas nesta pesquisa. Onde se vê a sigla E, entenda-se entrevistador; e, para identificação da fala dos entrevistados, utilizamos siglas com as iniciais de seus respectivos nomes;

b) Fotografias das igrejas estudadas, procuramos expor o antes e o depois da obra.

7.1. DEPOIMENTOS

CARLA DIAS – 30 de maio de 2021

E: Qual é o seu nome?

C. D.: Carla Dias

E: Você é religiosa de qual congregação?

C. D.: Filhas do Sagrado Coração de Jesus.

E: Você viveu praticamente sua vida toda em Osasco?

C. D.: Eu tenho 50 anos e morei em Osasco por 45 anos.

E: Poderia fazer um histórico da paróquia Santo Antonio de Osasco?

C. D.: Quando os passionistas chegaram, que foi em 1930, e construíram primeiro uma capelinha onde, hoje, a gente olhando de frente para a catedral, pegava mais ou menos do término das escadarias da primeira escadaria até mais ou menos a parte onde fica a secretaria. Era uma pequena capela e no fundo tinha o terreno e, aí com o tempo, eles foram construindo ali atrás o seminário e também algumas atividades, por exemplo, tinha um cineminha que as crianças frequentavam, aquelas que faziam parte da catequese até os jovens mesmo e os padres incentivavam o convívio ali no cineminha. Até que depois foi derrubada essa primeira igreja que era mais bonita em termos de arquitetura para se fazer uma segunda igreja, mas aí já pensando no estilo moderno, esse que eu não me recordo a data, o ano, né, mas eu lembro que foi nessa perspectiva de construir uma igreja mais moderna nos modos que a gente tem hoje.

E: Depois da capela de 1930, fizeram uma espécie de igreja provisória e só depois outra definitiva que seria a que está hoje?

C.D.: Essa é então a terceira igreja.

E: Essas antigas igrejas foram demolidas?

C.D.: Isso, foi um pecado mesmo porque em termos de arquitetura religiosa, em termos de templo oracional mesmo. É óbvio que depois com o tempo a cidade foi crescendo, Osasco se tornou uma potência, inclusive populacional, mas, se tivesse mantido o estilo arquitetônico a gente não precisaria estar fazendo essa reforma que foi iniciada agora e infelizmente está parada por causa da pandemia.

E: O que motivou os padres a fazerem uma nova igreja na década de 1970? Pode ter sido o fato de aumentar o espaço para a igreja?

C.D.: É, além disso acho que veio também toda aquela questão da reforma, do movimento litúrgico, que óbvio tinha que acontecer, mas dentro disso havia uma ânsia por algo moderno que acabou que isso desvirtuou um pouco o objetivo da reforma litúrgica. Na verdade era para que o povo tivesse

uma participação mais ativa, conforme está escrito na SC, né, uma participação ativa e frutuosa. Porém isso foi confundido com a questão do templo, da arquitetura, né, poderia ter-se mantido aquele estilo antigo de arquitetura oracional, no entanto com a participação popular uma coisa não exclui a outra e aí eu acho que na ânsia de se fazer algo moderno que significava uma novidade em termos de participação popular, também se se mudou totalmente o estilo arquitetônico da igreja.

E.: Seria a ânsia pela modernidade em conjunto com a preocupação com os custos, em um modelo de baixo custo?

C.D.: Exatamente, é. Que tivesse esta característica, porém que não fosse dispendiosa.

E: Mas ao olhar a igreja catedral não é isso que parece, porque fizeram uma obra muito grande e que teve uma série de problemas estruturais.

C.D.: Sim, com certeza na intenção de fazer algo moderno mas ao mesmo tempo simples acabou se construindo algo que foi desvirtuado da arquitetura sacra. A sacralidade foi perdida talvez por falta de experiência. Mas, enfim, aí tem uma série de coisas envolvidas, inclusive aquela busca do tudo novo, liturgia nova, acabou latim, o padre estava rezando de frente para o povo, vamos inovar, mas inovar na verdade é manter aquilo que é essencial, acrescentando aquilo que o Espírito Santo vai renovando, sem perder a essência.

E: Quando a igreja ficou pronta do jeito que é hoje, os paroquianos ficaram felizes com a nova igreja?

C.D.: Olhe, sempre tem as opiniões diversas, né, mas pela questão do tamanho, da suntuosidade que ela representava, sim. Porque era uma novidade e, na época, também nós eramos igreja matriz que pertencia à arquidiocese de São Paulo, uma igreja daquele tamanho dava uma visibilidade maior também. Mas muita gente também por outro lado dizia que se perdeu um pouco da questão oracional do templo em si como oracional. Depois até mais tarde foram acrescentados aqueles vitrais onde a gente tinha as bem aventuranças, onde tem a própria figura de Santo Antônio. Eu lembro que isso foi algo muito aprovado pelo povo na época, o conselho de pastoral e o conselho de administração, os vitrais trouxeram uma característica um pouco mais oracional que tinha se perdido ali, porque se o senhor viu o projeto original na verdade nem era para ter ficado assim, se perdeu na própria construção o projeto original da catedral, não era dessa forma, que ela acabou ficando.

E: Você lembra quando a igreja antiga foi demolida?

C.D.: Não, eu não lembro, quando eu comecei a frequentá-la já estava essa aí que a gente tem, quer dizer, essa aí não, é antes de iniciar a reforma aquela que a gente tinha até iniciar essa última reforma.

E: Você gostaria de adicionar mais alguma coisa que acha importante?

C.D.: Acho que é isso, assim do que eu vivi, do que eu participei, a gente teve uma igreja, também a chamada igreja velha que é onde hoje está a Cúria, né, para a construção da nova catedral foi então a igreja antiga que ficou ali construída onde é a cúria, e aí eu comecei a fazer catequese ali e participei de grupos de jovens ali até que então ficasse concluída a igreja. Ali tem uma história muito bonita da arquitetura dela, é porque na verdade era um salão e foi adaptado como uma igreja, mas por fora ela tinha uma beleza muito maior do que a igreja que a gente tem hoje, porque ela tinha um aspecto mais sacro, né, e ela foi demolida logo depois que ficou pronta a igreja matriz, atual catedral. E depois, quando foi instalada a diocese de Osasco, se usou o espaço para se fazer a cúria. Ela tinha alguns vitrais, quatro ou cinco na fachada e a porta central; e o formato dela era triangular; é assim e os vitrais na frente e depois nas laterais, também tinham vários vitrais, ela tinha uma característica um pouco mais oracional e a cruz no centro, né, mas no relevo assim não ficava no mesmo nível da parede, parece que a parte que tinha a Cruz ela vinha um pouco mais para frente, assim sabe, mas tinha uma diferença. A porta principal dava para avenida Santo Antônio, para a rua da Saudade ficava a lateral e a outra lateral ficava para onde é a catedral hoje.

NORBERTO DONIZETTI BROCARDO – 02 de julho de 2021

Pároco da Paróquia São Paulo da Cruz, igreja do Calvário, em São Paulo.

E: Qual é seu nome?

N. D. B.: Norberto Donizetti Brocardo, tenho 63 anos, sou sacerdote desde 1992, ordenado na Catedral Santo Antônio de Osasco, estudei a Filosofia na PUC do Paraná, e a teologia no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP) e o mestrado em Liturgia, na Assunção, desde 1984 sou religioso da Congregação da Paixão de Jesus Cristo, conhecida como passionista.

E: Se lembra da construção da igreja de Santo Antônio de Osasco?

N.D.B.: Quando cheguei a Osasco em 1970, eu morava antes no interior, e sei que a igreja antiga já não existia, o que existia era o que chamavam de matriz auxiliar, onde hoje temos a Cúria, e era lá que eram celebradas as missas enquanto se construía isso que hoje seria a catedral. Na verdade, em um primeiro momento a catedral estava sendo construída para ser santuário de Santo Antônio, o projeto desta igreja logo no início foi de um santuário, por isso era algo grandioso e volumoso, enfim, mas depois não se concretizou e ficou só paróquia de Santo Antônio, e aí veio a ser a catedral.

E: Quais foram as motivações para a construção da igreja de Santo Antônio de Osasco?

N. D. B.: Os passionistas queriam construir um santuário a Santo Antônio, porque o fluxo de pessoas ali sempre foi muito grande e a devoção a Santo Antônio também. Então aquela pequena igreja que era a original foi demolida, justamente para ser construído esse santuário, que depois não deu certo e ficou a paróquia até então da elevação da paróquia à catedral.

E: Se recorda de alguém que teve importância nesta obra?

N. D. B.: Quem começou todo este projeto foi o Pe. Angelo Grando, mas já faleceu, a maioria dos padres passionistas envolvidos nessa obra já faleceu.

E: Os fiéis ficaram satisfeitos com a conclusão da obra?

N. D. B.: Se fosse hoje, eu não destruiria aquele patrimônio pequeno que tinha, que era a igreja velha, daria um jeito de ter tudo que tem e preservá-la. Na verdade, dos mais velhos que conheceram e tiveram acesso àquela igreja que era aconchegante, bonita, um projeto bonito, a anterior, eu vejo que eles não ficaram satisfeitos com o que foi feito não. Os mais jovens como não conhecem tanto a questão da história de Osasco, não tem esse referencial, mas os mais velhos agiam até de forma mais agressiva.

E: Gostaria de acrescentar alguma informação?

N. D. B.: O projeto que temos hoje parece que foi feito por um arquiteto que tinha realizado uma igreja de São José que fica na cidade de Osvaldo Cruz, no interior de São Paulo, e sei que essa

paróquia ficará santuário diocesano e é grande também, é como essa. Se fosse eu, não construiria isso que foi construído, eu acho que a igreja, no aspecto litúrgico e tudo mais, deixa a desejar, acho que essa motivação do povo de Osasco e do pároco é uma possibilidade de transformar aquela construção em espaço litúrgico mais oracional. A única coisa que eu gosto da igreja dali seria um pouquinho o presbitério, o resto é tudo muito largado e sem nenhuma beleza arquitetônica, enfim. Trabalhei na catedral durante quase dez anos.

CLEMENTINO SILVA - 11 de agosto de 2021

E: Qual é o seu nome?

C. S.: Clementino Silva, moro nesta paróquia de Santo Antônio de Osasco, desde 1958.

E: Lembra-se da construção da atual igreja de Santo Antônio?

C. S.: Sim, me lembro. Inclusive me lembro da antiga igreja que comportava umas 600 pessoas no máximo, era bem comprida, era para ser tombada pelo patrimônio histórico, mas quando começam a construir não deu para conservá-la. Antes de construir a igreja definitiva, construíram um galpão que se tornou a igreja provisória, eu me casei naquela igreja, onde hoje está o edifício da Cúria Diocesana. Me lembro da cerimônia da colocação da pedra fundamental da atual igreja de Santo Antônio, que foi em 1968.

E: Havia algum conselho para a construção da nova igreja?

C. S.: Não me lembro se havia conselho, mas quem sempre ajudou aqui foi o Sr. Antônio Menk, que era um baluarte daqui, depois o prefeito Sr. Hirant Sanazar ajudou bastante. O falecido Sr. Piraju, que mexia com toda a parte elétrica, era um transformador, os arcos que começavam daqui da entrada da igreja até lá embaixo no farol era tudo iluminado e a quermesse era na Praça Duque de Caxias.

E: Por que construíram esta igreja?

C. S.: A igreja antiga devia ter sido tombada. Mas não sei dizer por que construíram essa igreja, pois era um grupo que fazia isso e não havia muito acesso a eles. A igreja antiga era toda trabalhada, em cada capela havia um santo, e quando tínhamos procissão saíam todos os andores destes santos, ela foi construída em 1930. Onde hoje está a Cúria fizeram uma igreja provisória, para só depois construir a igreja atual. Eu sei que houve uns três projetos antes do projeto atual, para que este fosse escolhido.

E: Quais eram as prioridades na construção da atual igreja?

C. S.: Não sei dizer.

E: Houve alguma limitação na construção da atual igreja?

C. S.: Não me lembro, sei que o Sr. Menk doou os relógios para a igreja antiga. Depois não sei o que aconteceu que logo veio a demolição. Depois houve uma encrenca do bispo com o prefeito Francisco Rossi e perdemos grande parte do terreno que pertencia à igreja.

E: Os fiéis ficaram satisfeitos com a conclusão da obra?

C. S.: Uma parte antiga não gostou, os que se lembravam da igreja antiga não gostavam, pois ela era muito linda, até hoje vemos a fotografia e não há comparação com a igreja atual, a igreja antiga era um céu, uma arquitetura maravilhosa. Agora que estão fazendo essa reforma acontece que a pessoa

idosa não conseguirá assistir à missa de cima dos novos mezaninos, não tem acesso para os idosos nem para os deficientes em geral.

DIEGO MARTINS DOS SANTOS – 22 de junho de 2021

E: Qual é o seu nome?

D. M. S.: Padre Diego Martins dos Santos, sou formado em Filosofia, Teologia e ainda fiz uma pós-graduação relacionada à formação dos presbíteros pela Dehoniana. Fiquei sacerdote em 23 de fevereiro de 2013. Tanto a Teologia quanto a Filosofia estudei na Assunção, hoje PUC-SP no Ipiranga.

E: Na sua formação, houve algo específico sobre História da Arte ou sobre Arquitetura Sacra?

D. M. S.: É uma grande lacuna no processo formativo, não tive nenhum tipo de formação sobre o assunto, nem na faculdade, e nem mesmo dentro do seminário. Tivemos aula de Liturgia, mas nada que tratasse especificamente sobre a arte, o belo, sobre construções de igreja, nada disso foi abordado.

E: Poderia fazer uma histórico sobre a igreja matriz de Santo Antônio da Vila Caldas?

D.M.S.: Essa igreja é uma igreja nova, ela tem aproximadamente 20 anos, era uma capelinha depois foi demolida e a igreja foi construída com muito sacrifício e muita ajuda do povo. O padre na época se esforçou para fazer o melhor para o povo do bairro. Havia equipes de conselho, assessoria e de festa que assistiam o padre, foi uma movimentação de toda a paróquia, que foi toda envolvida e que cada passo da construção foi muito bem vivido e, com o pouco que havia, a paróquia foi bem generosa. Acredito que essa construção levou por volta de dez anos.

E: Com a conclusão da obra, os fiéis ficaram satisfeitos?

D. M. S.: Depois que o edifício ficou pronto, se percebeu a falta de acessibilidade, para que os idosos ou portadores de deficiência pudessem se dirigir aos sanitários que ficam depois de um lance de escadas íngremes. Alguns detalhes que não pareciam urgência, mas acabaram se tornando uma preocupação. A igreja é ampla e aconchegante, mas não tem circulação de ar, pois só tem uma porta de saída, a cúpula no meio da nave ajuda um pouco. A estrutura da igreja é muito bem-feita, mas algumas coisas escaparam, pois não eram urgência ou necessidade.

E: Há alguma limitação do ponto de vista litúrgico?

D. M. S.: A igreja tem uma única porta e não conta com janelas, isso causa um aquecimento interno intenso, e, em dias de calor, a nave da igreja fica ainda mais quente. A cúpula ajuda um pouco na circulação de ar, é uma das únicas igrejas que têm cúpula aqui em nossa região. O som e a iluminação interna estão muito bons. Além disso, havia uma capela do Santíssimo, que ficava totalmente deslocada da nave da igreja, parecia duas igrejas, e quem ficava do outro lado não via o presbitério, e transformamos esse ambiente em capela do Batismo e realocamos o sacrário ao presbitério, de modo muito sóbrio e sem ostentação. As paredes do presbitério são revestidas de cerâmicas, que são da

época da construção, uma espécie de azulejo de cozinha foi colocado em toda a nave, para facilitar a limpeza, mas penso que é questão de educação, pois hoje não se veem os fiéis sequer encostados nas paredes, que se dirá de colocarem os pés.

CLAUDIO GABRIEL DOS SANTOS – 30 de junho de 2021.

E: Qual é o seu nome?

C. G. S.: Claudio Gabriel dos Santos, nasci em 25 de junho de 1959, fui ordenado sacerdote no dia 7 de dezembro de 1985 na catedral Santo Antônio. Fiquei pároco na paróquia Santo Antônio da Vila Caldas em 1991 até março de 2015. Estudei Filosofia no São Bento e revalidação na Faculdades Associadas do Ipiranga (FAI) e a Teologia na Assunção. Eu fiz parte da primeira turma do seminário São José, que na época era chamado de casa de formação, era arquidiocese de São Paulo. A casa de formação tinha um clima muito bom, era um grupo menor e a casa era menor também, era só a Filosofia no começo, o reitor era o Pe. Martin Segú Girona, que até pouco tempo era o juiz do Tribunal Eclesiástico de São Paulo.

E: Durante a sua formação no seminário, houve algum curso sobre Arte ou Arquitetura?

C. G. S.: Não, não teve nada. Tivemos aula de Liturgia, mas quanto aos ritos e normas litúrgicas, mas em relação à parte artística da liturgia, templo, construção e arquitetura, nada disso.

E: Como era a igreja quando se tornou pároco desta paróquia?

C. G. S.: Quando eu cheguei à paroquia, não havia uma igreja construída, ela tinha sido demolida, ela era pequenina, mas só havia um salão. Esse salão é a parte inferior onde fica a casa paroquial hoje, onde fica a capela do Batismo. O terreno da igreja é onde está a igreja está hoje, era tudo da igreja, mas antes era um grande galpão onde se fazia as quermesses e festas, depois foi adquirido o terreno na parte de baixo, onde hoje há um grande salão. O pároco antes de mim, que foi o Pe. João Mcguire, um escocês, queria fazer a igreja nova lá embaixo, mas não conseguiu fazer por vários motivos, até começou a fazer algo, mas não deu certo, pois começou a construir sem o consentimento do bispo e parece que não foi muito de acordo com o interesse da comunidade, pois ali há uma praça, e a igreja devia ser feita de frente para a praça, e lá embaixo não era muito adequado. Então foi feito lá embaixo não uma igreja como templo de Deus, da forma artística segundo a liturgia, foi feito um quadradão de vidros sem a orientação litúrgica, que é o salão paroquial hoje. Quando eu assumi a função de pároco, o bispo falou que iríamos fazer uma igreja templo de acordo, melhor, mais litúrgica, e foi feita da forma que temos lá hoje.

E: Qual a motivação para construir a nova igreja?

C. G. S.: A localização, porque a igreja não era de acordo com as normas litúrgicas, não tinha aspecto de igreja, não era favorável para o povo acessá-la, não tinha um acabamento artístico de igreja, o edifício parecia mais um salão de festas. Foi se pensado em fazer a igreja de frente para a praça e que servisse ao número considerável de fiéis.

E: Foi feito um projeto para a construção?

C. G. S.: Sim, foi feito um projeto. O Dr. Sérgio foi quem nos ajudou a fazer o projeto da igreja, da Cúria Metropolitana de São Paulo. O projeto devia ser moderno, mas sem exagero, com certa espiritualidade em que se perceba um ambiente de oração.

E: Como foi o decorrer da obra?

C. G. S.: Eu acompanhei a obra, no dia a dia, ela foi bastante demorada. O arquiteto visitava a obra com frequência. Na época o bispo contratou uma construtora chamada São Francisco para realizar a obra e que realizava geralmente a construção de igrejas na região da diocese de Osasco, mas não foi essa construtora que concluiu a obra. Depois vimos que tínhamos gente mais próxima que podia cobrar menos e realizar bem o serviço.

E: Quais foram as suas influências quando o projeto foi criado?

C. G. S.: Queríamos uma igreja mais moderna, mas nem tanto, que tivesse uma certa espiritualidade, onde se pudesse criar um ambiente de oração, e, ao entrar na igreja, se percebesse um lugar de devoção e oração. Uma igreja que seja agradável e uma arquitetura que ajudasse a liturgia a acontecer. Eu imagino uma igreja mais ou menos da forma que foi feita lá na Vila Caldas, não imagino um edifício supermoderno não, penso no moderno em harmonia com o antigo.

E: Houve dificuldades durante a construção?

C. G. S.: Sim, mas as coisas aconteceram de forma razoável, como esperado, embora tenha atrasado um pouco a conclusão dos trabalhos. Tivemos algumas dificuldades quanto ao local de culto. Enquanto estávamos construindo, as celebrações eram feitas naquele salão, mas no geral foi bom.

E: Na conclusão da obra, correspondeu às suas expectativas?

C.G.S.: Sim, foi aquilo que pensamos, foram feitas as coisas que queríamos fazer, acho que foi uma igreja que deu certo. Eu não mudaria nada. O povo ficou muito satisfeito, viram que o que era doado e todo o trabalho de arrecadação foi aplicado na igreja. Foi muito bom.

MARIA SOPHIA DE OLIVEIRA – 11 de agosto de 2021

E: Qual é o seu nome?

M. S. O.: Maria Sophia de Oliveira, moro na Vila Cretti em Carapicuíba, que fica próxima da paróquia São José. Mas eu me casei, batizei meu filho e sempre trabalhei na paróquia Santo Antônio. Frequento a paróquia Santo Antônio da Vila Caldas, há mais de 46 anos, sou católica desde minha infância.

E: Como foi a construção da igreja de Santo Antônio da Vila Caldas?

M. S. O.: O atual salão paroquial era a igreja naquela época, e tem a data da inauguração quando o bispo veio em 1990 se não me engano, e serviu como lugar das celebrações da comunidade até que pudéssemos ir para a nova igreja. A ideia principal é que a entrada da igreja fosse pela rua de trás, a parte onde hoje é a igreja se tornaria um local de estacionamento e área de lazer para os paroquianos. Quando houve a mudança de pároco em 1991, ouvindo os paroquianos, todos diziam que queriam que a igreja voltasse para a praça e não para os fundos, na época algumas pessoas ficaram preocupados porque achavam que a praça dava maior visibilidade para a paróquia, tanto é que quando estávamos em construção não sabiam que lá havia uma igreja, dava a impressão que era um depósito de ferro velho, porque eram portões enormes na praça e a entrada pelos fundos ficou meio escondida e ficou difícil. Acredito que em 1996 foi lançada a pedra fundamental da nova igreja, foi criada uma equipe de construção que trabalhou com eventos, que eram realizados a cada 15 dias um evento para arrecadar fundos. Na Páscoa de 2000 ou 2001, foi feita uma grande solenidade de inauguração da nova igreja, e subimos para a nova igreja. Eu fazia parte dessa equipe de construção.

E: Por que a igreja antiga foi demolida?

M. S. O.: Essa igreja que foi construída na década de 1940 e não tinha uma estrutura muito sólida e começou a apresentar rachaduras e perigo de desmoronar, e, antes que isso acontecesse, foi decidido construir um novo edifício. Eu não acompanhei essa fase porque eu não estava lá, eu comecei a participar ativamente como paroquiana em 1987, porque antes eu participava na igreja Monte Serrate, em Pinheiros, onde fui chamada para fazer o encontro de casais e depois de muita insistência acabei me desligando de São Paulo e passei a participar mais ativamente em pastorais da paróquia Santo Antônio. Nessa época quem sabe sobre o assunto é o Sr. Vicente, que acompanhou o Pe. João, mas sei que a igreja foi demolida porque apresentou rachaduras e perigo de desmoronamento. Onde hoje é a capela do Batismo, era na época o salão paroquial e se tornou um local de celebrações depois da demolição da igreja antiga, inclusive casamentos, hoje está bem modificado e foi construída a casa paroquial em cima desse salão. Enquanto isso foi se construindo um outro edifício maior para a igreja na parte debaixo do terreno, que hoje é o salão paroquial, esse prédio serviu por mais de dez anos

para a igreja e era até conhecida por igreja de vidro, porque é toda envidraçada. Só em 1996 começou a obra da igreja que temos hoje como matriz da paróquia.

E: Foi feito um projeto para a construção da igreja atual?

M. S. O.: Sim. Eu tenho alguns rascunhos e croqui que sofreu algumas modificações. A equipe acompanhou o desenvolvimento do projeto, pois fazíamos compras de materiais de construção e organizávamos a arrecadação de fundos para construção. Hoje a igreja sofre um pouco por causa da falta de acessibilidade, pois o projeto inicial previa uma rampa em um corredor que descia a parte debaixo do terreno, mas com o desenvolvimento do projeto e a mudança de arquiteto acabaram colocando aquela escada, modificando o projeto. Houve algumas dificuldades no processo de trabalho, mas a última palavra era sempre dos padres, mesmo que a equipe não concordasse, então, em vez da rampa que era prevista se fez uma escadaria, além de outras modificações, como o acesso ao mezanino.

E: Os fiéis ficaram satisfeitos com a conclusão da obra?

M. S. O.: Sim, foi uma bênção. Todo mundo gostou e ajudou. Foi feita uma coisa para a vida toda, o piso foi de qualidade e os vitrais também. A mim não chegou nenhuma reclamação sobre a construção. Tanto que na época em que a igreja ficou pronta, ela foi a mais procurada para casamentos. Embora a igreja estivesse nos limites do terreno, com isso não pudemos contar com janelas nas laterais, então foi feita uma cúpula para iluminar bem a igreja, que ficou muito boa.

VICENTE CARLOS IZIDORIO – 31 de agosto de 2021.

E: Qual é seu nome?

V. C. I.: Vicente Carlos Izidorio. Sou católico e frequento a paroquia Santo Antônio da Vila Caldas, em Carapicuíba. Eu era o pedreiro na época da demolição e da construção da nova igreja.

E: Por que construíram a nova igreja?

V.C.I.: Porque a igreja antiga estava caindo, e a torre dela estava em perigo de cair em cima das pessoas. Aí, o padre me chamou e me mostrou, tentamos recuperar, mas não havia condições de recuperar, pois ela não tinha baldrame. Era daquelas igrejas antigas feitas de tijolinhos, muitas partes feitas de tijolinho de barro, então não dava firme segurança na estrutura. Ela começou a trincar e querer empenar para cair, e a torre estava em condenação de cair em cima da igreja ou de pegar o pessoal ou também a casa paroquial, que era em cima de um salão. Tivemos que descer a torre aos poucos, quebrando, retirar o sino, até demolir a própria igreja que já estava pequena na época e precisava ser ampliada. O prefeito na época não autorizou a construir a igreja como está hoje, então o Pe. João comprou dois terrenos embaixo e lá construímos a igreja. Na época foi falado de ser creche e em cima da creche o salão da igreja, pois não tínhamos condições de fazer de frente para a praça porque ficaria muito estreita conforme a autorização da prefeitura. Construímos, e a igreja começou a funcionar lá embaixo. Depois de um certo tempo, conseguimos construir na parte de cima, quando mudou a gestão do novo prefeito, com isso o padre conseguiu autorização para construir onde ela está hoje. A igreja ficou bem maior pois havia a casa paroquial embaixo de onde é o altar hoje. Com a construção da igreja em cima, o prédio que ficava na parte de baixo ficou sendo usado como salão paroquial. A igreja antiga era estreita e tinha um corredor do lado, não tenho ideia de quantas pessoas cabiam na igreja, mas era bem estreita, com 2 metros a 3. Quando percebemos o que estava acontecendo com a estrutura da antiga igreja, ela logo caiu, não foi chamado um engenheiro, pois não houve tempo hábil.

E: Houve um projeto para a construção da nova igreja?

V. C. I.: Sim, mas não lembro quem fez esse projeto. O projeto fornecia um bom espaço para as celebrações e que teria ventilação e iluminação boas. Inclusive há aquela claraboia que fornece muita claridade, e os vitrais também fornecem iluminação. Eu construí o salão de vidro, a igreja nova foi feita por outros pedreiros.

E: Houve alguma limitação durante a construção?

V. C. I.: Não, não houve.

E: Os fiéis ficaram satisfeitos com a igreja nova?

V.C.I.: Ficamos muito satisfeitos, pois a saída era para a praça como queríamos, e ela tinha um bom espaço, ventilação e iluminação boas.

JOSÉ MARIA FALCO - 14 de julho de 2021.

E: Qual é o seu nome?

J. M. F.: José Maria Falco, sou Padre desde 1985. Quando entrei no seminário, trabalhei numa creche na Vila Yolanda, e depois do serviço de meio período ia para a faculdade, no São Bento. Quando passamos para Teologia, íamos para a faculdade no Ipiranga na parte da manhã e a tarde íamos para a sede da promoção social ali perto da Cidade de Deus, em Osasco, e trabalhávamos nas áreas livres, para cadastrar os moradores e acompanhar a entrada de novas famílias nas áreas da prefeitura, eram 80 áreas na época. Este trabalho se extinguiu quando mudou a gestão da Prefeitura de Osasco. Depois fomos mandados para Jandira, na região de Nossa Senhora de Fátima, onde fizemos trabalhos pastorais, hoje é uma paróquia muito viva. Quando fiquei diácono, já fui mandado para Carapicuíba. Fui ordenado na Catedral de Santo Antônio, em Osasco.

E: Poderia falar sobre a construção da igreja São Paulo Apóstolo, da Cohab de Carapicuíba?

J. M. F.: O terreno pertencia à Cohab de São Paulo, e o padre Paulo, para conseguir o terreno, teve que fazer em anexo o centro social da Kolping, foi através da Kolping que conseguiu aquele terreno, aí construiu o centro social e, ao lado, a igreja. Quando chegamos em 1985, eu, Pe. Claudio Gabriel, Monsenhor Claudemir e Pe. Reinaldo fomos ordenados e fomos lá para Carapicuíba, na Nossa Senhora Aparecida, e a São Paulo Apóstolo pertencia à Nossa Senhora Aparecida na época. Eu acompanhei o resto da construção, que já estava iniciada, aí o Pe. Paulo foi para São Lucas, e nós ficamos na Nossa Senhora Aparecida, acompanhando ali as comunidades. Quando fomos para Carapicuíba, já era o Pe. Claudio Piazon e Pe. Zezinho Santos. Eles resolveram deixar o sacerdócio na época, e aí nós entramos como diácono, ai demos sequência, o Pe. Paulo é que iniciou a construção da Cohab. Ele tinha um construtor que acompanhava as obras da Kolping, uma participação sempre foi da comunidade, mas ele conseguiu comprar o terreno pela Adveniat, que é uma instituição alemã, que mandava verbas para compra de terrenos na arquidiocese de São Paulo e depois a comunidade normalmente entrava com 70% dos gastos e 30% a Alemanha.

E: Qual a motivação para construir essa igreja?

J. M. F.: Antes, havia um projeto de construir a igreja na Avenida Brasil, que ficaria muito próxima da igreja de Nossa Senhora Aparecida e não atenderia à área populacional da Cohab como devia. Já havia chegado muita gente na Cohab, em 1973 já havia muita gente lá. Foi colocado São Paulo Apóstolo em homenagem ao Pe. Paulo.

E: Quem foi o responsável pelo projeto da igreja?

J. M. F.: Não lembro quem era.

E: O que inspirou o projeto?

J.M.F.: Nesta época se faziam projetos modernos, questão da época. As igrejas ficaram mais modernas do que tradicionais, mas o modelo tradicional era mais bonito. Penso que o projeto deve ser adequado e feito de acordo com a cultura do povo local.

E: Foi feito um planejamento de gastos para a obra?

J. M. F.: Fizemos muitos eventos para completar a verba que vinha da Alemanha, os fiéis trabalharam demais para fazer aquela igreja, o povo de Carapicuíba é muito bom e assumiram a missão, na questão pastoral é muito animada.

E: Havia um grupo que assistia a obra?

J. M. F.: Nós tínhamos o Conselho de Pastoral e o Conselho Administrativo e Financeiro, mas nunca me envolvi com a Kolping, que tinha uma linha diferenciada. Sempre a apoiei, mas o trabalho que eu fazia era com a Kolping, que era um grupo de pessoas, uma diretoria que cuidava das coisas do social da obra, que tinha cursos profissionalizantes, creches, mas nunca quis envolver a Kolping com a Igreja, porque sempre que havia envolvimento tinha briga. Eu preferia trabalhar separadamente, a parte social com eles e a parte da Igreja com a Igreja. Uma vez surgiu um certo conflito em que se queria que a Igreja estivesse mais ligada à Kolping, que acabava atrapalhando o trabalho religioso.

E: Houve alguma dificuldade na construção?

J. M. F.: Depois que a igreja estava pronta, o telhado caiu e tivemos que refazer, porque foi feito de madeira verde e quando secou o desabou, a estrutura e o forro foram refeitos. A igreja ficou pronta mais ou menos em 1987 ou 1988.

E: Depois que a obra ficou pronta, todos ficaram satisfeitos?

J. M. F.: Antes atendíamos em dois centros comunitários que não davam conta, pois a população era muito grande, depois que a igreja ficou pronta aí ficou bom, porque o centro comunitário era ecumênico. Quando as obras foram concluídas, os fiéis ficaram muito contentes. Eu também fiquei satisfeito com o prédio, e a comunidade era muito boa e fervorosa.

E: Hoje o senhor mudaria algo nesta igreja?

J. M. F.: Não, penso que não. Para mim, ficou ótimo, é aquilo que eu sempre pensava quando estava lá era fazer a capela do Santíssimo, onde é hoje, pois o sacrário era colocado no presbitério e eu nunca achei bom ficar no presbitério porque dificultava a aproximação dos fiéis, e as pessoas ficam conversando muito dentro da igreja. A secretaria era na parte debaixo da rampa da entrada, eu achava que ficava escondida, pois a secretaria devia ficar no corpo da igreja para que, o tempo que ficasse aberta, também a igreja ficasse aberta para o povo vir rezar.

ESTELITA DE FARIAS OLIVEIRA - 03 de julho de 2021

E: Qual é o seu nome?

E. F. O.: Estelita de Farias Oliveira, tenho 92 anos de idade, sou católica praticante, frequento a paróquia São Paulo Apóstolo, moro na Cohab desde 1º de abril de 1977. Quando me mudei para cá, não havia igreja ainda, mas as celebrações eram feitas no centro comunitário.

E: Lembra-se da construção da igreja de São Paulo Apóstolo?

E. F. O.: Sim, lembro, porque participei muito, essa igreja era para ser uma igreja comunitária, a Cohab deu o terreno com esse propósito de ser um centro ecumênico, mas os padres e a comunidade não aceitaram, foi difícil conseguir o terreno. Depois veio a construção desta igreja, o Pe. Paulo Link, que era diretor da obra Kolping, conseguiu 60% dos custos para a construção da igreja e da obra social, e 40% saíram da comunidade. Depois da igreja construída, o piso desceu uns 8 cm, abriu todo, foi descendo aos poucos, foi chamado um engenheiro e fechou; depois não deu mais problema.

E: Foi feito um projeto para a construção da igreja?

E. F. O.: Sim, isso foi construído com a assistência de engenheiro e arquiteto, não foi construído de qualquer forma não. Depois soubemos que o terreno em que estávamos construindo era um aterro, por isso deu uma falha.

E: Por que construíram uma igreja na Cohab?

E. F. O.: Porque os católicos precisavam de sua igreja, havia um centro comunitário que não satisfazia os católicos, não era suficiente, pois era pequeno. O centro comunitário existe até hoje. Quando me mudei para cá, cresceu muito a população do bairro, antes eu morava no Jaçanã.

E: A igreja foi feita como é hoje?

E. F. O.: A igreja foi construída assim, a capela do santíssimo era uma salinha que depois se tornou a capela, o sacrário ficava no presbitério, só depois que foi feita a capela. A igreja é bem grande, e as missas ficam sempre muito cheias. A escolha das formas no projeto da igreja como está hoje foi definida pelos padres que passaram por aqui.

E: Quanto tempo durou a obra?

E. F. O.: Foi um bocado de tempo. Depois que começaram as missas no salão embaixo e continuou a construção. Cada padre que trabalhou na paróquia mudou algum detalhe. Sei que há projeto de ampliação para o futuro.

E: Depois que ficou pronta, os fiéis ficaram contentes com a conclusão da obra?

E.F.O.: Sim. Aí depois veio a escolha do padroeiro, quando fizemos uma reunião em que escolhemos por eleição a São Paulo. Hoje é uma igreja que favorece muito as celebrações litúrgicas.

SILVIO DA SILVA - 23 de junho de 2021

E: Qual é o seu nome?

S. S.: Silvio da Silva, sou católico, frequento a paroquia São Paulo Apóstolo, na Cohab de Carapicuíba. Eu moro na Cohab de Carapicuíba desde 19 de janeiro de 1977.

E: Quando a construção da igreja São Paulo Apóstolo começou, havia algum grupo de fiéis que auxiliava o padre na obra?

S. S.: Sim, havia algumas pessoas que auxiliavam no projeto da igreja com a arrecadação de fundos para reforçar a verba que veio da Alemanha, por ser coligada com a obra Kolping. O monsenhor Paulo Link estava à frente da construção na época.

E: Por que construíram uma igreja neste local?

S.S.: O principal motivo foi por ser um bairro totalmente residencial e com muitos moradores, precisavam de uma igreja católica, era muita gente e não havia nenhum local de culto. A população do bairro cresceu muito desde 1975, foi uma grande migração para cá. Eu morava antes na Barra Funda, em São Paulo, em uma casa alugada, e consegui adquirir uma casa que faz parte de um núcleo no meio da Cohab.

E: Como foi adquirido o terreno para a construção da igreja?

S. S.: A obra Kolping tinha interesse em construir um centro social ali, e a Igreja sempre acompanhou a obra, eles cederam uma parte do terreno para construir uma igreja.

E: Foi feito um projeto para a construção da igreja?

S. S.: Sim, foi feito. Quanto aos gastos, não sei dizer, mas quanto à edificação o projeto foi feito. Eu sei que o projeto existiu e se comentou em algumas reuniões, mas eu mesmo não vi o desenho do projeto. Infelizmente alguns documentos podem ter se perdido com o decorrer dos anos.

E: Quais foram as prioridades para a construção da igreja?

S. S.: A catequese e a evangelização dos adultos e crianças, pois na época os casais que vieram para cá tinham muitos filhos em idade de catequese, então uma das prioridades era reservar o espaço para salas de catequese. A nave da igreja e o altar foram pensados a partir disso, com algumas salas maiores para reuniões, uma pequena para a secretaria e outra pequena para a sacristia. Pela topografia do terreno, foi necessário fazer escadas no início do projeto original e depois foram mudadas para uma rampa, para dar acesso à entrada dos fiéis à igreja.

E: Houve alguma limitação durante a obra?

S.S.: Houve alguns acidentes, mas, quando a igreja já estava pronta, um afundamento do piso, pois uma parte do terreno era aterro, onde o piso cedeu, mas nada de muito grave. Houve um pequeno atraso no término da obra, que é normal.

E: Ao finalizar a obra, os fiéis ficaram satisfeitos?

S. S.: Sim, muito. Por termos uma igreja, o prédio em si não entrou em análise, ficamos felizes por termos uma igreja que não tínhamos. Foram feitas algumas modificações que vieram depois, como a rampa e a cruz no alto que não existia, que é uma identificação maior da Igreja Católica. Tivemos vários problemas com o telhado, por ser de amianto, até que foi trocado por zinco e o problema foi eliminado.

RICARDO RODRIGUES DOS SANTOS – 9 de setembro de 2021

E: Qual é o seu Nome?

R. R. S.: Ricardo Rodrigues dos Santos, tenho 34 anos, sou formado em Filosofia pela UNIFAI – Centro Universitário Assunção e em Teologia pela PUC-SP, concluída em 2015. Fui ordenado sacerdote em 2017 na catedral Santo Antônio de Osasco. Sou pároco da São Paulo Apóstolo desde 5 de setembro de 2018.

E: Durante sua formação no seminário, foi dada alguma formação sobre arte, arquitetura e construção de igrejas?

R. R. S.: No máximo que tivemos, foi na faculdade no curso de Liturgia, em que estudamos sobre a arquitetura do Santuário de Aparecida e da Catedral da Sé, foi o mais próximo que tivemos sobre a arte sacra propriamente dita. Duas aulas que tivemos foram muito significativas, quando pudemos ir até o Santuário em Aparecida e uma guia percorreu conosco todo o santuário explicando os conceitos da obra de Claudio Pastro. Depois disso tive uma nova perspectiva, embora não aprecie muito o estilo deste artista. Na Catedral da Sé, foi a mesma coisa, tivemos uma aula lá com uma pessoa especialista da catedral, foi feito um trabalho mais aprofundado sobre a igreja da Sé, o professor dividiu por grupos e cada um devia falar de um determinado aspecto da catedral, desde a fundação, a construção então foi bem interessante, mas nada muito aprofundado nas técnicas. Foram estes os dois pontos que teve de mais próximo de arte sacra. Mas sobre a formação interna do seminário não tivemos nada sobre o assunto.

E: Quando foi construída a igreja de São Paulo Apóstolo da Cohab?

R.R.S.: A comunidade teve início no fim dos anos 1970, e se reuniam em uma associação aqui próxima. E, nos anos 1980, iniciou a construção da igreja de São Paulo Apóstolo, através de uma parceria com a Kolping.

E: Como foi adquirido o terreno da igreja?

R. R. S.: O terreno foi cedido pela Cohab, há um contrato que prevê que a obra Kolping pode fazer uso do local desde que exista uma igreja católica no terreno. O proprietário do terreno é a Cohab, e a condição é que exista uma obra social no local.

E: O que motivou a construção da igreja?

R. R. S.: O que motivou foi a vinda de muitas pessoas para a Cohab, antigamente aqui na região as igrejas mais próximas eram a Nossa Senhora Aparecida e a São Roque. Aqui tem muitos prédios, uma vila com muitas casas, então foi a necessidade das pessoas de terem uma igreja próxima para que pudessem participar da missa e ao mesmo tempo favorecer a evangelização, foi consequência

mesmo do êxodo de pessoas para cá. Muitos vieram de São Paulo, de outros estados, e, à medida que essa área foi crescendo, houve a necessidade de se ter uma comunidade.

E: Houve um projeto para a construção da igreja?

R. R. S.: Sim, foi necessário que pedisse o financiamento para a Alemanha, o que temos aqui é um esboço deste projeto. Os prédios da obra social da Kolping e da igreja eram interligados, formando um único edifício. Não sei quem projetou essa obra, mas sei que quem acompanhou a obra foi o Pe. Paulo Link. Os trabalhos foram feitos em esquema de mutirão, na época não havia tanta preocupação com as questões técnicas e as normas e as leis não eram tão exigentes como hoje, a preocupação era haver um espaço para celebrar e se reunir.

E: O que inspirou a construção desta igreja?

R. R. S.: Acredito que o custo, é mais barato construir uma igreja como esta do que uma igreja moderna, como a igreja de São Roque. O padre Paulo Link certamente foi quem fez o projeto, e a maioria das igrejas que ele ajudou na construção segue meio que no mesmo padrão e estilo, a única coisa que aqui não tem é a torre. Mas ele dizia que a igreja tinha que tem que ter torre para o povo saber que ali é uma igreja, tornando-se um referencial para o bairro. Acho que é da formação do padre Paulo.

E: Qual é sua referência de igreja?

R. R. S.: Eu penso que igreja tem que te levar à oração. E a arte sacra é muito importante dentro da igreja. Vejo que nas construções modernas houve um esvaziamento da arte, tornando o espaço uma igreja muito mais *clean*, que não tem muita coisa, é quase que um espaço de reunião. Um modelo de igreja que me vem à mente e que automaticamente me leva a rezar é a Catedral da Sé, por exemplo, esse estilo de igreja que foi pensado para ser igreja, nesse conceito de ser um espaço de oração, de contemplar a beleza, e isso te leva até Deus, pensando na experiência das pessoas, onde os bancos, o som, a arte, tudo isso deve levar as pessoas a rezar. Infelizmente, as nossas igrejas hoje sofrem um pouco nisso, foram construídas apenas para reunir as pessoas, ficando um pouco em segundo plano este lado oracional. Além de tudo isso, não é fácil encontrar profissionais competentes para auxiliar os párocos na construção ou reforma de igrejas.

E: Como foi a captação de recursos para a construção?

R. R. S.: Foram feitas festas e quermesses, no geral, campanha de construção não sei dizer se houve. Certamente havia um conselho formado pelas lideranças da comunidade na época que assessoravam o padre na construção.

E: Houve alguma dificuldade durante a construção?

R. R. S.: Não, dificuldade que eu saiba não. Onde a igreja foi construída é quase que um morro, provavelmente devem ter feito um trabalho de terraplanagem para a construção, porque é um terreno acidentado. O telhado caiu depois que já havia terminada a obra, no ano 2000, mas ninguém ficou ferido, não havia ninguém na igreja na hora. No dia seguinte, houve uma missa de Crisma que teve que ser rezada no pátio da igreja, e depois o telhado foi refeito.

E: Quais são as dificuldades que você encontra hoje no edifício da igreja?

R. R. S.: O espaço não é grande o suficiente para suportar uma paróquia, a estrutura da igreja em seu todo, ela foi pensada em ser somente uma comunidade, não matriz, a estrutura do espaço celebrativo, de salas, de salão, de banheiros, é uma dificuldade. No espaço celebrativo, penso na experiência das pessoas, os bancos não acho adequados, o pé-direito da igreja acho muito baixo, o som não é muito bom também, essas coisas acabam interferindo na experiência das pessoas, em quem reza a missa, mas também de quem participa, e a ausência de arte sacra. A igreja está em um lugar alto e não há construções que obstruam o vento, por isso ela tem uma boa circulação de ar. De todas as igrejas da paróquia a matriz é a melhor neste quesito. Além de ser bem iluminada durante o dia, as luzes não precisam ficar acessas. Eu penso que é importante revitalizar aquilo que se tem de estrutura, fiz isso nas salas de catequese, banheiros e casa paroquial, com acessibilidade.

E: Os fiéis da sua paróquia estão satisfeitos com o edifício da igreja que existe hoje?

R. R. S.: Acredito que sim, o povo se acostuma na verdade. Eu cheguei aqui há três anos e já passei por algumas realidades. Percebo certas necessidades, mas o povo em geral fica feliz por aquilo que conseguiu construir, sempre ansiando em melhorar, como construir uma torre que ainda não existe. Os fiéis consideram a igreja bonita hoje, ela já sofreu algumas reformas e melhorou desde a sua construção. Dar dignidade ao espaço sagrado não é simplesmente uma questão estética, é um espaço para o encontro com Deus, e os fiéis se sentem valorizados também.

MARIA APARECIDA BORGES – 21 de abril de 2021

E: Qual é o seu nome?

M. A. B.: Maria Aparecida Borges, estudei Filosofia e Teologia, comecei os estudos em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e terminei no Pio XI, em São Paulo, no bairro da Lapa. Nasci em São Joaquim, Santa Catarina. Sou religiosa membro do Instituto Coração de Jesus – *Serviam*. Fiz a profissão no dia 27 de dezembro de 1970, tenho 51 anos de vida religiosa. Eu vim para Carapicuíba em 1972, em 1978 fui para a Bolívia e fiquei três anos lá, depois voltei para Carapicuíba e, no ano 2000, fiquei em Osasco, no Jardim Roberto e Jardim Turíbio, e voltei novamente para Carapicuíba em 2015.

E: Qual a formação do Pe. Paulo Link?

M. A. B.: Ele estudou em Roma, foi ordenado lá, ele é doutor em eclesiologia. Embora tenha origem alemã, ele estudou e foi ordenado na Itália, em Roma. Ele é padre diocesano, incardinado na diocese de Fulda, na Alemanha, onde ele nasceu. Foi ordenado em 10 de outubro de 1965, ele tem 56 anos de sacerdócio. Ele veio para o Brasil no dia 24 de fevereiro de 1971, como *Fidei Donum*.

E: Qual a concepção de construção de igreja do Pe. Paulo Link?

M.A.B.: Ele dizia que todo o bairro devia ter uma pequena comunidade, uma pequena sede, não importa, em cada vila, mesmo uma perto da outra, porque sempre tinha a ideia de paróquia como uma comunidade de comunidades, onde há uma igreja maior que reúne a todos, que seria a matriz. A ideia dele era sempre um pequeno lugar para as pessoas se reunirem e celebrar, rezar, um trabalho social, pois ele era muito do social. Um lugar de fraternidade, com simplicidade, cada rua devia ter um lugar. Ele tinha a intensão de conseguir recursos para que cada bairro ao menos tivesse um lugar para isso, o mais barato e simples possível, muitas vezes do exterior do País. Antes de construir alguma igreja, ele tinha a concepção de que era essencial formar primeiro um grupo no bairro com quem se pudesse rezar nas casas e movimentar a comunidade, só depois começava a investir e procurar um terreno e começar a construção, porque o grupo precisa de um lugar próprio para se reunir. Ele investiu muito nas pessoas. Ele fazia muitas reuniões e orações nas casas, círculos bíblicos, nós, irmãs, também íamos dar círculos bíblicos, havia a celebração eucarística pelo menos uma vez por semana, ele tinha muito amor à Palavra e à Eucaristia. Os meio que o padre Paulo usava para arrecadar fundos para a construção era primeiro pedindo na comunidade, dizimistas, festas, e ele tinha uma mania de listas, tinha que ter uma entrada na própria comunidade, e só depois fazia um projeto para a *Adveniat*, pois o padre responsável pelos projetos era muito amigo dele, acredito que se ordenou com ele, não sei ao certo. Ele veio várias vezes aqui, a família dele também, um time de futebol em que ele jogava na

Alemanha que ajudava muito, os colegas de escola fundamental na Alemanha, ele tinha o nome de todos e ajudavam muito, é o que eu sei de onde vinham as arrecadações que ele realizava.

GERALDO HUMBERTO CARDANA – 9 de março de 2021

E: Qual é o seu nome?

G. H. C.: Meu nome é Geraldo Humberto Cardana, sou católico, sou da paróquia São João Batista, matriz no centro de Barueri, fui batizado e crismado nesta igreja.

E: O senhor acompanhou a construção da nova igreja de São João Batista, na década de 1990?

G. H. C.: Sim, vi a construção desde o início, da preparação do terreno e da fundação, vi sendo levantada a igreja. O terreno já pertencia à igreja, tínhamos uma igreja antiga, e onde foi construída a igreja nova era um pátio que servia de pátio para estacionamento, onde se fazia também festa junina. Com a modernização da nova igreja, esse pátio foi utilizado para a nova construção. A igreja antiga foi demolida, onde hoje serve como estacionamento e onde é feita a festa junina também, na verdade foi feita uma inversão.

E: Qual foi a motivação para a construção de uma nova igreja?

G. H. C.: A ampliação do espaço e a modernização. Na igreja nova cabem 360 pessoas sentadas, e na igreja antiga não comportava tudo isso.

E: Foi feito algum projeto para a construção da nova igreja?

G. H. C.: Sim. Foi feito por um arquiteto e depois passado para uma construtora. Eu conheço o arquiteto que fez o projeto, mas não me lembro do seu nome. Existia uma comissão da construção em que os membros conheciam mais esse profissional, essas pessoas ajudavam o pároco na época, mas eu não fazia parte deste grupo.

E: Houve alguma limitação para a construção?

G. H. C.: Que eu saiba não teve, a comissão trabalhou bastante com eventos para conseguir o dinheiro para construção, foi muito bem trabalhado, não havia dinheiro sobrando.

E: Depois que a obra foi concluída, os fiéis ficaram satisfeitos com a nova igreja?

G. H. C.: Sim, correspondeu com as expectativas. A igreja é muito bonita, embora não esteja ainda acabada.

MAURO FERREIRA – 23 de fevereiro de 2021

E: Qual é o seu nome?

M. F.: Padre Mauro Ferreira.

E: Qual sua formação acadêmica?

M. F.: Estudei Filosofia no Instituto Filosófico Franciscano São Boaventura, concluída em 1985, e Teologia no Instituto de Teologia e Filosofia do Seminário Maior do Nordeste de Minas, concluído em 1989. Recebi a ordenação presbiteral em Teófilo Otoni, no dia 9 de dezembro de 1989.

E.: No seminário, você teve alguma formação artística?

M. F.: No curso de Filosofia, tive aula de Estética, História da Arte e também dentro do curso de História os diversos estilos de arte dentro da história, que eu me lembre no curso de Teologia, dentro do curso de Liturgia, um curso de espaço litúrgico baseado naquilo que foi determinado pelo Concílio Vaticano II, mas também resgatando a História da Arte dentro da Igreja na História da Arte Sacra. Depois eu fiz um curso de liturgia, onde estudamos história da arte litúrgica no Brasil.

E: Poderia fazer um breve histórico da igreja matriz de Nossa Senhora de Monte Serrate de Cotia, e da reforma feita nos anos de 1990?

M. F.: Como é muito tempo de história, são mais de 300 anos, fica difícil relatar tudo, né? O padre Daniel Balsan, na época em que era o pároco, fez para o jornal local umas transcrições do livro tombo desde 1713, e tem muita coisa nessas transcrições ele publicava uma vez por mês, e eu tenho essas transcrições do livro tombo. Se interessar, eu posso pedir para fazer cópia de tudo e aí você pega o que é bastante material com muitas coisas interessantes, sobretudo dos visitadores que vinham do Rio de Janeiro no século XVIII ao XIX é bem interessante, também tem coisas da reforma de 1911, de 1935 ,e tem a reforma que foi feita pelo Pe. Luiz Sochiarelli, que ele pode relatar melhor e o Sr. Dirceu, como eu falei. Na verdade, o altar estava tombando porque a sua parte debaixo estava apodrecendo e, aí então, se fez uma laje e se fizeram vigas nas laterais e substituíram a capela do Santíssimo que ficava à esquerda do altar-mor com parede e a sacristia que ficava à direita do altar-mor, isso foi feito acho que na década de 1980 e 1990 e se substituiu também o altar móvel, aliás substitui não, se refez o presbitério, desfez o altar-mor, onde hoje é só tem o frontão do altar-mor. O altar onde se celebrava missa não existe mais e se fez um altar móvel, que é esse de granito que não tem nada a ver com o conjunto da igreja, quem conhece sobre essa reforma o Pe. Luiz pode falar bastante e o Sr. Dirceu também, mas sobre a construção e sobre fatos curiosos da igreja a gente encontra nesse relatos do livro tombo que foram transcritos pelo padre Daniel, é interessante como material de estudo, enfim, como material para sua pesquisa. Eu acho que tem mais fundamento agora

o livro tombo, fica, como eu disse, lá no arquivo do Ipiranga se você quiser pesquisar e precisar de autorização, mas eu acho que você deve ter conhecimento lá do responsável pelo arquivo Arquidiocesano, então fica fácil ter um contato, mas é um trabalhão danado, né, só para descobrir nos livros no livro tombo ou nos livros tombos do que tem, que me interessa, é uma pesquisa danada, que mais que eu posso dizer, a última reforma não foi bem uma reforma, mas foi uma recuperação da igreja, feita em 2013, de lá para cá a gente tem feito reparos, restauração, recuperação do telhado, né, é porque estava com muita goteira de madeira apodrecida, enfim, mais uma hora se você puder conforme vai olhando, fotografando, eu vou descrevendo as coisas, nós temos imagens provavelmente do século XVIII e do início do século XIX e meados do século XX, também é isso, padre, aí tem um pouquinho da história, né, como é que foi o que surgiu a igreja este artigo foi escrito pelo Pe. Carlos na época que ele era seminarista, que ele andou escrevendo para o site da diocese, é basicamente o que eu tenho de informação também aqui comigo.

Na década de 1980 e 1990, a paróquia era muito maior do que ela é hoje, e houve várias construções que foram feitas, a matriz sofreu aquela intervenção, na época do padre Luiz Sochiarelli, ele que sabe a história toda, aliás, a versão dele a respeito da história. Tem outras pessoas que sabem, como, por exemplo, o Sr. Dirceu, que você conhece bem e que está fazendo o trabalho aqui na secretaria, na administração, que pode ser entrevistado. Eu vou procurar no livro tombo para ver se tem alguma coisa, mas acredito que não, desse período da década de 1980 e 1990. Recentemente, foi feita uma recuperação, pintura por ocasião dos 300 anos no tempo do padre Odair, isso também tem projeto, esse foi um pouco mais cuidadoso. Agora, a matriz tem duas grandes reformas em 1911 e 1935, mas não lhe interessa por causa do período, mas são as reformas mais interessantes, e o livro tombo dessa época está no arquivo arquidiocesano.

Temos dois ou três álbuns de fotos de vários períodos da igreja, tenho foto, eu acho que a foto mais antiga de 1935 não dá para ver muita coisa, mas dá para ver como é que ele era no começo do século passado. Eu tenho uma foto da igreja para o lado de fora em 1926, agora essa configuração que perdura até hoje foi feita no começo do século passado, a parte de fora ela não era assim, a gente não sabe ao certo como era a igreja em 1713, porque ela foi sendo feita aos poucos, então a parte de fora certamente é do começo do século passado ou final do século XIX, os altares laterais sei que são de 1911 e de 1935, pois não havia altares laterais, antes só o altar-mor e dois altares de madeira que estão ali logo na frente né parecem ser do século XVIII, mas ela foi sendo construída aos poucos. Temos três álbuns de fotos de vários períodos, em que você pode ver o altar como é que a igreja era,

tem relatos também das pessoas que são mais antigas, que lembram que a igreja tinha um piso de madeira e outros componentes que foram tirados, mas tenho algumas fotos.

DIRCEU BENEDITO ALVES – 25 de fevereiro de 2021

E: Qual é o seu nome?

D. B. A.: Meu nome é Dirceu Benedito Alves, sempre fui católico, fui batizado nesta igreja de Nossa Senhora de Monte Serrate e moro em Cotia.

E: Você se lembra da reforma feita nesta igreja na época dos anos de 1990, na época em que o Pe. Luiz Antônio Sochiarelli era o pároco? Havia algum grupo de leigos ou alguma comissão ou conselho para assessorar o padre?

D. B. A.: Acompanhei a reforma feita pelo Pe. Luiz Sochiarelli na época que era o pároco, sempre houve conselhos na igreja de Cotia e sempre participou com conselhos, mas nessa ocasião o padre Luiz foi mais na linha pessoal, ele à frente das questões, havia um conselho, mas que não foi ouvido.

E: Quais obras foram feitas durante a reforma?

D.B.A.: Nesta reforma foi mexido principalmente na parte do presbitério da igreja, foram derrubadas paredes laterais que separavam a antiga capela do Santíssimo e a sacristia, as paredes eram de taipa e o presbitério foi tirado à parte de degraus que havia de azulejo português, a mesma cerâmica ainda se preserva no piso da nave central.

E: Qual era a motivação para a realização desta obra?

D. B. A.: A intenção foi ampliar o espaço para que mais pessoas pudessem participar das missas, as pessoas ficavam na capela do Santíssimo e não conseguiam ver o altar, e foi colocado um piso de mármore. Com a reforma, a capela do Santíssimo foi extinta, pois já havia um sacrário no altar-mor que continua até hoje a ser utilizado. Essa reforma foi necessária exatamente por causa da quantidade de pessoas que frequentavam as celebrações na época. O altar principal saía de onde hoje tem o sacrário e se estendia por três madeiras ou três tábuas, e embaixo se guardava a imagem do Senhor Morto, depois foi feito de alvenaria para trás daquilo lá e se preserva o lugar para guardar a imagem do Senhor Morto, e o altar da frente foi tirado, a saliência (a mesa) que era o altar, e foi criado o altar de mármore que está hoje lá.

E: Foi feito um projeto ou um planejamento para essa reforma?

D. B. A.: Não, não teve e nem existe documento por escrito. O prioritário para essa construção era só a ampliação e a segurança também porque no arco principal, entre a nave central e o presbitério, corrida risco de desabamento, pois era feito de madeira e estava corroído por cupins, também já fora da estrutura das tesouras de segurança que havia, então por isso também foi feita de alvenaria, de concreto, com vigas e baldrames e tudo mais para dar segurança.

E: Houve alguma limitação para a reforma?

D. B. A.: A limitação para a reforma foi financeira e também a da tradição, o Pe. Luiz esbarrou muito nestas questões, na igreja, como era tricentenária, ele esbarrou muito no povo que não queria que a igreja fosse modificada. Por isso a reforma se limitou apenas ao presbitério. Ao desmanchar as paredes de taipa foram encontradas algumas coisas, como uma espécie de relíquias, como se fossem fósseis de folhas de palmeira ou bananeira. Foram encontrados inclusive até ossos de seres humanos, segundo relatos de alguns sejam provavelmente dos fiéis que eram enterrados no interior da igreja. Tudo foi guardado em uma caixa e colocada em uma sapata de concreto, e o padre registrou.

E: Na conclusão da obra, os fiéis ficaram satisfeitos?

D. B. A.: A maioria gostou, já de um tempo para cá Cotia foi perdendo aquela maior tradicionalidade de pessoas, os mais antigos já morreram. Os mais antigos vivos foram bem reticentes quanto à mudança, críticas assim de parte porque destruir, mais a maioria seguiu com o padre Luiz aderindo às mudanças e a melhoria e agradecendo até o fato de ter ampliado o campo de visão. Antes existia também um altar móvel de madeira destacado da parede colocado onde celebravam, aí o padre Luiz resolveu fazer esse novo altar de mármore para ficar fixo, que foi consagrado por Dom Francisco, por volta de 1999, não sei a data exatamente.

E: Sobre as peças novas do presbitério feitas de pedra.

D. B. A.: Foram feitos o altar, o ambão e o suporte para o círio pascal, todos do mesmo material. O que motivou o padre a fazer esse tipo de arte e com este tipo de pedra foi o seu gosto pessoal. Com essas peças o presbitério ficou completamente destoante do restante da igreja.

BENEDITA FRANCISCA MARIANO - 25 de fevereiro de 2021

E: Qual é o seu nome?

B. F. M.: Meu nome é Benedita Francisca Mariano, sou católica, moro nesta paróquia de Nossa Senhora do Monte Serrate desde que eu nasci.

E: Sobre a reforma que aconteceu na década de 1990, você lembra se havia alguma comissão ou conselho de leigos que ajudavam o padre na reforma?

B.F.M.: Em 1997, eu trabalhava como voluntária nos fins de semana aqui na igreja, realmente ele tinha uma comissão como o Conselho Paroquial de Pastoral (CPP), mas não era específica para a reforma em si.

E: Qual é o motivo desta reforma?

B. F. M.: Naquela época, a igreja comportava muita gente e ficava muito pequena, com isso o padre que começou essa reforma achou melhor ampliar, principalmente a sacristia, que ficava superlotada, e o altar, então ele teve a ideia de ampliar essa parte da frente da igreja para ter mais espaço, pois as pessoas ficavam muito aglomeradas, na época. A igreja assim lotava, tanto na nave como nas laterais, então ele achou melhor ampliar a igreja, a parte do altar. A prioridade dessa reforma é a ampliação, mas se houver mais alguma coisa eu não sei nem dizer. Eu me lembro vagamente que o altar estava bem corroído por cupins e havia muita madeira podre, talvez isso também seja uma outra motivação para a reforma.

E: Havia alguma limitação para a reforma?

B. F. M.: Que eu saiba não. Eu acho que a prioridade dele era reformar tudo, expandir por exemplo. Ele queria criar o salão paroquial, aqui em cima tinha apenas um salão, aí ele aproveitou para fazer mais um salão para mais reuniões, para mais pastorais.

E: Quando foi concluída a obra da reforma do altar os fiéis da paróquia ficaram satisfeitos?

B. F. M.: Quando ele começou a mexer, teve muitas pessoas da época até alguns estão falecidos, que ficaram descontentes, ficaram muito tristes mesmo que fosse uma necessidade, mas o padre não acatou, ele dizia que tinha que fazer, que era preciso e que iríamos fazer. Estas pessoas eram importantes na paróquia, eram fiéis bem antigos de famílias tradicionais da cidade, algumas delas ficaram contra até o ponto de não participar no começo da igreja por causa disto, teve as pessoas que ficaram muito tristes assim por terem mexido, porque eles tiveram uma vivência sempre vendo a igreja daquela maneira e depois ver de outra maneira formada, então acho que choca o sentimento de cristão dela, mas hoje isso não acontece, graças a Deus.

E: Sobre as peças novas do presbitério feitas de pedra.

B. F. M.: Eu acredito que o padre Luiz não tenha um conhecimento profundo da arte barroca e acho que ele queria algo assim mais moderno e prático, mais fácil de limpar, talvez também pelo preço. Se ele tivesse conhecimento sobre a arte barroca, talvez tivesse preservado algumas coisas ou talvez na época teria contratado uma empresa para fazer a restauração do altar e dessas coisas e não fazer a obra sem um suporte técnico especializado.

ANTÔNIO TADEU MARTINS PEDROSO – 9 de março de 2021

E: Qual é o seu nome?

A. T. M. P.: Meu nome é Antônio Tadeu Martins Pedroso, eu nasci no dia 15 de setembro de 1949, sou formado em Arquitetura e Urbanismo já há algum tempo, e tenho especialização e pós-graduação em Planejamento Urbano, em Transportes e algumas outras coisas. Estudei na Universidade Braz Cubas, de Mogi das Cruzes, concluí o curso em 1976. Sou católico.

E: O senhor tem experiência com projetos de edifícios religiosos?

A. T. M. P.: Sim, principalmente na época do padre Luiz Antonio Sochiarelli, que foi vigário aqui em Cotia, e do padre Daniel Balzan, que está hoje em São Roque. O padre Luiz está em Ibiúna e o padre Daniel está em São Roque, a gente trabalhou em algumas comunidades, em algumas construções, e um pouco na reforma da matriz. As construções que trabalhamos na época foi no São Miguel no Merisola, São Judas Tadeu no Jardim Panorama, tem também a São José Operário que é ali na beira do morro, tem a própria igreja de Nossa Senhora de Fátima, da época do padre Balzan e depois com o padre Luiz. São diversas igrejas e diversas unidades que a gente trabalhou.

E: O senhor segue alguma linha arquitetônica, algum estilo para um edifício religioso?

A. T. M. P.: Olhe, a gente tem uma concepção de projeto mais atualizada, não penso nada em coisas góticas nem em nenhum outro tipo, nem outros tipos de sincronismo. Aquilo que é do momento, a gente ouve muito a comunidade, desenvolve um estudo e um projeto com a comunidade, a palavra final é sempre da comunidade, e o que surge é o que a gente tira deles. Nem neoclássico, nem gótico, mais para moderna.

E: O senhor lembra se foi feito um projeto para a realização da reforma da igreja de Nossa Senhora do Monte Serrate de Cotia, na década de 1990?

A. T. M. P.: Não, não foi feito o projeto não. Foi acompanhamento direto nosso, juntamente com o padre Luiz, na época, não tinha nada de projeto, decidiu-se que vamos fazer aqui, mexer ali e tudo bem, vamos mexer. O que posso fazer para retirar esta parede? Tem que sustentar isso, tem que sustentar aquilo, tem que mexer naquilo, é, vamos pensar primeiro em segurança. Depois a gente resolve o que tem que resolver.

E: Quais eram as necessidades para essa reforma?

A. T. M. P.: Olhe, as necessidades básicas eram de espaço na nave para a comunidade, criar mais espaço sempre foi o argumento, principalmente do Pe. Luiz. Na parte externa da igreja, os espaços para uso da comunidade, espaço para reuniões, para celebrações, para festas, secretaria, escritório para a paróquia e sempre foi essa o motivo, adequar espaços de uso.

E: Foi levado em consideração que era uma igreja que tinha quase 300 anos, que é uma construção histórica?

A. T. M. P.: A gente levou em consideração a questão de segurança, foi só nisso que foi pensado.

E: Quando derrubaram as paredes ao lado do presbitério, foram encontrados restos mortais de algumas pessoas que foram enterradas ali, se recorda disso?

A. T. M. P.: Não, não me lembro.

E: Havia um limite para a reforma?

A. T. M. P.: Não, também não me lembro. E se existia era o que se dispunha do caixa da igreja que era usado, se faltasse verba se faziam rifas, fazia alguma providência para que pudesse arcar com novos custos. O objetivo principal dessa reforma foi a ampliação e o aumento de pessoas dentro da igreja. Os altares, o altar central e o retábulo estavam muito corroídos por cupim, mas eu sei que estavam bastante corroídos e danificados, mas não cheguei a acompanhar essa época em que retiraram isso. Só pediram meu auxílio na época em que iam tirar as paredes, porque o rapaz que era encarregado de obra lá, ele mora perto daqui, é próximo do Colégio Madre Iva, o Laurinho pediu meu auxílio para ver o que ia fazer de suporte para poder tirar com tranquilidade a parede, só isso. Depois eu não acompanhei nada assim do dia a dia, só acompanhava pontualmente quando precisavam de alguma coisa, quando precisavam de alguma informação técnica. Eu só acompanhei quando me solicitavam para resolver alguma questão técnica de segurança, de instalação, enfim, essas questões que precisavam de um técnico para poder estar acompanhando. Me consultavam sempre que tinham alguma dificuldade.

E: Por que foram escolhidos mobiliários diferentes do estilo da igreja para o presbitério?

A. T. M. P.: Eu não sei não, infelizmente eu não posso te informar disso daí.

E: Na conclusão dos trabalhos, o senhor ficou satisfeito com o resultado?

A. T. M. P.: Eu particularmente não, porque eu vi que desfiguraram as características da igreja. Mas quem sou eu para criticar o que foi feito?

E: A conclusão da obra correspondeu àquilo que o senhor orientou?

A. T. M. P.: Como solução para espaços, preencheu assim como a parte externa, cobertura de salão, de escritório, para secretaria, para paróquia, para tesouraria, enfim essas coisas todas, eu acho que atendeu bem eu só lamento essa questão de ter mexido justamente nessas duas paredes que dividiam a nave com a sacristia e com a capela do Santíssimo.

LÚCIA GOMES TORRESONI – 5 de março de 2021

E: Qual é o seu nome?

L. G. T.: Lúcia Gomes Torresoni. Sou católica apostólica romana. Eu moro na cidade de Cotia, próximo do centro da cidade. Eu frequento a Paróquia Nossa Senhora do Monte Serrate, desde 1971, quando comecei a participar da vida da igreja, antes eu não participava.

E: A paróquia sofreu uma reforma no fim da década de 1990, a senhora confirma isso?

L. G. T.: Acho que não foi bem em 1990, essa reforma foi com o Pe. Luiz Sochiarelli, que ele chegou aqui, se eu não me engano, em 1996, e foi embora em 2006, quando veio o Pe. Odair. Ele ficou dez anos aqui, antes estava o padre Daniel e, com ele, não teve nenhuma reforma, só manutenção, um zelo extraordinário que ele tinha com a igreja. No tempo do Pe. Luiz, nesses dez anos que ele ficou, é que houve, eu nem sei se chamo de reforma, chamo de descaracterização.

E: Na época havia alguma espécie de comissão ou um conselho para auxiliar o padre nesta obra de reforma?

L. G. T.: Sim, existia um conselho, eu não fazia parte do conselho, então não sei se esse assunto foi levado ao conselho, eu sei que foi feito e ninguém da comunidade questionou. A reforma foi feita no altar-mor, que era maravilhoso, não que seja feio, ele é lindo hoje, mas para uma igreja nova a ser construída não para o estilo desta igreja. Era um conselho só de pastoral e não específico para a reforma, nesse tempo a paróquia não tinha um conselho para reformas e construções como tem hoje. Não havia uma comissão técnica para reforma.

E: Por que a reforma era necessária?

L. G. T.: Não era, a desculpa ou a alegação que foi colocada aqui nas missas é que a igreja estava pequena para o número de fiéis, então com essa reforma iria aumentar, que a igreja iria ficar como se fosse uma Cruz deitada assim no chão, só que não foi feito, foram tiradas as paredes laterais do altar principal e ela ficou do mesmo tamanho, entrando do lado direito de quem entra na igreja tinha uma porta muito bonita de madeira antiga com vitral em cima, que ficava a sacristia do lado esquerdo, tinha uma outra porta também com vitral que tinha uma capela do Santíssimo muito bonita, então foram derrubadas essas duas paredes e a igreja não aumentou, só tirou a parede, então a desculpa é que estava pequeno o espaço que ia ser aumentado, mas o que não aconteceu. O motivo da reforma não foi a restauração do altar mor que estava corroído por cupins, pois nunca foi feita uma descupinização, nem foi chamada uma empresa especializada para restaurar as peças que tinham cupim. Nunca foi falado que foi tratado, eu não sei. O altar-mor não foi mexido, foi mexido nas paredes, o piso do altar, onde havia pessoas enterradas ali embaixo do altar, que antigamente a igreja

era o cemitério também, não existia cemitério em Cotia, então havia pessoas enterradas ali, a mexida ali foi tirar essas paredes laterais, que eram lindas, e a sacristia mudou e tirou a capela do Santíssimo, e o piso do altar que foi feito agora de granito.

E: Foi feito um projeto ou havia assistência técnica de alguém, um arquiteto ou algo assim?

L. G. T.: Havia um arquiteto que ajudava, que é até morador de Cotia, o Sr. Tadeu Pedroso, é um arquiteto e ele sempre tinha muita amizade com o pároco da época, estava sempre junto, e ele que que ficou coordenando essa reforma.

E: Havia alguma limitação para a reforma?

L. G. T.: Que eu saiba não. A impressão que eu tenho é que a reforma foi feita do jeito que o pároco da época pensou, ele deve ter imaginado e chamou o arquiteto pra dar algumas orientações, a impressão que eu tenho é que ele, por ser filho de pedreiro, aliás o pai dele foi um excelente profissional, e ele também antes de se tornar sacerdote quando era jovem ajudava o pai em serviços de pedreiro, esse trabalho ele tinha. Então acho que ele gosta disso e deve ter imaginado e chamou o arquiteto que era amigo e frequentador também da paróquia, ali paroquiano, e fez isso daí. Não havia nenhuma limitação para a reforma. Faziam-se quermesses e eventos para arrecadar dinheiro para os gastos da paróquia, e não foi apresentado um projeto para a comunidade.

E: Na conclusão da reforma, as pessoas ficaram satisfeitas com o trabalho?

L. G. T.: Os mais jovens, agora eu vou te falar, eu já tenho 77 anos, então o pessoal mais jovem que começou a vir para a igreja agora nessa época achou tudo bonito, que bom ficou bonito, inclusive mexeu até na iluminação toda que não combina com essa igreja, mas os mais antigos sentiram muito, as pessoas mais antigas, tradicionais da cidade, sentiram muito toda esta mexida, e aí tinha a casa paroquial também, era muito bonita e ele morava na casa paroquial, e passou para um quartinho do fundo, fez uma secretaria, e a casa paroquial tinha uma capela do Santíssimo pequenina, muito linda, que era exclusiva do pároco para fazer suas orações diárias. Ele transformou em secretaria, e, quando veio o padre Odair, precisava de sala de catequese, e pôs abaixo a casa paroquial para ter salas de catequese, mas acabou não havendo as salas e virou estacionamento. Eu gosto muito dessas coisas assim, eu dou muito valor ao antigo, à história, a casa paroquial foi o Pe. Luiz Martini, tem gente em Cotia que se lembra da mãe do Pe. Luiz Martini carregando tijolo no avental para ajudar o filho a erguer a casa paroquial. Aí, se a gente não tem sala, usa se a casa paroquial e transforma em salas de catequese, não é, mas é uma pena. Acho que aos padres jovens não é dada a formação, e essa visão de preservação do passado e ao que é antigo. Não culpo o Pe. Luiz, eu culpo a comunidade toda, porque houve uma grande falha da comunidade, principalmente nós, que nos achamos antigos aqui

de Cotia, de sentar e falar: padre, o que você vai fazer? por que está fazendo isso? trocar ideias, eu acho que faltou à comunidade ir vendo as coisas acontecendo, e todo mundo calou e, depois que está pronto, aí não gostou.

E: O que motivou a escolher o novo modelo de altar, que é tão diferente do restante da igreja?

L. G. T.: Não sei informar.

E: Gostaria de acrescentar mais algum detalhe?

L. G. T.: Eu só desejo que isso sirva para o seu trabalho, que as pessoas todas despertem para o valor que tem, é como as coisas dos nossos pais, dos nossos avós, você não vai guardar de tudo que é do pai, tudo que é dos avós, mas alguma coisa você tem deles que te remete àquela pessoa querida que fez parte da sua vida, então quando eu olho aquele altar até hoje eu sinto um aperto no coração, porque falar assim: meu Deus, quantas pessoas comungaram nesta mesa, a mesa do altar foi vendida, é tanta história que se a gente fica falando parece que a gente tá querendo falar, que não estou querendo falar mal do padre, pelo amor de Deus não é isso, mas essa falta de informação. O que eu gostaria de acrescentar é que na formação de sacerdotes entre todos os estudos que vocês têm, importantíssimo para a evangelização que tivesse também um olhar para esta preservação, quando um sacerdote fosse enviado a uma igreja antiga, que ele preserve, se alguma manutenção tem que ser feita, ele tem que ter uma equipe junto dele, ele tem que trocar ideias com a comunidade, porque aí fica uma coisa bonita. E se precisar construir, uma vez eu falei por que não se constrói uma outra igreja, se esta é pequena e deixa esta para visitação para durante a semana missas que têm menos fiéis. Eu gostaria que tivessem um olhar, que os sacerdotes jovens tivessem esse olhar pelo valor que têm as coisas antigas, dos antepassados que construíram aquilo, preservaram durante quase 300 anos e aí a gente põe abaixo e acha que não tem valor.

LUIZ ANTÔNIO SOCHIARELLI – 21 de maio de 2021

E: Qual é o seu nome?

L. A. S.: Luiz Antônio Sochiarelli.

E: Qual a sua formação acadêmica?

L. A. S.: Eu sou formado em Filosofia e Teologia, me formei em Teologia em 1995 e estudei em Brusque, Santa Catarina, fiz a faculdade em Florianópolis, a Filosofia e a Teologia também bem próximo no Instituto Teológico de Santa Catarina.

E.: No seminário, você teve alguma formação artística em geral?

L. A. S.: Não, na verdade eu fiz o seminário no instituto missionário, então nós conhecemos vários artistas, vários padres que trabalharam nesta área, mas formação mesmo não.

E: O senhor ficou quantos anos no Pontifício Instituto das Missões Exteriores (PIME)?

L. A. S.: Sim, é o instituto das missões. Eu fiquei por nove anos. A Filosofia e a Teologia eu fiz lá. É um instituto de vida apostólica que não tem votos.

E: Onde o senhor foi ordenado padre?

L. A. S.: No Santuário do Cottolengo em Cotia, em 1996. Quando eu fui para o PIME mantive um contato bastante próximo com a diocese através do bispo Dom Francisco e quando o PIME me colocou um desafio de passar um ano como diácono em Macapá, durante esse período eu decidi voltar para a diocese, então só voltei para ser ordenado sacerdote.

E.: O Senhor se lembra da reforma que foi feita na igreja de Nossa Senhora do Monte Serrate, em Cotia?

L. A. S.: Lembro, mexi em muita coisa lá. Eu cheguei lá em 1996 e devo ter concluído a obra no ano 2000, foi um ano jubilar. Fiz a dedicação do altar inclusive. Dom Francisco esteve lá conosco para fazer a dedicação.

E: Qual foi a motivação para se fazer essa reforma nesta igreja?

L. A. S.: A primeira reforma foi a do telhado, trocamos todo o telhado e aí foi realmente uma necessidade, havia muita madeira podre e as telhas eram muito antigas, então foi feita toda a reforma do telhado. A motivação foi realmente a segurança. Quando as duas paredes laterais, feitas de adobe, impediam a visibilidade e as pessoas participavam da missa tendo essa parede de 80 cm entre elas e altar, foi assim que eu coloquei colunas e tirei as paredes dos dois lados. A motivação neste caso foi ampliar um pouco o espaço. Também mexi no altar-mor, que é todo de madeira e que também corria o risco de desmoronar porque ele estava apoiando em tijolos de barro, a motivação neste caso do altar-mor também foi de segurança.

E: Foi feito algum projeto com um técnico ou com um arquiteto para essa reforma?

L. A. S.: Não, na verdade não fiz. Eu tinha a assessoria de duas pessoas, um engenheiro, Tadeu, e o irmão dele, o arquiteto. Eu sempre falava para meu pai que era construtor, só que eu falava depois de ter feito, porque ele sempre negativo, ele tinha muito medo. Quem me ajudou muito foi um pedreiro, esqueci o nome dele, inclusive ele nem é da Igreja Católica, ele teve que entrar junto porque quando ele veio para olhar, enfim eu combinei numa sexta-feira e na segunda-feira ele veio dizendo que não teria coragem de fazer a obra, pois seria muita coisa. Só que no domingo, depois que eu fechei a igreja eu quebrei metade da parede ali, à noite, e ele não teve como fugir. Eu, pessoalmente, fiz e infelizmente as filmagens que fiz deste trabalho se perderam.

De frente para o altar-mor à direita no canto onde agora há uma parede, encontrei sepultadas ali três pessoas, tudo isso foi filmado também, provavelmente um casal e uma criança que estavam envoltos em panos, e ainda cabelos e alguns ossos. Eu coloquei tudo num saquinho plástico, e deixei lá dentro da coluna e ficou sepultado dentro de uma sapata grande de 1 x 1 m, nesse canto da igreja.

E: O que te inspirou a fazer o novo altar de pedra?

L. A. S.: O que me inspirou primeiro foi a ampliação feita e teríamos que mexer de alguma forma no altar, então mexer no sentido de abrir um acesso para a direita e para a esquerda, e aí me ocorreu tenho de usar esta pedra, não me lembro de ter pesquisado ou conversado com ninguém a respeito, talvez com os dois, o Tadeu e o irmão dele. Enfim, a decisão foi de colocar a pedra, porém eu me esforcei para manter pelo menos uma presença antiga, fizemos um sumidouro de uns 2 metros mais ou menos de profundidade e colocamos aquela pia batismal depois pensando no conjunto, aí também fizemos o altar e o altar da palavra, bem como suporte para o círio pascal, não sei se ainda conservam, parece que foi tirado o suporte agora. O altar era todo em madeira e estava bastante danificado, então fizemos colunas e viga redonda acompanhando a parte de cima, se reparar todo o conjunto deslocou mais ou menos uns 10 cm, e foi algo que não conseguimos retornar porque iria praticamente desmontar tudo, daí fizemos uma laje de maneira que a imagem da padroeira ficou segura sobre a laje.

E.: O senhor tinha alguma referência de modelo de igreja? Qual seu modelo e referência de igreja?

L. A. S.: Como eu disse, a gente não teve formação nessa área, mas eu sempre fui muito observador, e a referência para mim é essa, partindo do sacrário, no qual eu não mexi em absolutamente nada, a frente do altar feita de maneira grossa porque dentro foi colocada acho que talvez três relíquias e depois à direita do altar a palavra e a esquerda, representando o batistério, o suporte para o círio. Se fosse pensar de novo hoje, talvez eu colocasse o suporte do círio junto ao batistério embaixo. A minha

referência sempre foi meio que instintiva, eu mexi em muitas outras coisas lá na igreja e também outras, e sempre foi meio instintivo, na verdade. A dificuldade que enfrentei é que para manter o estilo, por exemplo, sei lá, tinha a imagem de Santa Ana lá em cima, que era histórica e foi roubada, a restauração foi até proposta com a ajuda da prefeitura, mas a ajuda não veio, daí a questão de valores são muito mais expressivos quando se pensa em restauração.

E: Mas houve um planejamento de gastos para essa reforma?

L. A. S.: Na verdade, Cotia tinha uma boa entrada, então eu nunca tive dificuldades em termos financeiros não, agora não dava para ir nesse nível, vamos dizer, de restauração, porque as exigências são muito maiores. Não houve colaboração de recursos nenhum da parte prefeitura para esse fim. Inclusive o prefeito na época, Sr. Quinzinho, saiu em uma foto ao lado da igreja dizendo que restaurar o patrimônio é restaurar a história da cidade, e aí eu cobrei dele publicamente em uma missa do dia 2 de abril, e eu disse que então o senhor prefeito assumiu que restaurar esse património, como saiu a foto, eu podia falar, restaurar este patrimônio significa restaurar a história da cidade, vamos iniciar uma obra maravilhosa, o secretário de cultura do estado estava ao lado do prefeito e ele ficou bravo pela saia justa que eu o coloquei.

E: Havia um conselho ou algum grupo de leigos que te assessorava, além da assistência técnica que já citou?

L. A. S.: Eu sempre fui muito transparente, então eu apresentava para eles, mas sinceramente, talvez a opinião em questão de cor ou tipo de pedra, alguma coisa assim, mas a ideia principal sempre foi da minha cabeça, eu não partilhei muito não.

E: Quais foram as principais dificuldades que você encontrou?

L. A. S.: Com certeza foram aquelas relacionadas às finanças. O desafio lá sempre foi esse, havia 20 comunidades, então dedicar todo o recurso para a matriz e deixar as comunidades caindo, eu nunca aceitei isso, muitas vezes tinha que parar a obra e até reduzir gastos ali para ir em socorro da comunidade.

E: Houve alguma dificuldade relacionada à liturgia?

L. A. S.: Não.

E: Com a obra concluída, você achou que ela correspondeu às suas expectativas?

L. A. S.: Eu gostei e não mudaria, é como eu te disse, talvez eu teria colocado o suporte do círio junto do batistério, mas só isso. Em termos de espaço e aprovação do povo também, depois que aconteceu e que tudo ficou pronto aí, o povo entendeu qual era a ideia, e ficou muito bom. Antes disso houve resistência do povo, das pessoas mais antigas, porque inclusive nomes como Lúcia Torresani e o

pessoal do Vítor, porque assim eles foram mais pelo histórico do que pelo prático, eu fui pelo prático e, realmente, muitas pessoas até morreram bravas comigo por causa disso. Hoje a igreja está bem ampla e tem toda aquela construção.

E: Você gostaria de acrescentar mais alguma informação que acha relevante?

L.,A.,S.: É tanta coisa, mas o que eu acho importante é assim, embora eu não tenha tido apoio por parte da prefeitura e tal, mais pra frente, com a gestão do Mario Ribeiro, a nossa relação foi muito frutífera e uma das coisas com que inclusive fiquei até chateado que há um tempo falaram de voltar, havia uma escadinha de três degraus que dava diretamente na rua, na frente da igreja, e foi toda aterrada e feita a rampa de modo que até um carro, quando há casamento, consegue acessar, eu agradeço muito ao Mario Ribeiro, que fez aquela rampa. E tem uma situação até curiosa, porque ele queria inaugurar bem bonito no estilo político e eu antecipei essa inauguração para o dia da pessoa portadora de deficiência, fizemos uma pessoa cadeirante entrar e tal, enfim, até hoje as pessoas que acham que fui eu que fiz aquela rampa, quando na verdade foi a prefeitura que fez. Graças a Deus, parece que desistiram de destruir a rampa para redescobrir a escadinha. Outra coisa importante que eu gostaria de concluir, antes de mexer eu fui pesquisar e a Igreja Matriz de Cotia não é tombada pelo IPHAN e não tinha nenhum tipo de tombamento, porque ela havia sido muito mexida ao longo da história, se houvesse o tombamento por parte do IPHAN ou de outro órgão mesmo que fosse municipal, aí eu não teria mexido com certeza.

JEFERSON SANCHES CORREIA LEITE – 14 de maio de 2021

E: Qual é o seu nome?

J. S. C. L.: Jeferson Sanches Correia Leite, sou católico, jornalista, administrador de empresas e desenhista, faço *cartoons*.

E: Você se lembra da reforma que ocorreu na igreja de Nossa Senhora da Penha?

J. S. C. L.: Sim, lembro. Porque quando cheguei aqui ela estava sendo reformada, em 1998. Me lembro de que a cidade ficou muito escandalizada pela questão da reforma, porque a igreja era barroca e o padre da época, o Pe. João, que tinha uma linha mais na teologia da libertação, achava um absurdo gastar milhões com o restauro e que era mais prático e mais econômico fazer uma reforma do jeito que foi feita, retirando toda a parte de madeira, substituindo por alvenaria e o forro de madeira por metal, e que não havia mais problemas com cupins, e o padre deu a razão da reforma que a igreja poderia cair a qualquer momento, porque nos anos anteriores, nas décadas de 1960, 1970 e 1980 a cidade, que na época ainda era distrito, ficou meio abandonada, e a igreja também sentiu os reflexos disso, tendo cupins e vazamentos no telhado, mas não que fosse cair. O padre encontrou pessoas que o apoiavam, inclusive políticos da cidade, e fez a reforma desse jeito, e teve o apoio do bispo, na época Dom Francisco Manuel Vieira.

E: Então o problema não foi financeiro?

J. S. C. L.: Não acredito que tenha sido financeiro, porque o padre tinha muitos contatos com pessoas de posses, e conseguiu muito dinheiro para outras coisas. A paróquia na época dele era muito bem administrada e tinha uma boa reserva financeira.

E: Quanto tempo levou a reforma?

J. S. C. L.: Ela começou um pouco antes de eu chegar, por volta de 1996 que foi iniciada, e para ficar neste estado em que está hoje, inclusive com as pinturas do presbitério, deve ser levado uns cinco ou seis anos.

E: Havia alguma limitação para essa reforma?

J. S. C. L.: Acredito que não, de fato o padre fez o que achou necessário. Na cabeça do padre, a questão de restaurar o estilo barroco da igreja iria dispensar muito custo, tinha a questão da beleza e da pobreza. A liturgia dele tinha sempre um viés político, embora fosse sempre muito gentil e afável.

E: Depois da reforma os fiéis ficaram satisfeitos com a conclusão da obra?

J. S. C. L.: Na verdade, houve uma grande polêmica, porque muitos ficaram revoltados e saíram da paróquia, outros ficaram conformados, porque não se viam na possibilidade de contestar a autoridade do padre, pela simplicidade e senhoras idosas, e outras pessoas que queriam desfrutar da amizade do

padre então concordavam com tudo que o padre falava, mesmo sabendo que não era bom. Havia um antigo órgão inglês de tubos, com quase 200 anos de idade, e que o padre atirou o instrumento musical pela janela da igreja, algumas pessoas que testemunharam o fato falam do barulho dos tubos caindo no chão. A cidade ficou em polvorosa, muitos foram reclamar para os políticos da cidade, por ser uma cidade pequena, e virou questão política, saiu no jornal da cidade, o padre apoiava um político na cidade e não foi possível fazer muita coisa.

E: Você acha que seria possível restaurar a igreja como era antes?

J. S. C. L.: Sim, mas é preciso que tenhamos um padre que tenha disposição em fazer, mas a maioria não quer ter problemas. A cidade tem uma elite com muitas posses, mas grande parte é protestante. Nos anos de 1970 e 1980, foi criado um grande centro protestante na cidade, muito conhecido até no exterior chamado Vale da Bênção e, na década de 1990, assim que a cidade foi emancipada foi feito um grande loteamento popular na cidade, chamado hoje de Jardim Brasil, com isso vieram muitos migrantes do Nordeste, o que fez crescer muito a população da cidade de modo desordenado, em condições precárias, e foi um terreno fértil para o crescimento do número das igrejas protestantes, o que fez com que aproximadamente 70% da população seja protestante. Ao mesmo tempo em que fizeram esse centro de evangelização Vale da Bênção, criaram um condomínio de alto padrão voltado para protestantes de posses, então o Vale da Bênção é visto como o crente rico.

E: Gostaria de acrescentar alguma informação que julgue relevante?

J. S. C. L.: A questão aqui é que não encontraremos relicários nem ostensórios ou cálices, nada do século passado, porque tudo foi perdido, mas algumas peças daqui estão espalhadas, inclusive um altar lateral está em Santana do Parnaíba e algumas peças no Museu de Arte Sacra de São Paulo, próximo da estação da Luz e que inclusive está identificado. O altar-mor não sei qual fim teve, mas se perdeu, o órgão eu sei que foi para o lixo. Muitas peças originais da igreja estão espalhadas, um dia fui ao Museu de Arte Sacra e nas peças há placas de identificação da igreja de Araçariguama.

JOÃO CARLOS DE CASTRO – 13 de abril de 2021

E: Qual é o seu nome?

J. C. C.: Eu sou João Carlos de Castro, sou arquiteto. Estudei Arquitetura no Mackenzie em 1980, tenho alguns cursos complementares de Concreto Armado e Arquitetura Hospitalar, mas me dediquei mais à Arquitetura, projetos de construção civil em geral. Não tenho nenhuma formação específica relacionada à construção de igrejas, embora já tenha trabalhado em outras igrejas e capelas aqui da cidade de São Roque, como a capela de São Pedro que estava abandonada, foi reformada e hoje é uma comunidade atuante. A própria igreja da matriz de São Roque também tinha problemas de instalações elétricas antigas e tivemos que fazer um trabalho maior para adaptar as exigências do Corpo de Bombeiros, onde foi colocado hidrantes, alarmes, uma cisterna e foi trocada toda a rede elétrica que era exposta e foi colocada em eletrodutos embutidos.

E: Foi feito um projeto para a realização da reforma da igreja de Nossa Senhora da Penha, em Araçariguama?

J. C. C.: Não, na verdade projeto mesmo não foi feito. Foi uma reforma ao longo de vários anos, porque a igreja não tinha recurso disponível para fazer tudo de uma vez só. Me lembro que começou reformando a parte elétrica, depois o forro de madeira que corria o risco de despencar, e foi trocado, por último desmontou o altar, que era de madeira e foi refeito em pedra e outros materiais de alvenaria. A madeira do forro estava perdida, e a madeira do altar ficou reservada no mezanino da igreja, depois disso não sei o que foi feito.

E: Qual foi a motivação para a realização desta reforma?

J. C. C.: A princípio era a segurança, porque é uma igreja de outro século. Quando o padre assumiu, a reforma era necessária, embora seja uma igreja histórica, ela ficou muito diferente por dentro. Com a reforma do altar, muita gente não gostou, mas isso foi trabalho do padre João, ele estava mais preocupado com a segurança do que com a preservação histórica. Agora, logicamente que tem cidades, que tem mais recursos, e faz um trabalho com patrimônio histórico e ali não foi feito não. O padre era quem orientava como a reforma devia ser feita.

E: Qual o seu estilo arquitetônico de igreja?

J. C. C.: Eu acho que a arquitetura deve ser um retrato do próprio tempo, então eu não sou contra sejam feitas igrejas em estilos assim modernos, que vão retratar os dias de hoje. É lógico que, quando se pega uma igreja que já existe, você vai tentar refazer aquilo que ela já tenha para manter a originalidade, e isso é importante. As pinturas riquíssimas da igreja da matriz daqui de São Roque

foram todas restauradas por vários anos, com custo muito alto, mas não são todas as comunidades que conseguem fazer isso.

E: O senhor acompanhou o desenvolvimento da obra?

J. C. C.: Mais ou menos, por ser em outro município, sempre que ele solicitava a gente ia lá. Ele fez com o pessoal da comunidade. O que eu fiz foi dar as orientações iniciais, referente à segurança, chamamos um engenheiro eletricista que fez um projeto de elétrica, para reformar a parte elétrica.

E: Na conclusão da obra, o senhor ficou satisfeito com a reforma?

J. C. C.: Me lembro que depois da reforma uma artista plástica se propôs a fazer pinturas nas paredes do altar, as pinturas não são originais. O único erro é não ter mantido a originalidade do altar, mas ele foi desmontado e guardado, quem sabe algum dia ele possa ser remontado e restaurado, hoje a igreja em geral está bem conservada.

LÉA KEIKO HORYI – 12 de abril de 2021

E: Qual é o seu nome?

L. K. H.: Léa Keiko Horyi, sou católica, frequento a paróquia Nossa Senhora da Penha de Araçariguama.

E: Se lembra da reforma feita na igreja de Nossa Senhora da Penha, em Araçariguama, nos anos de 1990?

L. K. H.: Sim, acho que foi em 1993. Eu participava da comissão administrativa. Na época ,a parte de madeiramento da igreja estava praticamente tomada por cupins, então era necessário reformar, em caráter de urgência, o altar, o telhado, as janelas, o forro e o piso foram trocados. Mudou a parte do altar, a característica, porque não fizemos mais aquele trabalho que era todo torneado e não foi feito aquele trabalho de madeira, foi colocado pedra, foi colocado ladrilho hidráulico no piso no lugar da madeira.

E: Por que durante a reforma não foram conservadas as características da igreja?

L. K. H.: Na verdade, o valor, porque aí a igreja não tinha na verdade renda, e aí nós fizemos várias rifas, fizemos bastante festas, bingo, e aí nós partimos para aquele método que a paróquia de São Roque sempre faz todo ano, o sorteio de um carro. Para angariar fundos para fazer isso nós fizemos a mesma coisa, a gente sorteou por dois anos rifa de carro. E aí conseguimos também que as janelas que fossem substituídas com doações. Então uma parte da renda veio de doações, uma parte veio de festa, outra parte das rifas. O principal problema para a reforma foi a parte financeira. Nós fomos analisar e fomos em busca de recursos, porque esse trabalho, se fosse para restaurar, é um trabalho diferente. E tem um pessoal específico para fazer esse trabalho e, na época, quando nós fomos procurar para tentar deixar da mesma forma, estava totalmente inviável. Foi cogitado fazer a restauração, mas a única coisa que a gente conseguiu restaurar foi o sacrário.

E: Foi feito algum projeto para essa reforma?

L. K. H.: Sim, a construtora na época foi a Castro e Sabino, que agora acho que é só Construtora Castro se não me engano. O Sr. João Carlos Castro foi o engenheiro, ele veio e fez as alterações, essa construtora é de São Roque. Me lembro que, quando Pe. João fez a reforma, ele me mostrou um arquivo em que ficou tudo colocado em pasta e arquivado, e aí depois não sei o que se fez com essa documentação, depois que mudou vários padres não sei o destino desses documentos.

E: Quais eram as prioridades para o projeto da reforma da igreja?

L. K .H.: Não sei quantas reformas a igreja já tinha sofrido antes, sei que, quando o padre veio para cá, em 1985, ele identificou os problemas, e só conseguimos arrecadar fundos para reforma, levou

algum tempo, logo que ele veio não tinha praticamente renda aqui em Araçariguama. Ele que começou junto com o pessoal a visitar todas as empresas para tentar fazer uma parceria com esse pessoal para tentar levantar fundos para a igreja. Aqui em Araçariguama a igreja é um ponto de referência, um bem cultural, é um prédio do século XVII. O padre enfrentou divergências aqui, o pessoal queria que fizesse e restaurasse da forma que estava, só que não tinha condição, a gente não tinha como fazer isso daí. A principal limitação para essa reforma foi a parte financeira. Era um caso de emergência, porém não tínhamos recursos. A reforma durou acho que uns três ou quatro anos para fazer.

E: Os fiéis ficaram satisfeitos com a conclusão da obra?

L. K. H.: Quem frequentava a igreja sim, agora alguns empresários tentaram fazer até um movimento para parar com a construção, com a reforma, mas, por causa da mudança, estava mudando totalmente a estética da igreja.

E: Poderia me falar sobre as partes laterais da igreja, onde hoje há alguns bancos, mas não é possível ver o altar, sempre foi desse jeito?

L. K. H.: Sempre teve bancos ali, e até pedimos ao engenheiro que aumentasse os arcos, e diminuísse assim o espaço fechado que era, era mais fechado ainda, mas, como ficava muito difícil de visualizar o altar dali das laterais, então nós pedimos para ele tentar aumentar os arcos o máximo que desse, sem que prejudicasse a estrutura. Aumentou aqueles arcos que eram bem menores, mas não foi derrubada nenhuma parede da igreja.

DORALICE NUNES DA CRUZ RODRIGUES – 12 de abril de 2021

E: Qual é o seu nome?

D. N. C. R.: Doralice Nunes da Cruz Rodrigues, sou católica apostólica romana, frequento a paróquia Nossa Senhora da Penha, em Araçariguama.

E: Se lembra quando aconteceu a reforma da igreja de Nossa Senhora da Penha?

D. N. C. R.: Exatamente não me lembro bem o dia quando começou, mas sei que foi mais ou menos em 1994. A reforma foi um pouco demorada porque foi tirado todo o forro da igreja, porque o forro estava todinho tomado de cupins, e foi tirado todo o forro e bastante portas e foram trocadas todas as janelas. Foi feita uma campanha, todo mundo doou uma janela, só que isso já era em 1996, demorou um pouco porque tinha pouca participação do povo, pois não havia padre aqui, o padre vinha de São Roque uma vez por mês e a igreja foi ficando meio assim sem reforma e o cupim foi tomando conta mesmo. A igreja era toda de madeira, a madeira está toda mole e se podia dobrar a madeira, pois estava toda podre. Havia um desenho na parede, mas também foi tirado, pois as paredes também estavam ocas, pelo menos perto do altar, os rebocos estavam caindo. Foi reformado tudo, foi feito outro altar que antes era de madeira e estava com cupim, foram comprados bancos, tiradas as madeiras que estavam podres, as madeiras que se pode fazer se fez tratamento, trocaram as portas, somente a porta da frente é a mesma porta desde que me conheço por gente.

E: Poderia descrever como era o altar antes da reforma?

D. N. C. R.: O altar era de madeira. Eu tenho algumas fotos que posso te enviar.

E: Quando começou a reforma, os fiéis estavam animados com a obra?

D. N. C. R.: O povo aqui não é muito animado, porque quase não tinha padre, nem pastorais, era bem fraco. Eu sou nascida e criada aqui, sempre ajudei nas coisas da nossa igreja, só que às vezes em poucas pessoas não resolve muita coisa. Mas foi tirado o altar de madeira e colocado de pedra.

E: Existia algum conselho ou grupo de leigos para assessorar o padre na reforma?

D. N. C. R.: Estava começando, mas não posso falar onde está escrito as coisas que eram. Tinha gente sim que ajudava a tomar conta das coisas da igreja, tinha tesoureira, presidente. O cupim acabou com a igreja, tínhamos medo de que o forro pudesse cair na cabeça dos fiéis. No meio da nave da igreja, o forro foi ficando encurvado. A igreja ficou completamente diferente por dentro, mas não sei por que não foi conservada a aparência interna, a desculpa era a infestação de cupins, e nós não éramos entendidos dessas coisas e que continuaria do mesmo jeito, teria de gastar muito para fazer o tratamento.

E: Havia algum engenheiro ou arquiteto que fez o projeto?

D. N. C. R.: Sim, tinha. A Léa ajudava muito o padre nessa parte, ela é católica, e ajuda bastante nessa parte.

E: Foi feito um projeto para essa reforma?

D. N. C. R.: Não sei muito sobre isso, mas a Léa deve informar melhor.

E: Houve alguma limitação para a reforma da igreja?

D.N.C.R.: Acho que não, mas não sei informar, pois não era envolvida nesses assuntos.

E: A senhora, ficou satisfeita com a conclusão dos trabalhos da reforma?

D. N. C. R.: Fiquei feliz por uma parte, porque de vez em quando ainda aparecem cupins em algumas portas lá, mas a igreja ficou completamente diferente, mas não dá para fazer mais nada hoje.

LUZIA DE LIMA COTRIN - 14 de abril de 2021

E: Qual é o seu nome?

L. L. C.: Luzia de Lima Cotrin, sou católica. Sou pedagoga com pós-graduação em Conservação e Restauro de Pintura em Cavalete. Gosto do estilo Renascentista e Barroco.

E: Qual sua experiência com arte sacra?

L. L. C.: Nenhuma.

E: Foi feito um projeto para a realização da reforma da igreja?

L. L. C.: Não tenho certeza.

E: Foi pensando na possibilidade de um trabalho de restauro na igreja? Por que não houve a restauração?

L. L .C.: Não sei responder.

E: Quais foram os trabalhos que realizou e quando foram feitos?

L. L. C.: Fiz a pintura decorativa das paredes com marmorização e *stencil* e, no presbitério, colagem de telas com pinturas acrílica da artista plástica Patrícia Magano. Tempo de trabalho foi de mais ou menos quatro meses.

E: Quais eram as prioridades e exigências para a realização da obra?

L. L. C.: A limpeza das paredes.

E: Houve alguma limitação durante a realização da obra?

L. L. C.: Não.

E: Você ficou satisfeita com a conclusão dos trabalhos?

L. L. C.: Ao que foi proposto, sim.

E: Gostaria de acrescentar alguma informação que julgue importante?

L. L. C.: Acho que a motivação foi uma necessidade de deixar com menos distração. Vou postar as fotos e fico um pouco constrangida, pois na época não tinha nenhuma experiência. As pinturas do presbitério foram feitas pela artista plástica Patrícia Magano. Tenho a amostra que fez em aquarela e apresentou para a comunidade. Penso que a última arte da igreja foi feita no século XIX. Estava muita deteriorada por ter tido problemas no telhado, acredito que mais avermelhada.

EDUARDO APARECIDO DOS SANTOS – 09 de março de 2021

E: Qual é o seu nome?

E. A. S.: Eduardo Aparecido dos Santos, sou o pároco da paróquia São Francisco de Paula, em Alumínio, diocese de Osasco, São Paulo. Sou graduado em Filosofia pelo Instituto Santo Alberto Magno, no Paraná, ano 2000, e em Teologia pela Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, no ano de 2005.

E: No seminário em que estudou, houve alguma formação artística em geral?

E. A. S.: Dentro do curso de Teologia teve sim uma orientação, mas somente alguma coisa muito muito breve e superficial, no seminário não houve formação deste tipo de modo nenhum.

E: Onde e quando foi ordenado presbítero?

E. A. S: No dia 4 de fevereiro de 2006, na catedral Santo Antônio, de Osasco.

E: Como foi adquirido o terreno da igreja de São Francisco de Paula?

E. A. S..: Muito antigamente a igreja matriz de São Francisco ficava muito próxima à empresa CBA, de modo que a empresa nesta cidade foi evoluindo, foi crescendo, então a diretoria propôs na época a coordenação da igreja, ao responsável da igreja uma troca em que a empresa ficaria com aquele espaço pequeno da matriz pronta, mas dariam e deram de fato um grande terreno e construíram a igreja, deixando o esqueleto do edifício, mas o acabamento foi feito pela própria comunidade.

E: O que motivou a construção da nova igreja?

E. A. S.: Foi a necessidade da CBA, exatamente a empresa é predominante na cidade, todos estavam em volta dela, é a cidade que cresceu em volta da CBA.

E: Existe algum projeto arquitetônico ou de engenharia para a construção?

E. A. S.: Sim, nós temos sim, temos os pré-projetos que não foram concluídos e depois o projeto em si nós temos também, é algo muito interessante e, por sinal, bem moderno para a época, não muito funcional ao longo do tempo, mas foi bem ousado.

E: Quem fez o projeto?

E. A. S.: Neste momento, infelizmente eu não tenho o nome da pessoa, mas temos aqui a planta.

E: Existe um engenheiro responsável que acompanhou o passo a passo dos trabalhos da obra?

E. A. S.: Sim, inclusive o desenho em si foi feito por um arquiteto ligado à Cúria Metropolitana de São Paulo, mas a empresa CBA colocava sempre engenheiros à disposição.

E: Qual foi a inspiração para este estilo da construção desta igreja?

E. A. S.: Por escrito não é há nada, mas o povo diz que é meio um Oscar Niemeyer, qualquer coisa assim, talvez o arquiteto também tenha se inspirado na visita do papa João Paulo II ao Brasil em 1980 e que quis imitar a mitra do Papa.

E: Houve alguma inspiração relacionada à liturgia?

E. A. S.: Que eu saiba não, não houve nenhuma inspiração. Aliás ela não contava com ventilação adequada, contava apenas com duas portas muito baixas, mesmo tendo espaço para seiscentas ou setecentas pessoas sentadas. Na linguagem popular, o modelo desta igreja certamente foi inspirado em Niemeyer, pois a cidade de Brasília foi fundada em 1964, e a igreja foi construída acredito que em 1982.

E: Houve algum planejamento de gastos por parte da comunidade matriz para realizar o acabamento do edifício?

E. A. S.: A CBA construiu a parte mais rústica e deixou a construção semipronta, mas depois a matriz teve que gastar com acabamento. Pelo que eu estudei, pelo que eu li no documento que existe, houve sim captação de recursos, a comunidade trabalhou muito na venda de pastéis, na venda de alimentação, foi uma comunidade que se envolveu bastante. Quanto ao término do projeto, eu penso que fizeram meio que ao léu, não sei se houve acompanhamento, não tem nada escrito dizendo isso. Como antes éramos todos na questão da pastoral que não se dava bola para essas coisas. A comunidade fez por conta mesmo. Certamente o pároco na época deve ter acompanhado, mas naquela base em que o importante era sempre a pastoral.

E: Houve alguma dificuldade na construção?

E. A. S.: Me parece que sim, porque o terreno era um banhado, que é um lugar alagadiço, muito úmido. Pelo que contam tiveram que fazer todo um trabalho para sustentação da estrutura da igreja. Nos últimos anos, fizemos uma torre para que desse uma aparência de igreja, pois a construção segundo a população, em geral, dizia que aquele lugar parecia um grande estacionamento. Mas só na torre foram colocadas entre oito e onze estacas para sustentação por causa do banhado.

E: Hoje a construção atende às necessidades que se tinha em mente na época do projeto?

E.A.S.: Eu cheguei a essa paróquia a sete anos atrás, encontrei uma matriz no modelo original com apenas duas entradas com 2 metros de altura por 2 metros de largura, uma coisa bem interessante, abrimos cinco portas, instalamos seis exaustores no teto para que o ar quente pudesse sair, e melhorar a ventilação. No futuro, colocaremos mais seis exaustores. A estrutura em si é uma estrutura moderna, mas que não era bem ventilada e era desconfortável para o povo, pois fazia muito calor e não tinha ventilação. Antes disso aqui existia uma pastoral que fazia acolhida das pessoas e que ficava de

prontidão, porque em todas as missas tinham que levar gente ao pronto-socorro devido ao calor que fazia dentro da igreja. Hoje isso não acontece mais, embora faltem ainda alguns exaustores, mas agora está bem mais confortável. Tivemos que reformar uma outra igreja antiga, tanto ou até mais antiga do que a matriz e estamos fazendo nas laterais dela aqueles buracos de igrejas antigas chamando óculos, para que ali tenha ventilação porque infelizmente as igrejas carecem disto, e isso é um modo antigo de construção da igreja, está trazendo mais conforto, um espaço mais sadio para a comunidade. É importante dizer que mudamos também o presbitério e o altar, porque já havia três degraus de acesso ao presbitério e para subir ao altar havia um outro degrau fora de padrão de medida no meio do presbitério com 23 a 26 cm de altura mais ou menos, fazendo com que o altar ficasse mais destacado, mas que era uma dificuldade para subir fazendo uma alavanca muito forte, tanto que dom Ercílio, o bispo antigo, não conseguia mais subir, precisava de alguém para auxiliá-lo, o degrau e o altar eram muito altos. Tivemos que retirar o degrau e trocar o altar por outro um pouco mais baixo, criando um novo *layout* no presbitério e no reposicionamento das imagens dos padroeiros, incluindo santa Luzia.

JOSÉ HENRIQUE MORA DUARTE – 06 de março de 2021

E: Qual é seu nome?

J. H. M. D.: José Henrique Mora Duarte, mas todos me conhecem pelo meu apelido que é “Neto”. Sou católico e sempre participei da paróquia São Francisco de Paula, desde 1955.

E: Sobre a antiga igreja de São Francisco de Paula?

J. H. M. D.: A igreja antiga ficava fora do terreno da fábrica da Companhia Brasileira de Alumínio, e com a expansão da fábrica houve a necessidade de ampliar os prédios e tudo, a igreja acabou ficando dentro da fábrica. Aí que a CBA e o Dr. Antônio Ermínio de Moraes cederam uma área para a construção de uma nova igreja. Por isso houve essa mudança, foi uma necessidade da empresa, porque a comunidade em si, o grupo de fiéis, estava satisfeita com o prédio da paróquia.

E: Foi zfeito um projeto ou um desenho para a construção da nova igreja?

J. H. M. D.: A planta dela, o desenho foi a Cúria que fez, foi elaborado por ela. Na época, o papa João Paulo II havia visitado o Brasil e tentaram imitar na igreja as formas da mitra do papa, arredondadas baseada nisso. A Cúria Metropolitana de São Paulo quem fez o projeto, porque naquela época ainda pertencíamos à arquidiocese de São Paulo, depois é que foi criada a diocese de Osasco.

E: Havia um conselho ou comissão para a construção da nova igreja?

J. H. M. D.: Sim, existia isso. Antes mesmo de tudo isso, a CBA se propôs a construir o alicerce, doando o terreno mais o alicerce e o restante ficou por conta da comunidade. A CBA fez o alicerce. Na época, o pároco era o padre Flávio Fernandes. Foi formada uma comissão para tomar conta da obra e providenciar a arrecadação, festas, enfim, tudo ligado a esse projeto.

E: O que era prioridade no projeto?

J. H. M. D.: O mais importante na época era fazer a igreja o mais rápido possível, para desocupar a área lá em cima, que ficou dentro da fábrica. Trabalhamos dentro do possível, depois montamos uma barraca de pastel, que foi muito bem direcionada e tinha uma boa arrecadação. Conseguimos fazer o piso do altar em pedra e na nave da igreja o Dr. Antônio Ermínio doou as placas de granito para o piso. Sempre houve a participação da CBA de alguma forma, colaborando bastante com toda a construção.

Hoje a igreja sofreu algumas mudanças, por causa da pia batismal, que pelo que me disseram estava do lado contrário, e foi criado um outro local para ela quando fez a reforma, um batistério. A igreja é bem grande e tem espaço para isso. Tivemos que fazer também algumas alterações, como a abertura de algumas portas por causa do calor no interior da igreja, para a ventilação, o telhado é feito de alumínio e não transmite calor, mas a pouca circulação e a concentração de muitas pessoas acabavam

deixando o ambiente interno muito quente. Este formato de igreja foi pensado pela Cúria, não houve nenhuma manifestação da comunidade quanto às formas, não houve uma preocupação por parte da comunidade quanto ao formato, porque a comunidade ficou muito feliz com a área ampla e uma grande igreja próxima das residências. Embora o formato da nova igreja seja bem diferente da antiga igreja, a comunidade não perdeu sua identidade, porque na época com a construção de Brasília e a obra de Niemeyer tínhamos construções modernas, e a nova igreja seguiu essa linha.

E: Quando a obra foi concluída, os fiéis ficaram satisfeitos com a nova igreja?

J. H. M. D.: Relacionado à satisfação sempre tem alguém que faz críticas, mas no geral todos ficaram satisfeitos, não houve nada que contrariasse a instalação da nova igreja, sem problemas.

BENEDITO DIAS – 12 de abril de 2021

E: Qual é o seu nome?

B. D.: Benedito Dias. Sou da Congregação Cristã. Nasci em 1946, aqui mesmo que na época se chamava Rodovalho, e cinco meses depois passou a se chamar Alumínio, então sou Rodovalhense e agora sou Aluminense. Eu morava próximo na época da construção da nova igreja de São Francisco de Paula, e via as escavações e as marcações da igreja, seu surgimento, praticamente vi a igreja sendo construída, na década de 1980, o formato da igreja foi baseado na mitra do papa segundo algumas informações.

E: Por que tiveram que fazer uma nova igreja?

B. D.: A igreja antiga ficava fora da portaria da CBA, ela foi construída na década de 1940 mais ou menos, e a fábrica precisava trazer a sua portaria mais adiante para poder expandir a empresa, e o prédio da igreja ficaria dentro das dependências da fábrica, então houve uma troca com a diocese, onde a CBA cedeu o terreno e deve ter ajudado na construção, e ficou com a antiga igreja que deve ter sido construída por ela também, nos anos 1940. Um fato curioso é que Dona Maria Regina, esposa do falecido Dr. Antônio Ermínio de Moraes, não deixou que fosse demolida a igreja antiga, ela pediu que a igreja se conservasse e não fosse demolido o prédio, embora possa ser usado para outros fins da empresa, hoje o interior da construção é usado como um auditório de eventos da CBA, mas continua o formato da igreja. A igreja nova é bem diferente da antiga, inclusive o próprio cruzeiro da igreja é feito numa estrutura externa, por ser tão moderna passava uma imagem fria. Houve uma época em que pintaram a nova igreja com uma cor muito esquisita e depois os próprios membros da igreja acharam melhor mudar e que uma cor meio rosada nada tinha a ver. As pessoas que visitam a igreja nova, por fora, sentem um impacto, mas quando entram nela ficam surpresos com o espaço e em qualquer lugar dentro da igreja se pode ver o altar, se sente próximo e escuta bem, além disso a luminosidade e acústica são muito boas. Agora com as reformas que foram feitas recentemente, retirando a secretaria que ficava dentro da igreja, o espaço ficou maior ainda. O espaço da igreja foi agora delimitado por um muro e deu mais segurança, antes parecia abandonada e agora parece mais cuidada e, nos fundos do terreno, foi feito uma gruta.

E: Como era o terreno antes da construção da igreja?

B. D.: Era alagadiço, como a praça também que tem em frente à igreja, porque por ali havia muitas minas de água. Inclusive o caminho que passa em frente à capela de Santa Luzia era o único acesso do bairro até a vila industrial.

7.2. FOTOS

Imagens da antiga igreja de Santo Antônio de Osasco, em 1962, acervo de Helena e Luis Tinello

Imagens da nova igreja Santo Antônio de Osasco.

Fonte: https://www.encontraosasco.com.br/sobre/catedral-santo-antonio-osasco/

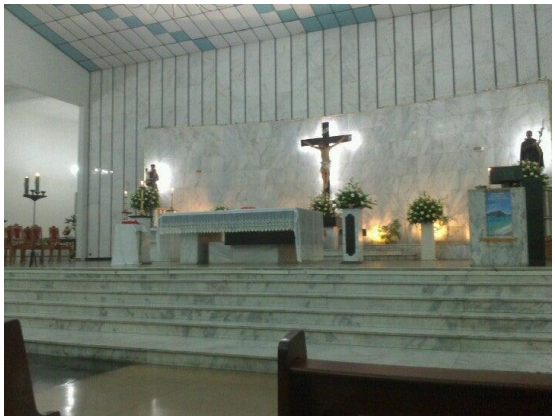

Imagem do presbitério da Catedral de Santo Antônio em Osasco, acervo da paróquia.

Imagem da nave e presbitério da catedral de Santo Antônio, em Osasco, acervo da paróquia.

Imagem externa da nova igreja de Santo Antônio da Vila Caldas, em Carapicuíba.

Fonte: https://www.maesqueorampelosfilhos.com/grupos/maes-que-oram-santa-clara-3/

Imagem interna da nova igreja de Santo Antônio da Vila Caldas, em Carapicuíba, nosso acervo.

Imagem interna e externa da igreja de São Paulo Apóstolo da Cohab, em Carapicuíba, nosso acervo.

Imagem da primeira igreja de São João Batista, retirada do vídeo disponível na internet.

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=NrL6V3he4KQ

Imagem da segunda igreja de São João Batista, na década de 1980, acervo da paróquia.

Imagem externa da nova igreja de São João Batista, nosso acervo.

Imagem interna da nova igreja de São João Batista, nosso acervo.

Imagem externa da igreja de Nossa Senhora do Monte Serrate, em Cotia, em 1928, acervo da paróquia.

Imagem externa da igreja de Nossa Senhora do Monte Serrate, em Cotia, atualmente, acervo da paróquia.

Imagem do altar-mor em 1935 da igreja de Nossa Senhora do Monte Serrate, em Cotia, acervo da paróquia.

Imagem do altar mor, em 1977, da igreja de Nossa Senhora do Monte Serrate, em Cotia, acervo da paróquia.

Imagem tirada a partir do mezanino, onde se pode ver o altar reformado e a nave da igreja de Nossa Senhora do Monte Serrate, em Cotia, nosso acervo.

Imagem externa da igreja de Nossa Senhora da Penha, em Araçariguama, atualmente, nosso acervo

Imagem interna da nave da igreja de Nossa Senhora da Penha, em Araçariguama, antes da reforma, acervo de Luzia de Lima Cotri.

Imagem do presbitério e do nicho da padroeira antes da reforma, acervo da paróquia.

Imagem do nicho da padroeira depois da reforma, nosso acervo.

Imagem da nave central da igreja de Nossa Senhora da Penha, em Araçariguama.

Fonte: https://andarilhofotografico.blogspot.com/2011/07/municipio-de-aracariguama-sp.html

Imagem da nave e presbitério da igreja Nossa Senhora da Penha, em Araçariguama, tirada a partir do mezanino, nosso acervo.

Imagens da padroeira e do sacrário, duas das poucas peças conservadas, nosso acervo.

Imagem da antiga igreja de São Francisco de Paula, em Alumínio, acervo do Sr. Benedito Dias.

Imagem da atual igreja de São Francisco de Paula, em Alumínio, nosso acervo.

Vista interna da igreja de São Francisco de Paula, acervo Pascom da paróquia.